

unesp  Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

GABRIELI DAMADA

**CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICAS EM INGLÊS: Análise e Proposta de
Atividades Pedagógicas, a partir dos Esquemas de Imagem instanciados
pelas Metáforas**



Araraquara – S.P
2018

GABRIELI DAMADA

CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICAS EM INGLÊS: Análise e Proposta de Atividades Pedagógicas, a partir dos Esquemas de Imagem instanciados pelas Metáforas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras -Unesp / Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática: Análise de fatos linguísticos em uso na língua em uma ou mais das seguintes dimensões - fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

Orientador: Profº Dr. Antônio Suárez Abreu

Araraquara – S.P
2018

Damada, Gabrieli

Construções Linguísticas em Inglês: Análise e
Proposta de Atividades Pedagógicas, a partir dos
Esquemas de Imagem instanciados pelas Metáforas /
Gabrieli Damada – 2018

181 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Antônio Suárez Abreu

1. Construções. 2. Esquemas de Imagem. 3. Metáfora.
4. Ensino de Inglês. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GABRIELI DAMADA

CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICAS EM INGLÊS: Análise e Proposta de Atividades Pedagógicas, a partir dos Esquemas de Imagem instanciados pelas Metáforas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras -Unesp / Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática: Análise de fatos linguísticos em uso na língua em uma ou mais das seguintes dimensões - fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

Orientador: Profº Dr. Antônio Suárez Abreu

Data da defesa: 14/09/2018

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu
Faculdade de Ciências e Letras - Unesp / Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues
IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologias de São Paulo / São João da Boa Vista

Membro Titular: Profa. Dra. Beatriz Quirino Arruda Doná
Instituto Integral de Campinas/ Campinas

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Carolina Sperança Criscuolo
PROFLetras – Unesp / Assis e Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Aline Pereira de Souza
Secretaria do Estado de São Paulo/ São Carlos

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
Unesp - Campus Araraquara

Aos meus pais, Carlos Alberto e Luciane, que me inspiraram e sempre incentivaram a busca pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela dádiva da existência;

Ao Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu, carinhosamente conhecido como Tom, por ter me aceitado como orientanda desde 2010, por compartilhar o seu conhecimento e pelas valiosas observações, orientações e sugestões para realização deste trabalho;

Aos meus pais, Carlos Alberto e Luciane, por serem os meus grandes incentivadores e, sobretudo, me auxiliarem e apoiarem ao longo do curso;

Ao meu irmão, Pedro Henrique, pelas leituras e por sempre acreditar no meu trabalho;

Ao meu esposo, Rafael, pelo incentivo, compreensão, paciência e amor;

À Ana Carolina e à Rosana pela grande contribuição que deram a este trabalho no Exame de Qualificação e por sempre me auxiliarem com as dúvidas durante todo o desenvolvimento deste trabalho;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, por oferecem uma formação única e enriquecedora;

Aos meus colegas de trabalho, pela torcida e incentivo;

Aos gestores das unidades escolares em que leciono, que se demonstraram compreensíveis e acreditaram nesta pesquisa desde o início;

A todos os amigos que me apoiaram e fizeram parte desta jornada de estudos, principalmente, Aline, Ingrid e Bia que não mediram esforços e me guiaram durante todas etapas, com palavras de carinho e motivação;

Ao Programa de Qualificação para estudos de Doutorado Unesp/ Centro Paula Souza pela oportunidade e apoio na realização desta pesquisa;

Aos meus colegas do grupo de pesquisa GEPELIC, por propiciarem momentos de reflexão e estudos que foram valiosos para este trabalho.

RESUMO

Na Linguística Cognitiva os esquemas imagéticos foram introduzidos como generalizações mentais de experiências corporificadas, capturando noções de contêiner, percurso, contato, centro-periferia, dentre outras. Esses mapeamentos mentais, advindos de nossa experiência corpórea, nos auxiliam a construir conceitos como afirmam Lakoff e Johson (1980). Logo, utilizar essa teoria para analisar as construções da língua inglesa, bem como considerar o papel das metáforas podem tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo. Dificilmente um docente evidencia o que é uma construção, principalmente, quando possui sentido metafórico. Afinal, normalmente elas aparecem como lista de vocabulário após o texto exposto nos materiais didáticos. Ressalta-se que entendemos por construção o pareamento forma e significado, que existe desde a estrutura de um simples morfema ou um item lexical até construções maiores, como uma oração, frase ou expressão idiomática. Percebe-se assim que o aprendizado de uma língua vai além do domínio gramatical e oral. Desse modo o objetivo desta tese é analisar construções, a partir dos esquemas de imagem instanciados por metáforas, a fim de evidenciar que a compreensão, muitas vezes, exige mais do que a tradução. Afinal o contexto, a cultura e as metáforas também devem ser considerados. Para isso, foram escolhidas construções que não são transparentes ou que possuem mais de um uso. Junto das análises, foi realizada uma pesquisa com estudantes do 1º ano do ensino médio para delimitar a temática, que teve como resultado: esportes, viagens e séries. Após a escolha dos temas, verificou-se no *Corpus of Contemporary American English* (COCA) a produtividade de algumas construções dessas categorias e foi realizada a análise de 21 construções, levando em consideração os princípios da Linguística Cognitiva. Por fim, foi elaborada uma proposta de atividades dividida em quatro etapas, que visa mostrar como os recursos cognitivos podem auxiliar na aprendizagem de construções não literais. Como resultado, concluímos que os esquemas de imagem instanciados por metáforas atrelados ao conhecimento cultural e individual do aprendiz podem melhorar a relação aprendiz-língua e, sobretudo, auxiliar no desenvolvimento de sua fluência. Além disso, considerar as dimensões semânticas, pragmáticas e sintáticas pode motivar o desenvolvimento da habilidade linguística do aprendiz e contribuir para os estudos sobre ensino de construções.

Palavras – Chaves: Construções. Esquemas de Imagem. Metáfora. Ensino de Inglês.

ABSTRACT

In Cognitive Linguistics image schemas were introduced as mental generalizations of embodied experiences, capturing container notions, pathways, contact, center-periphery, among others. These mental mappings, coming from our bodily experience, help us to build concepts, as Lakoff and Johnson (1980) claim. Therefore, it is understood that using this theory to analyze the constructions of the English language and to consider the role of metaphors can make the teaching and learning process more meaningful. A teacher rarely shows what a construction is, especially when it has metaphorical sense. After all, they usually appear as a vocabulary list after the text exposed in the textbooks. It is important to note that construction as the form and meaning pairing, which exists from the structure of a simple morpheme or a lexical item to larger constructions, such as a clause, phrase or idiomatic expression. It is understood that the learning of a language goes beyond the grammatical and oral domain. Thus the purpose of this thesis is to analyze constructs, from the image schemas instantiated by metaphors, in order to show that understanding often requires more than translation. After all the context, culture and metaphors should also be considered. For this, constructions that are not transparent or that have more than one use have been chosen. Along with the analysis, a survey was carried out with students from the first year of high school to delimit the thematic, which resulted in: sports, travel and series. After the selection of the themes, it was found in the Corpus of Contemporary American English (COCA) the productivity of some constructions of these categories and it was carried out the analysis of 21 constructions, taking into consideration the principles of cognitive linguistics. Finally, a proposal for activities divided into four stages was elaborated, which aims to show how cognitive resources can assist in the learning of non-literal constructions. As a result, we conclude that the image schemas instantiated by metaphors linked to the apprentice's cultural and individual knowledge can improve the apprentice-language relationship and, above all, assist in the development of their fluency. In addition, considering the semantic, pragmatic, and syntactic dimensions can motivate the development of the apprentice's linguistic ability and contribute to the studies on constructions teaching.

Keywords: Constructions. Metaphor. Image Schema. English.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema PERCURSO	29
Figura 2 - Esquema FRENTE-ATRÁS	31
Figura 3 - Esquema BLOQUEIO	32
Figura 4 - Esquema PERTO-LONGE	33
Figura 5 - Esquema CONTATO	33
Figura 6 - Esquema CENTRO-PERIFERIA	35
Figura 7 - Esquema CONTÊINER	35
Figura 8 - Esquema EQUILÍBRIO	38
Figura 9 - Esquema DINÂMICA DE FORÇAS com "remover obstáculos"	39
Figura 10 - Esquema LIGAÇÃO com o <i>phrasal verb break up</i>	40
Figura 11 - Esquema PARTE-TODO	41
Figura 12 - A Hierarquia da Estrutura Conceptual nas Metáforas	42
Figura 13 - Exemplo da metáfora conceptual MENTE É UMA MÁQUINA.....	48
Figura 14 - Metáfora Primária TIME IS MOVEMENT	52
Figura 15 - Modelo dos quatro espaços segundo Fauconnier e Turner.....	54
Figura 16 - <i>Blending</i> referente a "Carlos é pai de Gabrieli"	56
Figura 17 - Representação da composição de um <i>Phrasal Verb</i>	66
Figura 18 - Exemplo de verbo frasal múltiplos significados	67
Figura 19 - Provérbio " <i>The early Bird catches the worm</i> "	70
Figura 20 - Ilustração do conceito de Colocação	71
Figura 21 - Representação da expressão idiomática <i>Spill the beans</i>	72
Figura 22 - Idade	75
Figura 23 - Sexo	75
Figura 24 - Nível de Proficiência	76
Figura 25 - Atividades	76
Figura 26 - Temas.....	77
Figura 27 - Esquema PERCURSO na expressão <i>a long shot</i>	83
Figura 28 - Esquema EQUILÍBRIO na construção <i>knockout</i>	85
Figura 29 - Esquema CONTÊINER na construção <i>full deck</i>	88
Figura 30 - Campo de Futebol Americano	88
Figura 31 - Esquema CONTATO na construção <i>touch down</i>	89
Figura 32 - Esquema CONTATO na construção <i>carry the ball</i>	91
Figura 33 - Esquema BLOQUEIO na construção <i>run interference</i>	92
Figura 34 - Esquema BLOQUEIO na construção <i>drop the ball</i>	96
Figura 35 - Esquema CONTÊINER na construção <i>check in</i>	98
Figura 36 - Esquema VAZIO-CHEIO na construção <i>run out</i>	100
Figura 37 - Exemplo de uso da construção <i>fill up</i>	100
Figura 38 - Carro com aparelho de gás.....	101
Figura 39 - Exemplo de esquema CONTATO com a construção <i>May I try this on?</i>	104
Figura 40 - Esquema CONTÊINER na construção <i>live out of a suitcase</i>	105
Figura 41 - Exemplo de uso da construção <i>live out of a suitcase</i>	106
Figura 42 - Esquema PERCURSO na construção <i>round trip</i>	107
Figura 43 - Usos do verbo frasal <i>take off</i>	109

Figura 44 - Uso da expressão idiomática <i>drive me crazy</i>	112
Figura 45 - Esquema PERCURSO na construção <i>pick it up</i>	113
Figura 46 - Esquema PERCURSO na construção <i>packed off</i>	115
Figura 47 – Esquema “aprender uma palavra”	121
Figura 48 - Inserção de questões no <i>kahoot</i>	131
Figura 49 - Entrando no <i>Kahoot</i>	131
Figura 50 - Visualização tela professor e aluno no <i>kahoot</i>	132
Figura 51 - Diagrama elaborado no <i>Coggle</i>	133
Figura 52 - Diagrama Ampliado	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Construções relacionadas ao tema “esporte”	81
Tabela 2	Construções relacionadas ao tema “viagens”	81
Tabela 3	Construções relacionadas ao tema “séries”	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Esquemas Imagéticos Categorizados	28
Quadro 2	Tipos de Construções	61
Quadro 3	Tipos de Expressões Idiomáticas	64
Quadro 4	Outros Temas	78
Quadro 5	Construções Elencadas pelos Estudantes	78
Quadro 6	Indicações de Materiais feita pelos Estudantes	79
Quadro 7	O Ensino de Vocabulário Por Meio dos Métodos de Ensino	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAD	<i>Academic</i>
COCA	<i>Corpus of Contemporary American English</i>
FIC	<i>Fiction</i>
LC	Linguística Cognitiva
MAG	<i>Magazine</i>
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SD	Sequência Didática
SPOK	<i>Spoken</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 LINGUÍSTICA COGNITIVA COMO MODELO TEÓRICO.....	20
1.1 Semântica Cognitiva	22
1.1.1 Teoria dos Esquemas de Imagem.....	26
1.1.2 Metáfora	42
1.1.3 Metáforas primárias.....	50
1.1.4 <i>Blending</i>	52
1.1.5 <i>Blending</i> e Metáfora.....	55
2 LINGUÍSTICA COGNITIVA E OS MODELOS DE GRAMÁTICA	58
2.1 Gramática Cognitiva	58
2.2 Gramática de Construções	59
2.2.1 <i>Chunking</i>	61
2.2.2 Expressões Idiomáticas	62
2.2.3 Verbos Frasais	65
2.2.4 Expressões Formulaicas	68
2.2.5 Colocações	71
3 DO CORPUS ÀS ANÁLISES	74
3.1 Delimitação Temática das Construções	74
3.2 <i>Corpus</i>	80
3.3 Análises.....	82
3.3.1 Construções relacionadas ao tema esporte	82
3.3.2 Construções relacionadas ao tema viagens	97
3.3.3 Construções relacionadas ao tema séries	110
3.4 Considerações sobre as análises	117
4 PROPOSTA DE ATIVIDADES.....	119
4.1 O Ensino de Vocabulário.....	119
4.2 Proposta de Atividades	123
4.2.1 Considerações sobre a proposta de atividades	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICE	145
ANEXOS	148

INTRODUÇÃO

Durante as primeiras aulas de inglês, em modo tradicional, o primeiro conteúdo que os alunos aprendem, ao lado do verbo *to be*, são expressões como *Good morning!* (bom dia); *How old are you?* (Quantos anos você tem?). Quase nenhum professor explica aos alunos que elas são construções¹ fixas e não composicionais, uma vez que a tradução literal de *good morning* não é *bom dia*, mas *boa manhã*; e a pergunta sobre a idade pode induzir o aprendiz a responder utilizando o verbo *to have*. Isso porque o estudante transfere a ideia de posse utilizada em português para o inglês, como em: *Eu tenho 17 anos de idade*. Consequentemente, faz-se necessário entender que o aprendizado de uma língua estrangeira não pode ser resumido ao domínio do vocabulário – entendido apenas como um conjunto de palavras - e da gramática.

Além disso, os textos utilizados em sala de aula, como vídeos, ou outros materiais, acabam apresentando construções que não podem ser apenas traduzidas de um idioma para o outro, como *out of the blue* (de repente), por exemplo.

Deste modo, esta pesquisa visa a explorar o trabalho com essas combinações especiais de itens lexicais, por meio de uma abordagem que não se reduza à tradução ou à memorização. Essas estratégias devem e são utilizadas nas escolas, mas podem ser associadas a outros temas, como cultura, linguagem corporificada e esquemas de imagem, que serão estudados nos capítulos subsequentes da nossa tese.

Ressaltamos que a análise parte do princípio de que utilizamos o corpo para produzir e entender a linguagem, ou seja, não existe um marco divisório entre mente e corpo quando o assunto é linguagem para os estudos modernos de Neurociência e Linguística Cognitiva. Logo, busca-se compreender como nossa mente utiliza nosso sistema sensorio-motor e nossa percepção para construir significados.

Os primeiros a estudar sobre a interação física do nosso corpo com o espaço foram Lakoff e Johnson (1980). A esse tipo de relação deu-se o nome de esquemas de imagem, definidos como padrões recorrentes em nossa experiência sensorio-motora que nos auxiliam a estruturar pensamentos complexos². Interessante notar que essa relação surge junto do nosso

¹ Entende-se por construção o pareamento entre forma (fonemas, símbolos, gestos, gráficos) e sentido (conceitos, esquemas conceptuais que são evocados pela forma) (GOLDBERG, 1995)

² Entende-se por pensamento complexo o fato de o conhecimento e aprendizagem não configurarem processos lineares, ou seja, são imateriais e dependem da experiência do falante com o mundo (DEMO, 2011).

desenvolvimento físico e psíquico durante a infância, por conseguinte, os esquemas de imagem não podem ser considerados como estruturas inatas de conhecimento (EVANS; GREEN, 2006).

Outro ponto abordado é o uso da metáfora como elemento cognitivo de compreensão. Aqui não trataremos da visão da metáfora como abordada em livros de estilística, mas sim como sendo um recurso conceptual amplamente utilizado para construir conceitos abstratos, por meio da compreensão de uma experiência em termos de outra, conforme Lakoff e Johnson (2002).

Acreditamos que tantos os esquemas de imagem como a metáfora conceptual auxiliam na compreensão de construções como: *The phone goes dead*. Isso porque num primeiro momento o uso do adjetivo *dead* causa certo estranhamento, pois é comumente utilizado para designar uma característica humana e caso seja considerada a tradução isolada dos termos não teremos um significado coerente. Todavia, se analisarmos o uso dessa expressão e da sua versão em português: *O telefone está mudo*, identificamos a presença de um processo metafórico e metonímico, ambos adquiridos de nosso conhecimento de mundo, afinal o telefone (substantivo / objeto) não morre ou fica propriamente mudo, mas deixa de funcionar. Essa relação é expressa por meio de características / padrões que são recorrentes, ou seja, adquiridos desde a primeira idade.

Destarte, a metáfora e os esquemas de imagem atrelados ao conhecimento cultural e individual do aprendiz podem melhorar a relação contexto aprendiz – língua e, sobretudo, auxiliar no desenvolvimento da fluência. Em suma, considerar o uso efetivo do idioma – incluindo os níveis semântico, sintático e pragmático – pode motivar o desenvolvimento da habilidade linguística do aprendiz e contribuir para os estudos sobre ensino de construções idiomáticas.

Motivações

Aprender uma língua é um desafio diário, afinal há aspectos que englobam cultura e, que a tradução, muitas vezes, não resolve. Minha experiência enquanto aprendiz de inglês como língua estrangeira foi marcada por inquietações, principalmente, no que dizia respeito à compreensão de construções não literais. Desse modo, quando entrei em sala de aula e assumi as aulas de língua inglesa esses questionamentos voltaram.

Pensando na importância do trabalho com construções com sentido figurado e, o quanto elas são importantes na formação de um estudante que precisa ler, ouve músicas e assiste a

séries que fazem uso do idioma, junto com meu orientador buscamos teorias que poderiam auxiliar no desenvolvimento de um trabalho que contemplasse a não literalidade.

Depois de longas conversas, estudos, o desenvolvimento do Mestrado e a prática em sala de aula, percebemos que a Linguística Cognitiva é uma ferramenta imprescindível e que permite entender o funcionamento do idioma.

Sabemos que muitas vezes, o que aprendemos é colocado em questão quando chegamos em um país falante de língua inglesa, afinal a língua é viva e repleta de expressões, provérbios e metáforas. E é dessa dinamicidade do idioma e dos questionamentos enquanto aprendiz e docente, que surge a motivação desta pesquisa.

Objetivos

Geral

Explicitar como os esquemas de imagem instanciados por metáforas, vinculados a aspectos culturais, podem auxiliar no entendimento de construções utilizadas com frequência em inglês com interface para o português.

Específicos

- a) Coletar construções a partir de questionário aplicado aos estudantes de ensino médio e verificar a produtividade no *Corpus of Contemporary American English (COCA)*³;
- b) Analisar as construções escolhidas por meio dos esquemas imagéticos instanciados por metáforas;
- c) Fornecer subsídios para a realizar um trabalho diferenciado com o ensino de língua inglesa (plano de atividades), especificamente no que diz respeito ao papel da semântica e da pragmática na interpretação de construções, a partir da elaboração de atividades a serem aplicadas em sala de aula.

³ Ressalta-se que esta tese não tem como foco o trabalho com Linguística de *Corpus*, na verdade, utilizamos o COCA para atestarmos a produtividade das construções analisadas.

Procedimento Metodológico e Corpus da Pesquisa

Primeiramente, realizamos a leitura do referencial teórico e delimitamos as principais teorias para desenvolver os objetivos propostos nesta tese. Desse modo, concluímos que a Teoria dos Esquemas de Imagem e das Metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1980) seriam a ferramenta para a realização das análises. Ao definirmos as teorias como base para interpretar as construções, utilizamos a metodologia qualitativa que estimula a reflexão em relação ao objeto de estudo, conforme Flick (2009).

Após a leitura, elaboramos as seções que apresentam as teorias que apoiam esta tese, desde o conceito de Linguística Cognitiva até a exemplificação de diferentes tipos de construções.

No que se refere ao *corpus*, primeiramente elaboramos um questionário no *google forms*, que serviu para tabular as respostas dos estudantes⁴ e permitiu definir a temática das construções a serem analisadas. Os temas escolhidos foram: esportes; viagens e séries. Finalizada a análise das respostas e definição dos temas, buscamos no *Corpus of Contemporary English (COCA)* as construções (por tema) apresentada no capítulo 4. Ressalta-se que escolhemos construções das mais flexíveis às mais cristalizadas (verbos frasais; colocações; expressões idiomáticas; expressões formulaicas) e que exigem um conhecimento anterior do falante para serem interpretadas.

Nessa fase, utilizamos a abordagem quantitativa, pois enfocamos a quantidade de respostas e frequência, para nortear os nossos estudos.

Em seguida, descrevemos as construções por meio das teorias dos Esquemas de Imagem e Metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1980), utilizando a abordagem descritiva. Para isso, buscamos explicar as construções sob uma perspectiva que contemplasse as projeções, simulações e a ideia de linguagem corporificada.

Por fim, elaboramos uma proposta de atividades para turmas de 1º ano do Ensino Médio, de nível básico. Essa proposta foi dividida em etapas e poderá ser aplicada em 10 aulas de 50 minutos cada. No desenvolvimento das atividades, procuramos evidenciar o protagonismo do estudante e a importância de trabalharmos por meio de contextos reais de uso do idioma, levando em consideração as estratégias apontadas por Paiva (2004). Essas atividades visam auxiliar os docentes de inglês como língua estrangeira, no uso de diferentes estratégias para o trabalho com itens especiais do idioma.

⁴ A faixa etária dos estudantes é entre 15 e 16 anos e eles estudam em uma Escola Técnica Estadual do interior paulista.

Organização das Seções

No capítulo 1, são apresentadas as teorias linguísticas utilizadas para realizar as análises. Primeiramente, são expostos os princípios gerais da Linguística Cognitiva, a fim de evidenciar o propósito teórico. Em seguida, dentro da Semântica Cognitiva, apresentam-se a teoria dos Esquemas de Imagem e a classificação das Metáforas, que representam o mote desta pesquisa e possibilitam um olhar reflexivo sobre as construções, no que diz respeito à construção de sentido.

No capítulo 2, são apresentados os modelos de gramática existentes na LC, que são: a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987) e a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), (KAY; FILLMORE, 1999). Embora as visões sejam diferentes, o ponto de partida é a ideia de que a linguagem não é modular. Além disso, apresentamos os tipos de construção com que trabalharemos: expressão idiomática, verbos frasais, expressão formulaica e colocação para esclarecer que existem diferenças entre elas.

No capítulo 3, é exposta a delimitação temática das construções, os dados extraídos dos questionários aplicados aos estudantes, as tabelas de frequência das construções e as análises elaboradas, que foram divididas em: esportes; viagens e séries. Neste momento, além de observar os processos cognitivos que colaboram para a compreensão e produção de sentido, são mostrados exemplos retirados de textos autênticos (orais e escritos) disponíveis no COCA e o uso (tradução) na língua materna.

No capítulo 4, apresentamos, inicialmente, o percurso que o ensino do vocabulário teve no Brasil nas aulas de inglês como língua estrangeira. Evidenciamos também o papel do contexto e do trabalho com listas de frequência, no que diz respeito ao ensino de construções que possuem sentido figurado. Em seguida, há uma proposta de atividades que foi dividida em 4 etapas – apresentação e sensibilização; pesquisa e mobilização; sistematização e produção e avaliação.

Por fim, elaboramos as considerações finais, capítulo composto por reflexões e pelos resultados obtidos.

1 LINGÜÍSTICA COGNITIVA COMO MODELO TEÓRICO

O termo Linguística Cognitiva (LC) refere-se à abordagem para o estudo da língua, que teve início nos anos 70 e que se ampliou como linha de pesquisa em 1980, de acordo com Croft e Cruse (2004). Basicamente, essa vertente surgiu da insatisfação de um grupo de estudiosos em relação ao papel da semântica e da pragmática dentro do modelo da Semântica Gerativa. Esse grupo particular de estudiosos tinha entre seus participantes autores como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, conforme Ferrari (2014).

Esses pesquisadores citados estavam de acordo com a ideia de que “a linguagem é o espelho da mente” (CHOMSKY, 1975 apud FERRARI, 2014, p. 13), entretanto, buscavam encontrar uma abordagem teórica que fosse capaz de compreender a relação entre sintaxe e semântica, principalmente, forma e significado. Segundo Ferrari (2014), a primeira medida tomada foi o afastamento da ideia de que a linguagem é independente de outros módulos cognitivos.

Interessante notar que essa ciência buscava responder algumas perguntas: Os conhecimentos são empíricos ou inatos? Qual é a representação do conhecimento na mente? Como a memória se organiza?. Os conceitos de mente e cognição passaram a ser fundamentais nesse contexto, principalmente, pelo fato de a LC não estudar mais somente a relação linguagem-memória, mas se debruçar sobre outras questões, como o movimento corporal, ou seja, o que nos permite locomover sem esbarrar nos objetos e nos outros.

A abordagem dos estudos da LC foi guiada por três hipóteses, como citam Croft e Cruse (2004, p. 1): “a língua não é uma faculdade cognitiva autônoma; gramática é conceptualização; o conhecimento da língua emerge do uso”.

Pode-se dizer que essas hipóteses surgem como resposta às abordagens dominantes sobre estudo da semântica e da sintaxe da época. A primeira hipótese é a de que a língua não é uma faculdade autônoma, ou seja, “a representação do conhecimento linguístico é essencialmente a mesma que a representação de outras estruturas conceptuais [...]”⁵ (CROFT; CRUSE, 2004, p. 2- tradução nossa⁶). Consequentemente, ela não é autônoma em relação às

⁵ “the representation of linguistic knowledge is essentially the same as the representation of other conceptual structures [...]”.

⁶ As citações em língua estrangeira que foram objetos de tradução serão identificadas pela sigla TN – tradução nossa.

outras faculdades humanas como a visão e a audição, por isso não pode ser estudada de maneira segmentada e sem levar em consideração “a capacidade que os seres humanos têm de processar informações adaptando-se às mais variadas situações possíveis, num curto espaço de tempo” (ABREU, 2010, p.9).

A segunda hipótese baseia-se na máxima de Langacker (1987) de que a gramática é conceptualização. Acredita-se que uma estrutura conceptual não pode ser reduzida à ideia de que seja uma simples correspondência com o mundo (CROFT; CRUSE, 2004). Na verdade, a gramática envolve a maneira como vemos e compreendemos o mundo a partir de generalizações, categorizações e como estabelecemos as semelhanças e diferenças.

A terceira e última hipótese é a de que o conhecimento da língua advém do uso. “A semântica, a sintaxe, a morfologia e a fonologia são construídas a partir do nosso conhecimento de uma fala específica em uma situação de uso⁷” (CRUSE; CROFT, 2004, p. 4- TN). Nessa perspectiva, as condições de produção e o conhecimento de mundo do falante são importantes para a construção do significado.

Além das hipóteses elencadas e da intencionalidade proposta pelos estudiosos, em relação ao estudo do papel da mente na fala, foram estabelecidos compromissos para a Linguística Cognitiva. Esses compromissos foram descritos por George Lakoff (1990 apud EVANS; GREEN; 2006, p. 27), “que os nomeou da seguinte maneira: compromisso da generalização e compromisso da cognição”.

O primeiro tem um compromisso com a caracterização de princípios comuns, que se mantêm por meio de diferentes aspectos da linguagem. Já o segundo, reflete o que é conhecido sobre a cognição humana a partir de outras disciplinas.

Em outras palavras, a organização da língua e da linguística deve ser caracterizada pelos princípios gerais de acordo com o que é conhecido pela mente humana. Embora ocorram alterações de um idioma para outro, há traços que se mantêm, devido ao compartilhamento dos princípios cognitivos.

Destarte, a LC não tem como mote estabelecer regras universais, mas pressupõe a existência de habilidades que nos auxiliam no desenvolvimento de nosso repertório conceitual, que tem relação com nossa experiência cognitiva.

⁷ “semantics, syntax, morphology and phonology are built up from our cognition of specific utterances on specific occasions of use”.

1.1 Semântica Cognitiva

A Semântica Cognitiva é compreendida como uma abordagem do estudo da mente e de sua relação com a experiência corpórea e cultural, de acordo com Evans e Green (2006). Desse modo, tem como interesse os processos que o falante utiliza para categorizar o mundo durante a enunciação.

A língua passa a ser entendida como ferramenta metodológica para a compreensão da organização, da estrutura conceptual e “[...]o significado linguístico é visto como uma manifestação de uma estrutura conceptual: a natureza e a organização da representação mental é rica e diversificada [...]”⁸ (EVANS; GREEN, 2006, p. 156- TN).

Dentro dessa abordagem, a categorização tem um papel importante e é compreendida como o modo como organizamos as informações que aprendemos no mundo, que permite distinguir a riqueza e diversidade de elementos apreendidos pelos nossos sentidos (EVANS; GREEN, 2006).

Os estudos relacionados à Semântica Cognitiva partem de quatro princípios básicos, de acordo com os autores (EVANS; GREEN, 2006, p. 157):

1. A estrutura conceptual é corporificada.
2. A estrutura semântica é estrutura conceptual.
3. A representação do significado é enciclopédico.
4. A construção do significado é conceptualização.

Em seguida, serão descritos esses princípios, que podem ser vistos, de acordo com Evans e Green (2006), como resultado dos compromissos citados anteriormente: compromisso da generalização e compromisso da cognição.

O primeiro princípio estabelece que a estrutura conceptual é corporificada, ou seja, tem origem nas nossas experiências corpóreas e explora a interação do ser humano com a sua consciência sobre o mundo externo. Basta imaginarmos que estamos trancados em um cômodo, no qual as paredes limitam o nosso ir e vir. Caso a porta esteja trancada, encontramos-nos em uma situação de confinamento, uma vez que não conseguimos sair pela fechadura ou por uma janela com grades. Essa sensação de confinamento nos revela um tipo particular de relação física como o que experienciamos no mundo exterior.

⁸ “[...] linguistic meaning as a manifestation of conceptual structure: the nature and organization of mental representation in all richness and diversity [...]”.

Evans e Green (2006) afirmam que esse tipo de associação é explicado pelo que os linguistas cognitivistas chamam de *image schema* (esquemas de imagem). Nesse modelo, o esquema imagético representa as construções de significados que surgem a partir da nossa interação corpórea com o meio.

No caso do confinamento, por exemplo, temos um esquema de imagem de CONTÊINER⁹, que se baseia na interação entre nossa experiência corpórea e áreas limitadas. Lakoff e Johnson (1980 apud EVANS; GREEN, 2006) afirmam que esse esquema de imagem possibilita desde projeções mais concretas até as mais abstratas, como os exemplos a seguir:

- a) *He is in love.* (Ele está apaixonado.)
- b) *He fell into a depression.* (Ele caiu em uma depressão.)
- c) *He's coming out of the coma.* (Ele está saindo do coma.)

Para os autores (LAKOFF; JOHNSON, 1980 apud EVANS; GREEN, 2006), essas sentenças são instanciações linguísticas da metáfora conceptual ESTADOS SÃO RECIPIENTES, que é, por sua vez, construída com base no esquema imagético de domínio de origem para domínio alvo.

Aqui, evidencia-se a relevância dos fatores extralinguísticos para a construção do sentido, pois, para perceber e compreender os sentidos de determinadas palavras, faz-se necessário termos vivido determinada situação, como a noção de confinamento citada anteriormente.

O segundo princípio, “a estrutura semântica é estrutura conceptual”, propõe que a linguagem não possui relação direta com o mundo exterior. Na verdade, Evans e Green (2006) evidenciam que os conceitos emergem de nossa interação com o meio e experiências corpóreas. Nesse caso, as palavras não têm apenas um conjunto possível de significados, pois os falantes têm mais pensamentos, ideias e sentimentos do que é proposto convencionalmente. Exemplo disso é o fato de termos um conceito para o local entre a boca e o nariz, onde há pelos (*bigode/moustache*). Todavia, de acordo com Langacker (1987 apud EVANS; GREEN, 2006, p. 159-TN) “[...] não há nenhuma palavra em inglês que convencionalmente codifica esse conceito (pelo menos não no vocabulário cotidiano). Por conseguinte, o conjunto de conceitos lexicais é

⁹ Por convenção, o nome dos esquemas de imagem é sempre transcrito em letras maiúsculas.

apenas um subconjunto de todo o conjunto de conceitos da mente do falante”¹⁰. Pode-se dizer, assim, que o nosso conhecimento linguístico não é objetivo, mas sim representacional.

O terceiro princípio é o de que a representação do significado é enciclopédica, isso significa que as palavras não representam significados “empacotados”, mas sim pontos de acesso para a construção de sentido. Os autores (EVANS; GREEN; 2006) utilizam como exemplo a palavra *bachelor*, que convencionalmente relacionamos o seu significado com solteiro, *bon vivant*, ou seja, há um conjunto de estereótipos que são acionados quando temos contato com a palavra em questão. Por isso, a frase a seguir parece sem sentido:

‘ *Watch out Jane, your husband’s is a right bachelor!*’ (Tome cuidado Jane, seu esposo é um *bon vivant*)

Ao agregarmos à palavra *bachelor* o estereótipo cultural legado aos solteirões – “garanhão” – poderemos inferir que o exemplo acima é um alerta sobre a infidelidade do marido de Jane e não faz referência a ideia de solteiro.

Outra questão que deve ser abordada em relação ao conhecimento enciclopédico é o fato de que uma palavra pode assumir mais do que um significado dependendo do contexto em que se insere:

- a) *The child is safe.*
- b) *The beach is safe.*

No exemplo *a*, a palavra *safe* é utilizada para designar que a criança está a salvo, fora de perigo. Enquanto no exemplo *b*, há a ideia de que a praia nos oportuniza um ambiente seguro, não submetido aos riscos. Percebe-se assim que há diferentes propriedades para uma mesma palavra.

O quarto e último princípio, “a construção do significado é conceptualização”, enfatiza a ideia de que a própria linguagem não codifica o significado, mas funciona como um meio de acesso a ele (EVANS; GREEN; 2006). Nesse sentido, a conceptualização é um processo que tem como base a construção do significado pelo conhecimento enciclopédico, envolve estratégias de inferência e se relaciona com diferentes aspectos da estrutura conceitual.

¹⁰ “[...] there is no English word that conventionally encodes this concept (at least not in non- specialist vocabulary of everyday language. It follows that the set of lexical concepts is only a subset of the entire set of concepts in the mind of speaker”.

Fauconnier (1994 apud EVANS; GREEN, 2006, p. 162 - TN), diante dessa dinamização, enfatizou o papel dos mapeamentos, que são “conexões locais entre distintos espaços mentais, ‘pacotes’ conceituais de informação, que são construídos durante um processo *online* de construções de sentido”¹¹. A atividade de ler um texto, por exemplo, nos faz acessar o nosso programa *online*, que é constituído pelo nosso conhecimento enciclopédico e, a partir disso, atribuímos o sentido.

Para compreender o enunciado:

No Brasil, Mônica Lewinsky não provocaria nenhum drama institucional.

precisamos, de acordo com Abreu (2010), abrir um espaço mental¹² entre Mônica Lewinsky e o caso que ela teve com Bill Clinton, em 1998, para entender que se trata de uma transposição de espaço. Além disso, precisamos abrir um espaço mental, no qual imaginemos um presidente do Brasil tendo um caso com uma estagiária, e entender que, no Brasil, não daríamos a isso a mesma importância que foi dada nos Estados Unidos.

De um modo geral, podemos dizer que a Semântica Cognitiva não compreende a língua como uma faculdade autônoma e, sim, como um fator que contribui para a construção do conhecimento do indivíduo. Aliás, acredita-se que há entre a linguagem e o mundo objetivo uma mediação, que é realizada pela cognição. Ressalta-se que esse processo está ancorado no mundo real e nos mundos mentais construídos pelos falantes, uma vez que a construção do discurso é dinâmica, depende do contexto e pode ser alterada com base nos fatores sociais, culturais, físicos ou linguísticos.

Justamente por isso a Semântica Cognitiva torna-se uma ferramenta indispensável no que diz respeito à análise de construções. Essas estruturas exigem o olhar sob diferentes aspectos para serem compreendidas: contexto, combinação, cultura, projeção de sentidos, dentre outros. Esses fatores reiteram os princípios propostos pela Semântica Cognitiva evidenciando que a língua não é construída isoladamente e que nossa experiência colabora para uma maior compreensão das expressões, que exigem mais do que uma interpretação objetiva.

¹¹ “local connections between distinct mental spaces, conceptual ‘packets’ of information, which are built up during the ‘on-line’ process of meaning constructions”.

¹² “[...] são domínios conceituais temporários construídos durante o discurso. Esses espaços contêm elementos que são também entidade de construção *online* ou entidade pré-existentes no sistema conceitual” (EVANS; GREEN, 2006, p. 371).

O discente que visualiza essa dinamização da língua pode vir a desenvolver com maior facilidade a sua fluência e entender que a tradução é importante, mas que nem sempre a busca pelos termos isolados colabora totalmente para a construção do sentido.

Já o trabalho do docente em sala de aula poderá ser potencializado. Muitas vezes, ao longo dos textos disponíveis nos materiais didáticos há uma série de construções que são traduzidas no glossário e esquecidas após o término da aula, pois foram vistas como algo que auxiliou na compreensão momentânea.

Entretanto, para o desenvolvimento dos objetivos propostos da aula e visando a formação de um aluno capaz de ler de maneira significativa, que é uma das premissas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1988), o trabalho diferenciado com os tipos de construções é importante e possibilita o desenvolvimento do letramento¹³ do estudante.

1.1.1 Teoria dos Esquemas de Imagem

A Teoria dos Esquemas de Imagem foi desenvolvida dentro da perspectiva da Semântica Cognitiva e foi amplamente influenciada por outras áreas, dentre elas a Psicologia (EVANS; GREEN, 2006).

A noção do termo “esquema de imagem” está ancorada na tese da corporificação da linguagem proposta por Lakoff e Johnson (1980) no livro *Metaphors we live by*, em que os autores questionaram: de onde vem a nossa complexidade associada à nossa representação conceitual? E a resposta foi da “[...] correlação entre os tipos de conceitos que o ser humano é capaz de formar e a natureza física corporal que nós temos¹⁴” (EVANS, GREEN, 2006, p. 178-TN). A partir dessa perspectiva, conclui-se que a corporificação da linguagem é responsável pela estruturação do conceito, enfatizando o primeiro princípio proposto pela Semântica Cognitiva: “a estrutura conceptual é corporificada”.

¹³ Entende-se por letramento a incorporação funcional das capacidades a que conduz aprender a ler e a escrever (PCNs, 1998)

¹⁴ “[...] correlation between the kinds of concepts human beings are capable of forming and the nature of the physical bodies we have”.

Esquemas de imagem: o que são?

Os esquemas de imagem derivam das experiências sensoriais que nós temos ao interagir com o mundo (EVANS; GREEN, 2006). Nesse caso, essas experiências têm um sentido mais amplo, que envolvem, além da percepção física, o emocional e a dimensão histórica, social e cultural do falante.

Esse tipo de experiência surge junto do nosso desenvolvimento físico e psíquico durante nossa infância; por conseguinte não são inatas, de acordo com Evans e Green (2006). Mandler (2004 apud EVANS; GREEN 2006), nesse sentido, cita os trabalhos em Psicologia que observam, no desenvolvimento das crianças (estágio inicial), a orientação no mundo físico. Primeiramente, os pequenos acompanham o movimento com os olhos para, depois, estender as suas mãos e agarrar os objetos, movendo-os.

Isoladamente, *image* (imagem) é equivalente ao uso do termo na Psicologia, no qual o imagético deriva de nossa interação com o mundo, em outras palavras, está relacionado com os sentidos (olfato, visão, audição, tato e paladar). Já *schemas* (esquemas) são conceitos abstratos, sem detalhes que têm origem a partir de experiências corpóreas repetidas. Evans e Green (2006) citam que a palavra *thing* é mais esquemática do que *tea*, sob essa perspectiva.

Para Evans e Green (2006), os esquemas de imagem configuram um tipo especial de conceptualização, uma vez que são os primeiros a emergir na mente dos seres humanos. Consideram, desse modo, serem eles tão fundamentais como o nosso pensamento, já que surgem da nossa interação com o mundo externo e se repetem de maneira inconsciente.

Sendo assim, foram identificados alguns tipos de esquemas de imagem que exemplificam a corporificação dentro da língua.

Tipos de esquemas de imagem

Não podemos afirmar que há uma lista de esquemas de imagem definitiva, levando em consideração que eles são padrões recorrentes de experiências que são abstratas e topológicas por natureza e, conseqüentemente, alteradas a todo tempo, principalmente quando coocorrem com uma experiência gestáltica¹⁵ (PEÑA, 2008).

¹⁵ Gestalt é uma teoria vinculada à psicologia da percepção, fundamentada na tese de que o todo é maior que a simples soma de suas partes (ABREU, 2010, p. 44)

Todavia, alguns autores dedicaram os seus estudos ao estabelecimento dos esquemas mais usados. Um inventário foi proposto por Johnson (1987) e Lakoff e Turner (1989). Além disso, Peña (2008) dedicou-se aos diferentes níveis que há nos esquemas de imagem. Dessa forma, tem-se a lista a seguir:

Quadro 1 – Esquemas Imagéticos Categorizados

<i>SPACE</i>	UP-DOWN, FRONT-BACK, LEFT-RIGHT, NEAR-FAR, CENTER-PERIPHERY, CONTACT, PATH
<i>SCALE CONTAINER</i>	CONTAINMENT, IN-OUT, SURFACE, FULL-EMPTY, CONTENT
<i>FORCE</i>	BALANCE, COUNTERFORCE, COMPULSION, RESTRAINT, ENABLEMENT, BLOCKAGE, DIVERSION, ATTRACTION
<i>UNITY/MULTIPLICITY</i>	MERGING, COLLECTION, SPLITTING, ITERATION, PART-WHOLE, MASS-COUNT, LINK
<i>IDENTITY EXISTENCE</i>	MATCHING, SUPERIMPOSITION, REMOVAL, BOUNDED SPACE, CYCLE, OBJECT, PROCESS

Fonte: CROFT, A; CRUSE, W. (2004, p. 45).

Optamos assim, por explicar e exemplificar os principais esquemas de imagem que nortearão a análise proposta por este trabalho.

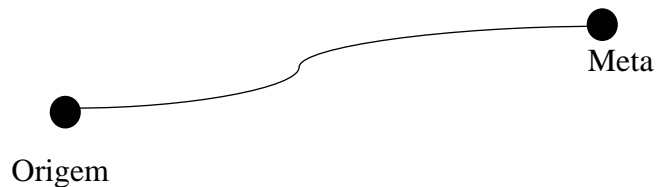
A. ESPAÇO

a 1. Esquema PERCURSO (SOURCE-PATH-GOAL SCHEMA)

Desde pequenos, buscamos explorar o mundo, engatinhamos, damos os primeiros passos, nos movemos em diferentes direções. É dessa vontade de explorar novos caminhos que

surge o esquema de PERCURSO. Basicamente, esse esquema é composto por três elementos: ORIGEM, TRAJETO e META (SOURCE – PATH – GOAL, em inglês).

Figura 1 - Esquema PERCURSO



Fonte: Elaboração própria

Como se observa na figura, há um ponto de partida (ORIGEM) e um ponto de chegada (META). Conseqüentemente, para Feltes (2017) a lógica básica desse esquema é:

1. Indo da origem ao destino, por um determinado percurso, deve-se passar por pontos intermediários.
2. Avançando ao longo do caminho, mais longe se fica do início.

A palavra vida (*life*) é um exemplo. Embora ela seja classificada como um substantivo abstrato, ao utilizarmos em diferentes contextos, atribuímos-lhe características físicas, como em: *Sua vida não vai para frente; Sua vida só anda para trás*. Temos nesses casos, a ideia de imobilidade e de regresso, respectivamente. A ideia de regresso está também presente em:

“Tão careta e retrógado. País anda para trás”¹⁶.

Marieta Severo, ao falar sobre a censura em relação a algumas exposições de arte, utiliza-se da ideia de que o Brasil retornará ao início, no que diz respeito à liberdade de expressão.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2017/10/12/tao-careta-e-retrogrado-pais-anda-para-tras-diz-marieta-severo-sobre-censura-exposicoes/>> Acesso em: 26 dez. 2017.

No caso do inglês não é diferente; em: *It's going on ten years since we met*¹⁷ (Passou-se dez anos desde quando nos conhecemos), temos o percurso do tempo, desde quando se conheceram até o momento da enunciação.

Lakoff (1987) afirma que o uso desse esquema de imagem é vinculado a propósitos, que no caso, são os destinos. Para alcançá-los faz-se necessário passar por caminhos, que podem ou não oferecer contratempos.

a 2. Esquema FRENTE – ATRÁS (FRONT – BACK)

De origem orientacional, esse esquema representa fato de nosso corpo ter uma parte da frente e uma parte de trás (costas) e, também, o fato de andarmos para frente e não para trás. Desse modo, configura-se como um sub - esquema do esquema de PERCURSO, visto que o movimento depende de uma trajetória. Há um ponto inicial (normalmente ATRÁS), um ponto final (FRENTE) e uma série de localizações contíguas que ligam um ponto ao outro (PEÑA, 2008).

“Space scientists and astronomers have taken another step forward”. (PEÑA, 2008, p. 1055) (Cientistas espaciais e astrônomos deram um passo à frente).

Metaforicamente, os cientistas e astronautas movem-se ao longo de uma trajetória para conquistar um determinado objetivo (destino), que constitui alguma descoberta científica que possa melhorar a vida das pessoas.

Em português temos: *“Filme com elenco hollywoodiano é passo à frente de diretor brasileiro”*¹⁸. Esse título faz referência ao avanço do diretor Poyart, que teve o seu primeiro filme duramente criticado. Ter escolhido menos excessos e um grupo de atores estrangeiros auxiliou em seu objetivo (meta), de acordo com o texto de Sérgio Alpendre.

Para Peña (2008) o ser humano tem como tendência conceitualizar o movimento para frente como positivo e para trás como negativo, fazendo surgir, assim, o seguinte mapeamento

¹⁷ Disponível em: < <https://www.usingenglish.com/reference/phrasal-verbs/go+on.html> > Acesso em: 18 abr. 2017.

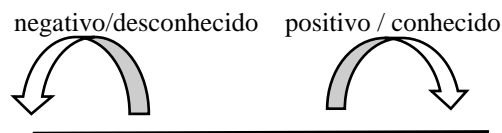
¹⁸ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1742850-filme-com-elenco-hollywoodiano-e-passo-a-frente-de-diretor-brasileiro.shtml> > Acesso em: 03 jan. 2018.

metafórico: “FRENTE É CONHECIDO e ATRÁS é DESCONHECIDO¹⁹ (PEÑA, 2008, p. 1056-TN), esquema exposto em:

“The failure of the experiment put us back at square one”. (O fracasso do experimento nos faz voltar à estaca zero) (Ibidem)

A falha no experimento faz com que os participantes tenham que voltar a fazer a trajetória, ou seja, tiveram de voltar ao ponto inicial do experimento, à estaca inicial (conotação negativa).

Figura 2 - Esquema FRENTE-ATRÁS



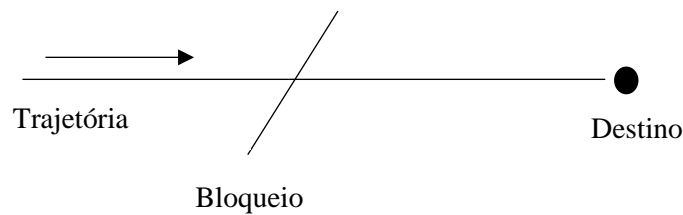
Fonte: Elaboração própria

a 3. Esquema BLOQUEIO (BLOCKAGE SCHEMA)

O esquema de imagem BLOQUEIO faz referência aos obstáculos que bloqueiam o desenvolvimento de determinada ação. Rotineiramente, deparamo-nos com esse tipo de obstrução, seja uma porta fechada, um portão que não funciona por falta de energia, uma via impedida.

Esse esquema é caracterizado pelos seguintes elementos: há uma trajetória, um destino que pode ou não ser alcançado, uma entidade que se move e outra que bloqueia.

¹⁹ “FRONT IS KNOWN and BACK IS UNKNOWN”.

Figura 3 - Esquema BLOQUEIO

Fonte: Elaboração própria

Na sentença: *I couldn't drive here this morning because someone had blocked me in*²⁰, (Eu não pude dirigir aqui nesta manhã porque alguém tinha me bloqueado) o sujeito tinha um destino não explicitado, a entidade que se move seria o carro, mas alguém bloqueou sua saída, possivelmente um veículo estacionado de maneira irregular.

Há casos em que o bloqueio não é físico, como: *Is someone blocking one's path to promotion?*²¹ (Tem alguém bloqueando a minha promoção?) o impedimento é metafórico, uma vez que o impedimento é referente a meta profissional (destino).

a 4. Esquema PERTO – LONGE (NEAR-FAR)

O esquema PERTO – LONGE também deve ser interpretado como um subesquema do esquema de PERCURSO (PEÑA, 2008). Estruturalmente, há duas ou mais entidades: o caminho e a distância entre os elementos (que pode ser próxima ou muito distante).

Esse esquema pode ser observado quando dizemos que alguém está perto de atingir a sua meta. Essa noção de proximidade revela que um caminho foi percorrido e que essa jornada está perto do seu fim.

Se a distância é pequena, o polo PERTO é ativado; quando se trata de uma distância longa, o polo LONGE é ativado. Peña (2008) afirma que essa lógica é proveniente do fato de

²⁰ Disponível em: < <https://www.usingenglish.com/reference/phrasal-verbs/block+in.html> > Acesso em: 18 abr. 2017.

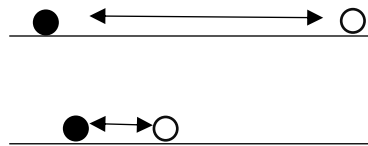
²¹ Disponível em: < <https://www.theguardian.com/money/2002/jun/01/careers.students2> > Acesso em: 26 dez. 2017.

que a proximidade entre as entidades pode exercer influência e afetar a entidade que estiver mais próxima, como no título:

*Seven countries near bankruptcy - USA Today*²². (Sete países perto da falência)

Nesse caso, a proximidade é negativa, visto que significa que os países estão próximos da falência. O mesmo ocorre em: *Perto de cair, Valinhos pega Rio Sul para seguir vivo na Superliga Feminina*²³. Aqui “cair” faz referência à mudança de um time de vôlei para uma divisão inferior.

Figura 4 - Esquema PERTO-LONGE



Fonte: Elaboração própria

a 5. Esquema CONTATO (CONTACT SCHEMA)

Pode-se dizer que os esquemas PERTO – LONGE e de SUPERFÍCIE são um sub - esquema do esquema CONTATO. De modo geral, esse esquema ocorre devido ao fato de que, se não há distância entre os elementos, eles encontram-se em contato. (PEÑA, 2008).

Figura 5 - Esquema CONTATO



Fonte: Elaboração própria

²² Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/money/business/2015/08/05/24-7-wall-st-countries-near-bankruptcy/31164239/>> Acesso em: 18 abr. 2017.

²³ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/campinas-e-regiao/volei/noticia/2017/02/perto-de-cair-valinhos-pega-rio-do-sul-para-seguir-vivo-na-superliga-feminina.html>> Acesso em: 28 dez.2017.

Segundo Peña (2008), uma entidade exerce controle sobre a outra. O esquema PERTO – LONGE colabora para a construção da proximidade entre os elementos, enquanto o esquema SUPERFÍCIE revela que há um limite, uma região dimensional.

Em *Are you still in touch with any friends from university?*²⁴ (Você ainda tem contato com os amigos da Universidade?), *touch* instancia esse esquema de imagem. No exemplo: *his enthusiasm touches me* (o entusiasmo dele me toca), a entidade entusiasmo (abstrata) influencia o enunciatório (trajetória metafórica) e a SUPERFÍCIE é projetada pelo verbo *to touch*, que revela que ocorreu uma espécie de CONTATO.

a 6. Esquema CENTRO- PERIFERIA (CENTRE – PERIPHERY)

Experientiamos a noção de CENTRO e PERIFERIA, de acordo com Lakoff (1987), a partir do fato de o nosso corpo ter um centro (tronco e órgãos internos) e periferias (dedos, cabelos, etc.). Esse esquema é o resultado de uma sintonia fina do esquema PARTE – TODO, no qual as partes centrais são mais importantes do que as periféricas. Essa relevância ocorre pelo fato de os centros constituírem partes essenciais e definirem a identidade, de um modo que as partes periféricas não o fazem. Desse modo, um indivíduo pode cortar e alterar a cor do cabelo e continuará sendo o mesmo indivíduo. Conclui-se, assim, que a periferia depende do centro.

Quando dizemos que um trabalho tem como centro determinada teoria, somos capazes de perceber o sentido literal desse esquema.

Em:

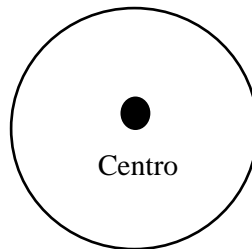
*As I said, Sweden must have a clear and unquestioned place at the **heart** of European integration*²⁵. (Como eu disse, a Suécia deve ter um lugar claro e inquestionável no âmago da integração europeia)

²⁴ Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/in-touch-with-someone>> Acesso em: 19 abr. 2017.

²⁵ Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu>> Acesso em: 20 abr. 2017.

Âmago (*heart*) remete algo particular, no caso, o centro da integração europeia. Um exemplo em português seria: *A inflação é o âmago do debate*²⁶.

Figura 6 - Esquema CENTRO-PERIFERIA



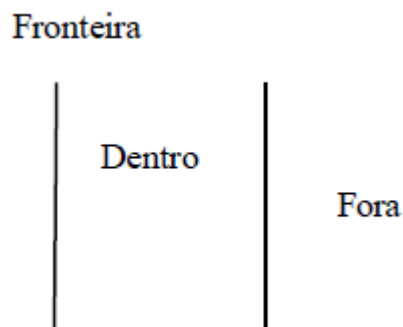
Fonte: Elaboração própria

B) CONTÊINER

b 1. ESQUEMA CONTÊINER (CONTAINER SCHEMA)

O esquema CONTÊINER é composto por três elementos: dentro; fora e uma fronteira:

Figura 7 - Esquema CONTÊINER



Fonte: Elaboração própria

²⁶ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/samuelpessoa/2014/04/1446024-a-inflacao-e-o-amago-do-debate.shtml>> Acesso em: 28 dez.2017.

Ao irmos para a escola e colocarmos objetos em nossa mochila, nos sentarmos na sala de aula e, durante o trajeto, fazer uso do meio de transporte ônibus, estamos inseridos em situações que exprimem a ideia do esquema de CONTÊINER (mochila, sala e ônibus), pelo fato de todos terem um limite espacial.

Casos como os citados exprimem um modelo prototípico desse esquema; no entanto, de acordo com Peña (2008), um sofá pode ser um CONTÊINER por ser uma SUPERFÍCIE, embora tenha uma característica que denota maior flexibilidade no que diz respeito a fechamento. Nesse sentido, se alguém está sentado no sofá, dizemos que ele está parcialmente fechado no objeto. Em contrapartida, se dissermos que alguém está preso no carro, entendemos que esse alguém está totalmente fechado. Consequentemente, a diferença entre SUPERFÍCIE e CONTÊINER reside no fato de que há um grau de limite entre a entidade e o objeto/ situação.

A autora (PEÑA, 2008) cita como sub- esquemas do esquema de CONTÊINER, os esquemas: CHEIO-VAZIO e EXCESSO. O esquema CHEIO-VAZIO é formado por um interior, um contêiner e de entidades que enchem por completo ou parcialmente esse contêiner.

“His emptied the biscuits onto the plate”. (Ele esvaziou o prato de biscoitos)

Com esse exemplo, a autora demonstra que todas as entidades (biscoitos) foram retiradas de dentro de um contêiner, deixando-o vazio (ativação pelo VAZIO).

Já o esquema EXCESSO tem as mesmas entidades do esquema CHEIO-VAZIO, excetuando o fato de que o preenchimento do interior é total ao ponto de transbordá-lo.

*“The bin was overflowing with rubbish”*²⁷. (O lixo estava transbordando)

Nesse exemplo, a lixeira é exposta como um contêiner que não conseguiu comportar a quantidade de lixo recebida.

Um uso recorrente desse esquema em português é a construção *gota d'água*, utilizada para fazer referência que se chegou ao limite; excedeu; fator decisivo como: *Briga de Neymar seria a gota d'água no Barcelona*²⁸. No texto o autor alega que Neymar utilizará o

²⁷ Disponível em: < <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/overflow>> Acesso em: 21 abr. 2017.

²⁸ Disponível em: < <http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/briga-de-neymar-seria-a-gota-dagua-no-barcelona-nao-suporta-mais-a-pressao-do-psg-alem-de-poder-ser-o-jogador-mais-carro-de-todos-os-tempos-o-governo-do-catar-acena-com-uma-proposta-de-300-milhoes-28072017/>> Acesso em: 04 jan. 2018.

desentendimento ocorrido com Semedo, jogador do Barcelona, na pré-temporada em *Miami*, para oficializar a sua ida ao *Paris Saint German*.

Kreitzer (1997 apud PEÑA, 2008) evidencia que o esquema EXCESSO não é apenas instanciado pelo polo cheio, mas também pode estar relacionado a outros padrões experienciais como em: *fine for high speed* (multa por alta velocidade). Nessa situação, não há esvaziamento ou derramamento, mas sim um exagero em relação ao padrão estipulado pela lei de trânsito.

C) FORÇA

c 1. Esquema EQUÍLIBRIO (BALANCE SCHEMA)

Estar em equilíbrio significa ter estabilidade, sem oscilações ou desvio. De acordo com Abreu (2010), o próprio fato de os seres humanos manterem uma posição ortostática justifica o surgimento desse esquema.

Constantemente fazemos uso de palavras para designar a relação de equilíbrio/desequilíbrio do nosso corpo, da situação financeira do país, do relacionamento amoroso, dentre outros. Na sentença: *If he drinks more than two glasses of wine he falls over*²⁹ (Se ele beber mais do que duas taças de vinho ele cai), percebemos que o esquema de imagem surge a partir de uma projeção de sentido, uma vez que o enunciador prevê a possibilidade de um indivíduo ficar bêbado, ou seja, ficar fora do que é considerado “equilibrado” diante da situação.

Enquanto em: *Stress, depression, sleep, general fatigue, hypertension, weight, unbalanced nutrition, are considered as common sickness nowadays*³⁰ (Estresse, depressão, peso, alimentação desequilibrada, são considerados como doenças comuns nos dias de hoje), a própria palavra *unbalanced*, por meio do prefixo *-un*, que significa ausência de, instancia a ideia de desequilíbrio, no caso, uma alimentação não saudável.

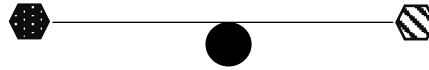
Temos ainda uma série de títulos do tipo: *5 sintomas de desequilíbrio emocional*³¹, na qual o esquema de imagem EQUÍLIBRIO é instanciado pela palavra desequilíbrio, que assim como no inglês é formada por um prefixo negativo *-des* que significa ausência de.

²⁹ Disponível em <<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/fall-over>> Acesso em: 18 abr. 2017.

³⁰ Disponível em: <<http://www.plantesnaturales.com>> Acesso em: 18 abr. 2017.

³¹ Disponível em: <<http://www.ibccoaching.com.br/portal/5-sintomas-do-desequilibrio-emocional/>> Acesso em: 28 dez. 2017.

Figura 8 - Esquema EQUILÍBRIO



Fonte: Elaboração própria

c 2. Esquema DINÂMICA DE FORÇAS (FORCE-DYNAMIC SCHEMA)

Forças são compreendidas como algo físico, em que entidades ou atuam em competição com outras forças, ou resistem. Além disso, há uma relação com a superação de obstáculos, pois podemos removê-los por meio da força física, como é o caso de uma porta trancada e o uso da força de nossos braços para abri-la.

Quando se utiliza a seguinte frase: *O novo sócio vai ter que remover alguns obstáculos ainda essa semana*, o sócio não fará uso da força física, mas de sua habilidade de resolver problemas e tomar decisões importantes, para que seu planejamento seja executado (projeção metafórica).

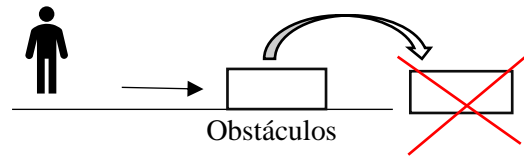
Esse esquema de imagem com frequência aparece junto com o esquema de imagem BLOQUEIO:

*If the Commission pursues the line indicated tonight, it is on a collision course with Parliament*³². (Se a Comissão prossegue a linha indicada nesta noite, é uma rota de colisão com o Parlamento)

A ideia expressa por *rota de colisão*, instancia um esquema de imagem de DINÂMICA DE FORÇAS, já que indica que, se a Comissão continuar com a proposta indicada, conseqüentemente, existirá um conflito com o Parlamento, que pode vir a dificultar o relacionamento entre ambos e, até mesmo, adiar tomadas de decisões importantes (BLOQUEIO).

³² Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu>> Acesso em: 20 abr. 2017.

Figura 9 - Esquema DINÂMICA DE FORÇAS com "remover obstáculos"



Fonte: Elaboração própria

c 3. Esquema PERMISSÃO (ENABLEMENT)

O esquema PERMISSÃO é composto por um percurso, uma direcionalidade, um destino e uma entidade que se move para chegar ao destino. A lógica interna é a de que, se uma entidade se move ao longo do trajeto, ela tem de ser capaz de atravessá-lo sem impedimentos; caso não haja bloqueios, a entidade será capaz de chegar ao seu destino (PEÑA, 2008).

“John asked me if he could go to the cinema and I let him go”. (John me perguntou se ele poderia ir ao cinema e eu deixei) (PEÑA, 2008, p. 1053)

Há nessa sentença uma causa permissiva, na qual o antagonista permitiu que John fosse ao cinema, sem imposição de obstáculos.

D) UNIDADE/ MULTIPLICIDADE

d 1. Esquema LIGAÇÃO (LINK SCHEMA)

Composto por dois elementos que se ligam, esse esquema pode ser ilustrado com o fato de que algumas crianças reproduzem a ideia de um aparelho telefônico, utilizando duas latas e um barbante. As extremidades (os participantes da suposta de ligação) são “conectadas/

ligadas” pelo barbante. Partindo desse raciocínio, vemos que nossa primeira ligação é o cordão umbilical que torna o feto inseparável da mãe.

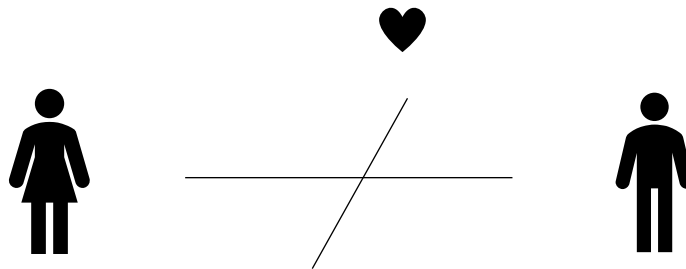
Segundo Peña (2008), os elementos do esquema de imagem LIGAÇÃO são duas ou mais entidades que possuem alguma conexão. “A” está ligado a “B”, que é restringido e depende de “A” como em:

freedom: ausência de ligação (não há dependência)

slavery: ligação (há dependência)

Na sentença: *My girlfriend had broken up with me, broken up* (Minha namorada rompeu comigo) instancia o desligamento do casal, ou seja, o rompimento da ligação.

Figura 10 - Esquema LIGAÇÃO com o *phrasal verb break up*



Fonte: Elaboração própria

d 2. Esquema PARTE – TODO

Segundo Peña (2008, p. 1059 - TN), “nós experienciamos as coisas como totalidades formadas de várias partes”³³. Por isso, existe uma consciência sobre as partes do nosso corpo e dos objetos com que interagimos todos os dias (LAKOFF, 1987).

³³ “We experience things as wholes consisting of several parts”.

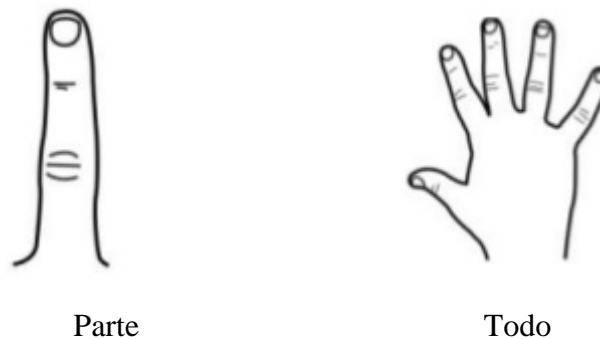
Os elementos estruturais desse esquema são: o todo, a parte e suas configurações. E, a lógica interna é: se “A” é parte de “B”, “B” não é parte de “A”; o todo não existe, se não existem partes (PEÑA, 2008).

Ressalte-se que as partes não podem ser aleatórias, deve haver uma contiguidade e, caso as partes sejam destruídas, o todo deixa de existir.

“She is a part of him now” (Ela é uma parte dele agora) (PEÑA, 2008, p. 1060)

A autora (PEÑA, 2008) exemplifica que, nessa sentença, mulher e homem são compreendidos como duas partes. Assim, a ausência de uma dessas partes afeta o todo. Percebe-se, assim, que as partes podem ser mais ou menos essenciais, característica explicada por meio do esquema CENTRO- PERIFERIA.

Figura 11 - Esquema PARTE-TODO



Fonte: Elaboração própria

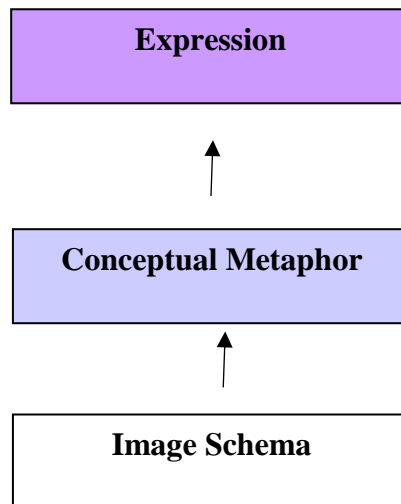
Ao descrevermos os esquemas de imagem, foi perceptível que a metáfora faz parte da estruturação desse recurso cognitivo. Assim, do mesmo modo que os esquemas estão presentes desde cedo em nossas vidas, as metáforas também.

Além disso, os esquemas de imagem apresentam a transferência de noções como dentro e fora, por exemplo, para a linguagem atribuindo uma nova forma de experienciação da língua. Pensemos nos seguintes exemplos: *Maria saiu da casa; Maria saiu da depressão*. Apesar de o verbo ter o mesmo significado e o movimento ser o de sair de um contêiner, temos no primeiro

exemplo a noção prototípica, enquanto no segundo transferimos o movimento de sair para algo mais abstrato, no caso, uma situação emocional.

Logo, podemos afirmar que os esquemas de imagens são instanciados pelas metáforas conceituais, como apresentado na figura 12:

Figura 12 - A Hierarquia da Estrutura Conceptual nas Metáforas



Fonte: HEDBLOM (2017, p. 59)

O conceito de metáfora apresentado será descrito em seguida.

1.1.2 Metáfora

Tradicionalmente, a metáfora é definida como palavra ou expressão que produz sentido figurado, por meio de comparações implícitas, e é utilizada como artifício retórico de estilo. Contrapondo essa visão, Lakoff e Johnson (1980), na obra *Metaphors we live by*, traduzida para o português com o título *Metáforas da Vida Cotidiana* em 2002, logo no primeiro capítulo afirmam

[...]a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Levando em consideração que os conceitos que permeiam as nossas mentes estruturam a maneira como percebemos o mundo, nossos comportamentos e como nos relacionamos com os outros, fica evidente que o sistema conceptual desempenha um papel importante na definição de nossa realidade, mas nem sempre ele é algo consciente. “Na maioria dos pequenos atos de nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam apreender facilmente” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 p. 46). Exemplo disso é a linguagem, que utiliza o mesmo o sistema conceptual que utilizamos para pensar e agir.

A fim de exemplificar que um conceito metafórico pode estruturar uma atividade cotidiana, Lakoff e Johnson (2002) citam como exemplo o conceito de discussão e a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA³⁴, na qual a batalha não é física, mas sim verbal – ataque, defesa, contra-ataque, etc., como em: *I demolished his argument* (Eu destruí o argumento dele).

Observa-se que não utilizamos a ideia de discussão somente em termos de guerra, mas também levando em consideração a ideia de ganhar e perder.

Para Abreu (2010), os estudos de Lakoff e Johnson (1980) sobre as metáforas apresentam duas novidades:

1^a: A metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas sim “um recurso conceptual largamente utilizado pelos seres humanos em seu dia a dia, principalmente quando entram em ação as nossas emoções” (ABREU, 2010, p. 41).

2^a: Lakoff e Johnson (1980, p. 5 - TN) descreveram a metáfora afirmando que “a essência da metáfora é entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra³⁵”

A segunda novidade, pode ser explicada a partir da ideia de que a metáfora implica a relação entre dois domínios³⁶:

Domínio de Origem —————> Domínio Alvo

³⁴ Por convenção, as metáforas conceptuais são grafadas em letras maiúsculas.

³⁵ “The essence of metaphor is to understanding and experiencing one kind of thing in terms of another”.

³⁶ Entende-se por domínio as conceptualizações armazenadas a longo prazo pelo falante, de acordo com sua experiência de mundo (GRADY; OAKLEY; COULSON, 1999).

Assim, a metáfora é vista como um mecanismo conceptual e cognitivo, que se caracteriza pela transposição de propriedades entre o domínio de origem (mais concreto) para o domínio alvo (menos concreto). Na sentença: *Love is a journey* (amor é uma viagem) (LAKOFF, 1993) temos:

Domínio de Origem	—————▶	Domínio Alvo
VIAGEM		AMOR

Nesse exemplo, a metáfora conceptual expressa tem como objetivo explicar o amor, que é uma noção abstrata, por meio de uma correspondência com a experiência concreta que temos em relação à viagem, exemplificada por Lakoff (1993, p. 208):

Dois VIAJANTES estão em um veículo, VIAJANDO COM DESTINOS COMUNS. O VEÍCULO encontra algum IMPEDIMENTO e fica preso, isto é, torna-se não funcional. Se os viajantes não fizerem nada, eles não CHEGARÃO AOS SEUS DESTINOS.

Dois AMANTES estão em um RELACIONAMENTO DE AMOR, PERSEGUEM OBJETIVOS COMUNS DE VIDA. A RELAÇÃO encontra alguma DIFICULDADE, o que a torna não funcional. Se eles não fazem nada, eles não serão capazes de ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS DE VIDA.

Em suma, as metáforas, para os autores (LAKOFF; JOHNSON, 2002), são frutos de nossa experiência concreta e nos permitem construir conceitos abstratos e elaborados, por meio da compreensão de uma experiência em termos de outra. Além disso, eles afirmam que há experiências universais e há outras que variam culturalmente. Essa teoria recebeu o nome de Teoria da Metáfora Conceptual, que tem como foco os estudos da compreensão da metáfora como um dispositivo cognitivo.

Ressalta-se que, quando os autores (LAKOFF; JOHNSON, 2002) falam de metáforas, eles referem-se a conceito metafórico, uma vez que “as metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48).

O fato de termos um sistema conceptual fundamentalmente metafórico, como apontam Lakoff e Johnson (2002), reafirma a importância do trabalho com construções idiomáticas, que é o problema desta pesquisa, afinal a compreensão dessas estruturas está ligada ao nosso repertório, às nossas experiências e às relações que construímos ao longo de nossas vidas. Logo, explorar as diferentes maneiras de dizer e compreender o como esse processo de

transposição de sentido ocorre é fundamental para que o trabalho em sala de aula seja mais significativo.

Classificação das metáforas

No livro *Metaphors we live by*, os autores (LAKOFF; JOHNSON, 1980) por meio de seus estudos e reflexões, classificaram as metáforas em três grupos:

1. Metáforas Estruturais;
2. Metáforas Orientacionais;
3. Metáforas Ontológicas;
4. Metáforas Novas.

Metáforas estruturais

Compreende-se como metáfora estrutural aquela em que o conceito é estruturado em termos de outro, como a ideia de que TEMPO É DINHEIRO:

Domínio de Origem	—————▶	Domínio Alvo
DINHEIRO		TEMPO

Sabemos que na maioria das culturas o tempo é um bem valioso, recurso utilizado para alcançar objetivos, por isso entendemos TEMPO É DINHEIRO de muitas maneiras: “unidades de chamada telefônicas, pagamento por hora, taxas diárias de hotel, orçamentos anuais, juros sobre empréstimos e pagamento de dívida para a sociedade, por meio do ‘tempo de serviço’” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 51).

Basicamente, a ideia é que não devemos perder tempo com situações negativas, mas, sim, aproveitá-lo com bons momentos. Em: “*Your time is precious. Don’t waste it on someone who doesn’t realize that you are, too*”³⁷ (Seu tempo é precioso. Não desperdice com alguém que

³⁷ Disponível em: <<http://www.livelifehappy.com>> Acesso em: 02 mai. 2017.

não percebe que você também é) temos a visão de que perder tempo é ruim, pois é algo extremamente valioso, expresso por: *time is precious*.

Outro exemplo de metáfora estrutural é DISCUSSÃO É GUERRA. Nesse caso, o domínio de origem é guerra e o domínio alvo é discussão. Essa batalha verbal permite pensarmos em termos de ganhar ou perder, como em *I've never won an argument with him*.

Metáfora orientacionais

Diferentemente das metáforas estruturais, as metáforas orientacionais organizam todo o sistema de conceitos em relação a um outro. Lakoff e Johnson (2002) chamaram esses conceitos de orientacionais, por causa da relação com orientações espaciais: para cima-para baixo; dentro-fora; frente- atrás, dentre outros. Essas orientações, de acordo com os autores (ibidem), não são arbitrárias, mas surgem de nossa experiência cultural e física.

William Nagy (1974 apud LAKOFF; JOHNSON,2002) estudou intensamente essas metáforas e como elas podem ter surgido de nossa experiência física e cultural. Seguem alguns exemplos:

FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO: *I'm feeling up*. (Estou para cima).

Base física: postura caída corresponde à tristeza, postura ereta estado emocional positivo.

CONSCIENTE É PARA CIMA; INSCONSCIENTE É PARA BAIXO: *Get up*. (Acorde).

Base física: homens e outros mamíferos dormem deitados e levantam-se quando acordam.

STATUS SUPERIOR É PARA CIMA; STATUS INFERIOR É PARA BAIXO: *She'll rise to the top*. (Ela alcançará o topo)

Base física e social: status é correlacionado ao poder social e físico (para cima).

RACIONAL É PARA CIMA; EMOCIONAL É PARA BAIXO: *He couldn't rise about his emotions*. (Ele não pode controlar as emoções)

Base física e cultural: em nossa cultura as pessoas têm controle sobre os animais, plantas e ambiente físico e é a capacidade especificamente racional que coloca os seres humanos acima dos outros animais. CONTROLE É PARA CIMA fornece uma base para SER HUMANO É PARA CIMA e, portanto, RACIONAL É PARA CIMA.

Diante dessas análises, os autores (LAKOFF; JOHNSON, 2002) concluíram que a maioria dos nossos conceitos são organizados em termos de uma ou mais metáforas de espacialização e que cada uma dessas tem uma sistematicidade interna. Isto é, existe uma padronização e não apenas casos aleatórios, como exemplo, em TRISTE É PARA BAIXO, há um conjunto de dados que exprime a coerência exposta, pois não encontramos alguém dizendo “*Estou para baixo*”, com o sentido de *estar mais feliz*. Também concluíram que elas não são construídas a partir do nada, mas são fruto de nossas experiências corpóreas e culturais.

Por fim, afirmaram que a nossa experiência tanto física quanto cultural pode gerar muitas bases possíveis e, por isso, sua escolha ou relevância é definida de cultura para cultura. O elemento cultural é um aspecto importante para o desenvolvimento desta pesquisa, pois quando falamos de língua não podemos analisá-la de modo descontextualizado, isso porque o contexto, a intencionalidade e a cultura colaboram para tornar uma construção preferível a outra. Uma combinação das palavras e até mesmo o uso de um vocábulo podem ser mais adequados para transmitir determinada ideia.

Nem todas as bases se mantêm de uma cultura para a outra quando falamos de metáforas, todavia podemos ter caso como a metáfora orientacional TRISTEZA É PARA BAIXO, que em português pode ser expressa por: *Hoje estou para baixo* e em Inglês *I'm down* como o exemplo abaixo:

Exemplo da Metáfora Orientacional TRISTEZA É PARA BAIXO:

I'm down. (I'm really down.)
I'm down. (Down on the ground.)
I'm down. (I'm really down.)
How can you laugh when you know I'm down?
How can you laugh know I'm down?³⁸

Metáforas ontológicas

Esse tipo de metáfora está relacionado a nossa experiência com substâncias e objetos físicos, que vão além do conceito de orientação. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 75)

³⁸ *I'm down* (Eu estou para baixo) – Beatles disponível em:< <https://www.lettras.mus.br/the-beatles/86360>> Acesso em: 02 mai. 2017.

compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las com entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. Uma vez que podemos identificar nossas experiências como entidades ou substâncias, podemos referir-nos a elas, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las – e, dessa forma, raciocinar sobre elas.

Do mesmo jeito que as metáforas orientacionais têm origem em nossas experiências básicas, as nossas experiências físicas fornecem uma variedade de metáforas ontológicas, ou seja, formas de conceber eventos, atividades, emoções como entidades e substâncias.

As metáforas ontológicas são tão presentes no nosso cotidiano, que não nos ocorre que elas são metáforas efetivamente. Fato comprovado pela ideia de que MENTE É UMA MÁQUINA:

Figura 13- Exemplo da metáfora conceptual MENTE É UMA MÁQUINA



Fonte: <http://www.soyouthinkyoucanwrite.com/2016/04/running-out-of-steam-help/>

No caso da frase exposta na figura 13: *Querido editor... Eu esgotei minhas energias com as minhas histórias – Me ajude!* percebemos que de tanto produzir e usar a criatividade, o escritor ficou sem ideias e pede ajuda ao editor. Outros exemplos dessa metáfora conceptual são:

Minha mente pifou.

Não consigo me desligar dos problemas.

Estou ligada no 220v.

Importante salientar que elas podem ter dois traços característicos, conforme Lakoff e Johnson (2002): tratar objetos como pessoas (personificação) e atribuir qualidades humanas a entidades não humanas.

Esse tipo de metáfora tenta lidar racionalmente com nossas experiências, como no caso, de INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE.

We need to combat inflation.(Nós precisamos combater a inflação.)

Compreender inflação como entidade nos permite quantificar e identificar um aspecto particular dela, vê-la como causa e reagir em relação a ela.

Os autores (LAKOFF; JOHNSON, 1980) afirmam que há uma variedade de propósitos para as metáforas ontológicas, dentre eles:

Referir-se: *My fear of insects is driving my wife crazy*³⁹ (Meu medo de insetos está deixando minha esposa louca).

Quantificar: *It will take a lot of patience to finish this book.* (Será preciso muita paciência para terminar esse livro).

Traçar objetivos e motivar ações: *He went to New York to seek fame and fortune.* (Ele foi para Nova Iorque para procurar fama e fortuna).

Metáforas imaginativas e criativas: o novo sentido

As metáforas descritas anteriormente são consideradas convencionais pelos autores, isto é, “estruturam o sistema ordinário da nossa cultura, que se reflete em nossa linguagem do dia a dia” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 235). As metáforas que estão fora do nosso sistema conceptual, que são capazes de nos dar uma nova compreensão de nossas experiências, baseadas na imaginação e na criatividade, foram nomeadas pelos autores como metáforas imaginativas e criativas.

Um dos exemplos utilizados para explicar essa diferença é o fato de um aluno iraniano, ter compreendido a metáfora “a solução de meus problemas” – como uma quantidade de líquido fumegante, contendo todos os seus problemas em processo de dissolução. E, ao descobrir, que os residentes de Berkeley não tinham essa mesma visão, ele ficou desapontado, pois a metáfora

³⁹ Exemplos disponíveis em LAKOFF; JOHNSON (2002, p. 77-78)

química era “iluminadora”. Utilizar essa metáfora na vida seria entender a solução como um feito e não um fracasso, os problemas fariam parte da ordem natural e não da desordem (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Muitas de nossas atividades, como discutir, solucionar problemas e administrar o tempo são de origem metafórica, por conseguinte essas atividades se estruturam a partir de nossa realidade. No caso das metáforas novas, “[...] elas têm o poder de criar uma realidade nova. Isso pode começar a acontecer quando começamos a entender nossa experiência em termos de uma metáfora e ela se torna mais profunda quando começamos a agir em função dela” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 242). Isto é, caso a metáfora nova entre no nosso sistema conceitual, ela pode alterá-lo, bem como nossas ações e percepções que deram origem a esse sistema.

1.1.3 Metáforas primárias

Diariamente, lidamos com eventos básicos que se repetem e são compreendidos por nós de maneira subjetiva. Essas experiências são classificadas como “cenas primárias” e têm como característica fundamental a relação entre a dimensão física e psicológica do indivíduo (GRADY, 1997).

Além da relação entre dimensões, Grady (1997) e Lakoff e Johnson (1999) evidenciaram em seus estudos que as metáforas primárias possuem uma tendência inata (experiência) e uma coocorrência de eventos básicos (a dimensão física tem efeito na dimensão psicológica e vice-versa).

De modo geral, seria uma estrutura básica, encontrada em diferentes culturas e que é utilizada ao longo de nossas vidas, por ser fruto de nossas relações com o mundo.

Em seguida, há algumas metáforas primárias propostas por Lakoff e Johnson (1999), que podem ser visualizadas em enunciados encontrados na internet:

- ✓ AFEIÇÃO É QUENTE: “Torcida prepara recepção calorosa ao Flamengo em São Paulo”⁴⁰.

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.flaresenha.com/2016/09/torcida-prepara-recepcao-calorosa-ao-flamengo-em-sao-paulo.html>> Acesso em: 03 mai. 2017.

- ✓ IMPORTANTE É GRANDE: “Finalmente chegou o grande dia” (frase de uma noiva ansiosa pelo casamento).
- ✓ FELICIDADE É PARA CIMA: “Esse relacionamento só me deixa para baixo” (declaração de uma pessoa sobre a postura do namorado).
- ✓ INTIMIDADE É PROXIMIDADE: “Cantor sofre golpe de pessoa próxima e leva prejuízo”⁴¹.
- ✓ DIFICULDADES SÃO PESOS: “Joaquim está sobrecarregado de atividades”.
- ✓ SIMILARIEDADE É PROXIMIDADE: “Essas abordagens sobre linguagens são bem próximas”.
- ✓ ESCALAS LINEARES SÃO TRAJETOS: “A inteligência de Maria vai além da conta”.
- ✓ ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA: “Qual é a peça que está faltando para a solução do problema?”
- ✓ AJUDA É SUSTENTAÇÃO: “Ele sempre sustentou sua família”.
- ✓ TEMPO É MOVIMENTO: “Não vi o tempo passar”.
- ✓ ESTADOS DE ESPIRÍTO SÃO ESPAÇOS FÍSICOS: “Estou à beira de um abismo, não aguento mais tanto sofrimento”.

O fato de as metáforas primárias serem resultados de nossas experiências faz com que não existam diferenças na compreensão de uma metáfora primária, em duas línguas ou culturas diversas (GRADY, 1997).

⁴¹ Disponível em <<http://www.otvfoco.com.br/cantor-sofre-golpe-de-pessoa-proxima-e-leva-prejuizo/>> Acesso em: 04 mai. 2017.

Como exemplo, consideremos o título: *Canada 'deeply disappointed' with Trump climate decision*⁴². Nesse caso, temos a metáfora primária DOWN IS BAD (TRISTEZA É PARA BAIXO), uma vez que indica a indignação, a tristeza intensa diante de uma postura.

Outro exemplo é a ocorrência da metáfora TIME IS MOVEMENT (TEMPO É MOVIMENTO):

Figura 14 - Metáfora Primária TIME IS MOVEMENT



Fonte: <http://www.bmbx.org/2010/11/time-flies/>

Ressalta-se que essas experiências podem começar desde cedo, como no caso de AFEIÇÃO É QUENTE, uma vez que a mãe dá colo ao bebê em busca de oferecer proteção, mantê-lo aquecido e aconchegado.

1.1.4 Blending

Para Fauconier e Turner (2002) a Integração Conceptual é uma operação mental que pode ser associada com nossa habilidade de criar novos sentidos. Essencialmente essa teoria não estava relacionada com os estudos da gramática, mas os autores argumentam que o *blending* pode nos auxiliar a compreender desde construções gramaticais mais simples até as mais complexas.

⁴² Disponível em: <<http://ipolitics.ca/2017/06/01/canada-deeply-disappointed-with-trump-climate-decision-mckenna/>> Acesso em: 03 jun. 2017.

Outro aspecto que permite a relação com as concepções de gramática cognitiva e de construções é o fato de os autores (FAUCONNIER; TURNER, 2002) considerarem que a forma e o significado não podem ser analisados de maneira isolada. O processamento discursivo torna-se, assim, uma instanciação das operações mentais que se materializam na escrita ou na fala e consideram o contexto de produção e as outras informações cognitivas.

Partindo dessa visão, Fauconnier e Turner (2002) postulam que a mente do ser humano cria e integra Espaços Mentais⁴³ que projetam informações de um espaço⁴⁴ para outro, a partir da produção e do processamento discursivo. Essa operação recebeu o nome de Integração Conceptual e sua ocorrência se dá pelo *blending* (mesclagem). O *blending* é uma rede de integração que tem pelo menos quatro espaços para a produção de significados:

Espaço de Entrada (*input 1 e input 2*): abriga a seleção dos elementos escolhidos pelo usuário (projeção entre os domínios).

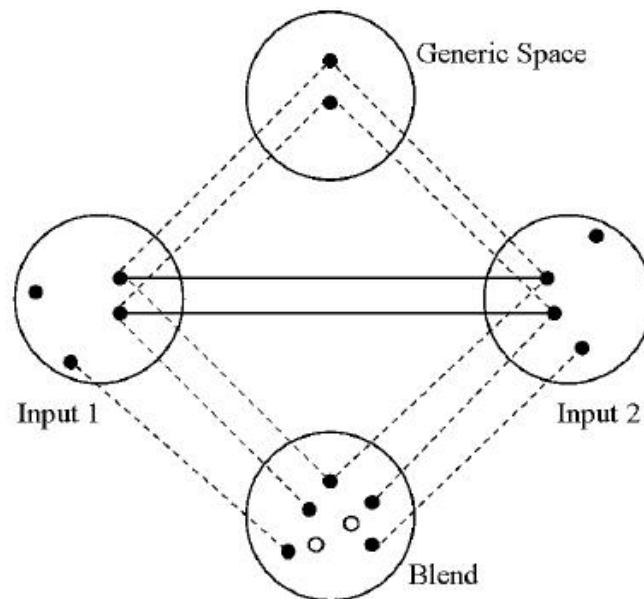
Espaço Genérico: estabelece a conexão entre os espaços *input*, ou seja, somente as estruturas análogas que são compartilhadas pelo *input 1 e 2* são representadas nesse espaço.

Espaço de mesclagem (*Blend*): os *inputs 1 e 2* são projetados no espaço de mesclagem. Estabelecido o domínio mescla, poderemos assim manipular cognitivamente o elemento.

⁴³ Em entrevista Fauconnier diz que os Espaços Mentais “se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos; são construções mentais muito complexas, até mesmo para as sentenças mais corriqueiras. São pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos”. (COSCARRELLI, C. *Uma conversa com Gilles Fauconnier*. Rev. bras. linguist. apl. vol.5 no.2 Belo Horizonte:2005)

⁴⁴ Entende-se por espaço uma construção a curto prazo informada pelas estruturas de conhecimento mais gerais e mais estáveis relacionadas a um domínio particular (GRADY; OAKLEY; COULSON, 1999)

Figura 15 - Modelo dos quatro espaços segundo Fauconnier e Turner



Fonte: FAUCONNIER, G; TURNER, M. (2002, p. 45)

Interessante notar que esses espaços são dinâmicos, uma vez que, à medida que nós pensamos e falamos, eles são construídos, estruturados e conectados por meio da gramática, do contexto e dos elementos culturais. (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996).

Embora a teoria do *blending* auxilie na explicação do processo cognitivo de algumas metáforas, vale ressaltar que a Teoria da Metáfora Conceptual é distinta da Teoria do *Blending*, pois de acordo com Evans e Green (2006):

1. Nem todos os *blends* são metafóricos, como o caso, de uma mãe falar para o filho: A minha mãe é bonita e, o filho, por sua vez, entender que a sua mãe está falando de sua avó, pois mescla essas informações em sua mente.
2. O *blending* não engloba mapeamentos unidirecionais: ocorre a projeção seletiva das estruturas que compõe o *input* para o *blend*.
3. As metáforas conceptuais caracterizam-se por estruturas armazenadas a longo prazo (domínios). Enquanto os espaços mentais são dinâmicos, temporários e ativados no momento do discurso.
4. No que se refere aos espaços, a metáfora conceptual tem dois domínios (origem e alvo), já a Teoria do *Blending* utiliza, no mínimo, quatro espaços.

Portanto, espaços mentais são domínios conceituais que permitem o fracionamento das informações e disponibilizam alternativas para que se estabeleça a referência, como cita Ferrari (2014). Os espaços mentais são criados a partir dos *space builders* (construtores de espaços mentais) que,

são, portanto, pequenas parcelas de tempo de curta duração que abrimos em nossas mentes, para atribuir sentido ao que ouvimos e lemos. Embora, esses espaços trabalhem com nossa memória operacional ou de curto prazo, buscam, a todo o momento, informações em nossa memória de longo prazo, em nosso conhecimento enciclopédico de mundo assimilado durante a nossa existência (ABREU, 2010, p.82).

Dentre os exemplos de espaços mentais, Abreu (2010, p. 83) utiliza:

“No filme Insônia, Al Pacino morreu no final, mas no seguinte, 88 Minutos, conseguiu salvar a vida de um policial”.

A compreensão dessa sentença ocorre pela abertura de um espaço mental que integra a figura do ator, Al Pacino, às duas personagens interpretadas por ele.

Percebe-se assim que, durante o *blending*, surge uma estrutura emergente, o *blend* não disponível nos *inputs* e que essa está relacionada ao acesso de nossa memória de curto ou longo prazo. Basicamente, o tempo todo fazemos a mesclagem, migramos elementos de um espaço para o outro, de maneira elaborada, imaginativa e inconsciente.

1.1.5 *Blending* e Metáfora

A princípio, a Teoria do *Blending* foi considerada como uma alternativa para a Teoria da Metáfora Conceptual, mas os estudos de Evans e Green (2006) e Grady, Okley e Coulson (1999) evidenciaram que as propostas poderiam ser complementares.

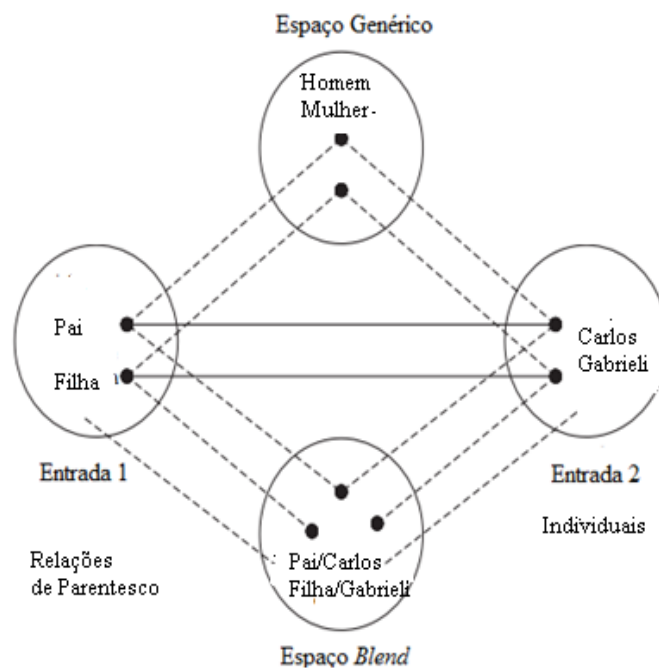
Nessa perspectiva de complementariedade, surge a distinção entre metáfora sem *blending* e *blending* sem metáfora. A primeira contempla a variedade de metáforas primárias, nas quais tanto o domínio-fonte como domínio-alvo se diferenciam por exprimir experiências sensorio-perceptuais e respostas subjetivas a essa experiência.

Consideremos como exemplo TAMANHO É IMPORTÂNCIA (metáfora primária) expressa no enunciado: *Ela é uma grande mulher.* (= mulher importante).

Nesse caso, “a metáfora é estabelecida por meio de correlações experienciais altamente salientes”, de acordo com Ferrari (2014, p. 127). Conseqüentemente, essa metáfora não decorre do processo de *blending*, uma vez que não há projeção entre os domínios a partir de um Espaço Genérico.

Já o *blending* sem metáfora pode ser ilustrado com o tipo de construção XYZ⁴⁵ que ativa a integração entre papel e valor, como em: Carlos é pai de Gabrieli⁴⁶. Essa construção faz com que as relações sejam comprimidas na mescla:

Figura 16 - Blending referente a "Carlos é pai de Gabrieli"



Fonte: Elaboração própria

Nesse exemplo, a integração é mais simples, um dos espaços input é o *frame*⁴⁷ de família (Entrada 1) e o outro é uma situação específica que não remete a nenhum *frame* (Entrada 2).

⁴⁵ Construção XYZ permite a formação de diferentes significados – frame, analógico- metafórico- a partir das relações que estabelecem entre essas palavras. Seria uma construção aparentemente simples na palavra dos autores. (FAUCONNIER; TURNER, 2002)

⁴⁶ Exemplo baseado em Ferrari (2014, p. 127).

⁴⁷ Entende-se por frame o "domínio semântico vinculado a uma palavra, formado por um conjunto de elementos prototípicos"(ABREU, 2010, p.37).

Logo, há uma relação de parentesco que é expressa no *blend*, que é o papel de pai de Gabrieli exercido por Carlos.

Percebe-se, assim, que, embora tenha ocorrido uma mesclagem, não há metáfora e sim a compressão de papel-valor no *blend*.

Outro exemplo de *blend* sem metáfora é o caso do *blending* por compressão:

O KC-390 é um projeto conjunto da Força Aérea Brasileira com a Embraer para desenvolvimento e produção de um avião de transporte tático militar e de reabastecimento em voo. [...] “Com este avião podemos garantir a presença em todo o território nacional”. O avião será produzido na unidade industrial de Gavião Peixoto, em instalações de mais de 30.000 metros quadrados de hangar⁴⁸.

Esse tipo de *blend* nos permite relacionar eventos e experiências e, no caso do trecho supracitado, somos capazes de compreender que a Embraer não vai produzir apenas um avião, mas vários, visto que, no texto, todos os aviões estão comprimidos em um: *um avião de transporte; este avião*.

Vale ressaltar que o *blending* tem sido apontado em diferentes estudos como operação cognitiva fundamental, principalmente no que se refere à operação de imaginação e pensamento humano, assumindo assim um papel essencial para a compreensão de comportamentos humanos não linguísticos.

Neste capítulo buscamos expor conceitos-chave para a presente investigação. Fundamentalmente os esquemas de imagem instanciados por metáforas são a base deste trabalho. Isso porque, essas teorias nos auxiliam na compreensão de que a linguagem não é autônoma, que existem projeções realizadas inconscientemente a partir de nossas experiências e que elas são fundamentais no processo de aprendizagem de um idioma.

Fica perceptível ainda, que o *blending* é uma operação mental que, por meio da compressão e descompressão⁴⁹ possibilita a criação de novos sentidos e explicita o processo pelo qual as metáforas são construídas.

⁴⁸ Disponível em: <http://aeromagazine.uol.com.br/artigo/embraer-inaugura-unidade-para-produzir-o-kc-390_1547.html> Acesso em: 17 abr. 2017.

⁴⁹ Entende-se por compressão “um fenômeno de integração conceitual que permite aos seres humanos controlarem simultaneamente longas e difusas cadeias de raciocínio lógico e capturar os significados globais de tais cadeias” (FAUCONNIER, TURNER, 2000, p. 283)

2 LINGUÍSTICA COGNITIVA E OS MODELOS DE GRAMÁTICA

Há dois modelos de gramática que podem ser encontrados dentro da Linguística Cognitiva, de acordo com Ferrari (2010): a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987) e a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), (KAY; FILLMORE, 1999). Ressalta-se que embora a perspectiva seja diferente, ambas têm como princípio fundamental a conceptualização e a ideia não modular da linguagem.

2.1 Gramática Cognitiva

A Gramática Cognitiva é uma disciplina de base semântica que tem como princípio básico o significado das formas linguísticas e o seu uso na comunicação, compreendendo assim que forma e significado são indissociáveis (LANGACKER, 1987).

Nesse modelo, “as estruturas gramaticais são concebidas como inerentemente simbólicas, fornecendo a estruturação e a simbolização convencional do conteúdo conceptual” (FERRARI, p. 59, 2014). Logo o *item* lexical *bola* é simbólico, porque é resultado de um emparelhamento entre o polo semântico (sentido denotativo e conotativo) e o polo fonológico [ˈbɔlə].

Diante disso, para Langacker (2008), nada além do simbólico precisa ser utilizado para caracterizar expressões complexas e os padrões que elas instanciam. Léxico e gramática formam, assim, uma gradação que consiste em módulos de estruturas simbólicas. Diante dessa posição, as noções como substantivo e verbo devem de alguma forma ter um significado e não podem ser analisadas isoladamente, ou seja, desconsiderando a semântica como algumas gramáticas tradicionais.

Langacker (1987) estabelece a gramática como um “inventário” que não se reduz a uma lista, mas que compreende unidades simbólicas abstraídas do uso, de processos linguísticos específicos e de suas projeções de sentido. Tomemos como exemplo *I eat a cake* que é uma instância transitiva [SN1 V SN2⁵⁰] e a expressão *a hot potato*, que é uma extensão metafórica do domínio temperatura para o domínio assunto disputado.

⁵⁰ SN = sintagma nominal; V = verbo.

Por fim, no modelo langackeriano, a gramática não é compreendida como uma grande generalização; na verdade busca-se entender a funcionalidade dos nomes, verbos, advérbios e adjetivos com base nas projeções de sentido, conceptualizações e interação do sujeito.

2.2 Gramática de Construções

Na Gramática de Construções, as unidades linguísticas são concebidas como construções, por terem associações indissociáveis e particulares entre forma e sentido. Desse modo, cada construção possui uma interpretação pragmática ou semântica como parte de sua descrição (FERRARI, 2010).

Goldberg (2013) ressalta que as construções são uma abordagem teórica relativamente nova, que tem como premissa realizar observações linguísticas sob forma e significado (emparelhamento). E, ainda, tem como objetivo abranger a gama de fenômenos relacionados à linguagem sem assumir que, em um determinado conjunto, há dados privilegiados.

Já para Croft e Cruse (2004), a Gramática de Construções surgiu para encontrar um lugar para as expressões idiomáticas, dado que o estudo das expressões, durante anos, promoveu a reflexão sobre a sintaxe. Em vez de a gramática ser vista como o estudo de um conjunto de frases formadas por determinada regra, passa a ser vista como a análise de construções que podem ou não ser idiomáticas. Essa ideia supera a visão de que as expressões idiomáticas formavam um conjunto finito de elementos.

Em relação aos tipos de construções, podemos dizer que, fundamentalmente, as construções são consideradas unidades simbólicas, pois exigem correspondências entre forma e sentido. De acordo com Croft e Cruse (2004), o próprio conhecimento linguístico do falante se estrutura em dois polos: forma e significação. O polo da forma abrange as propriedades morfossintáticas e fônicas do significante (casa - ['kazɐ]) , enquanto o polo da significação abrange as propriedades semânticas e pragmáticas (casa – 1. edifício de formatos e tamanhos variados, de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação; 2. família; lar).

Além do padrão simbólico, as construções podem ser definidas pelas propriedades que as compõem (GOLDBERG, 1995). Nesse caso, o item lexical deve apresentar algum aspecto da sua forma ou significado que não seja previsível. Goldberg (2006) complementa essa conceituação, inserindo a possibilidade da previsibilidade, desde que a construção tenha ocorrido com frequência suficiente para tal.

De acordo com Ferrari (2014), a Gramática de Construções assim como a Gramática Cognitiva partem da hipótese do *continuum sintaxe-léxico*, que está

ancorada na hipótese do pareamento entre forma e significado nos níveis lexical, morfológico e sintático. Esse pareamento pode ocorrer de acordo com padrões gerais (ou esquemas), que captam características compartilhadas por várias instanciações específicas. Por exemplo, as sentenças “Ela dançou samba” e “Ele perdeu a cabeça” são ambas instanciações da construção transitiva [SN1 V SN2]; os sintagmas nominais SN1 e SN2 constituem argumentos do verbo e exercem, respectivamente, as funções de sujeito e objeto direto (FERRARI, 2014, p. 129).

Observa-se, a partir disso, que as construções compartilham alguns padrões, como no caso, da instanciação da construção transitiva [SN1 V SN2]. Outro exemplo são as construções intransitivas, representadas por [SN1 V] – *O bebê caiu*. Trata-se de uma visão que explica a gramática com base em esquemas abstratos e por meio de traços compartilhados, na qual a forma e o significado das instanciações citadas contribuem para a compreensão.

Nessa perspectiva, as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas, são consideradas simbólicas por causa da correspondência entre o polo semântico e o polo fonológico.

Ressalta-se que o modelo proposto por Kay e Fillmore (1999) partiu do princípio de que a gramática tradicional não abarcava as irregularidades da língua. Desse modo, como afirma Ferrari (2014), as construções gramaticais passaram a ser vistas como independentes, em parte, das palavras que as constituem. Além disso, o modelo para a construção não assume “‘palavras e regras’, mas sim assume construções gramaticais ‘preparadas-feitas’, algumas são altamente detalhadas e outras altamente generalizadas⁵¹” (EVANS; GREEN, 2006- TN).

Em suma, o modelo de construção não é modular, pois o significado pode estar ligado à construção com um todo, em vez de ser derivado de alguma parte, ou seja, há construções com informações sobre sintaxe, semântica e pragmática dentro de uma representação integrada como o caso das expressões idiomáticas, conforme afirmam Evans e Green (2006).

A fim de auxiliar na organização deste trabalho descreveremos os tipos de construções⁵², de acordo com o quadro:

⁵¹ [...] ‘words and rules’ but instead assumes ‘ready-made’ grammatical constructions, some of which are highly detailed and some of which are highly generalized.

⁵² Os tipos de construções elencados estão relacionados com o tema do trabalho, pois há uma variedade de construções.

Quadro 2 – Tipos de Construções

Construções	
Cristalizadas	Expressões Idiomáticas Verbos Frasais Expressões Formulaicas
Flexíveis	Colocações

Fonte: Elaboração própria

2.2.1 *Chunking*

Desde crianças estamos habituados a ouvir no início de um conto de fadas o conjunto: *Era uma vez (Once upon a time)* e se refletirmos perceberemos que se trocássemos as palavras o mesmo efeito não seria produzido. Essa ação de recuperarmos o uso da palavra ou do grupo de palavras no momento da enunciação recebe o nome de *chunking*, que Bybee (2016, p. 65) define como sendo:

uma organização da memória, criado pela união de conjunto de *chunks* já formado na memória e fundidos em uma unidade maior. *Chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente, levando, assim, a uma organização hierárquica da memória. *Chunking* parece ser uma propriedade onipresente da memória humana.

Para acionarmos essa onipresença em nossa mente, temos de ter como principal experiência a repetição (BYBEE, 2016). É a partir da frequência de um ou mais *chunks* juntos, que nossa fluência e compreensão ocorrem com maior facilidade.

No que diz respeito ao ensino de línguas, tanto materna quanto estrangeira, pode-se dizer que esse recurso é fundamental e leva o estudante/aprendiz a desenvolver a habilidade de construir e utilizar as palavras, expressões e estruturas da língua.

Vale ressaltar que “todos os tipos de expressões convencionalizadas, das pré-fabricadas às idiomáticas e às construções, podem ser considerados *chunks* para fins de processamento e análise” (BYBEE, 2016, p. 66).

Por conseguinte, tanto *how are you?* (como vai você?) como *raining cats and dogs* (chovendo canivetes) são *chunks*. A primeira é uma expressão que tem como propósito obter

uma resposta (interação) sobre o como a pessoa está, enquanto a segunda não tem um significado literal, e assim, faz-se necessário utilizar a metáfora para a sua interpretação.

Eis aqui a motivação desta pesquisa, em sala de aula e, até mesmo, enquanto aprendiz de uma língua estrangeira; são inúmeros os momentos em que nos deparamos com *chunks* e, nem sempre, a abordagem lexical colabora para a construção do significado. Afinal, desde crianças não aprendemos palavra por palavra, mas em “blocos”.

Nosso objeto de estudo são as construções das mais cristalizadas às mais flexíveis, que são processadas pelo *chunking*. De acordo com Bybee (2016) essas construções, na maioria das vezes, são esquemáticas, pois há partes fixas e partes a serem preenchidas. Esse preenchimento não é contínuo, como exemplo temos *drive X crazy* (deixar X louco) no lugar do X podemos ter um pronome, o mais comum seria *me*.

O fato de as construções envolverem a ideia de sequência e ter a propriedade esquemática, nos faz compreendê-las como um *chunking*. Essa visão norteará nossas investigações, que buscam, a partir da Linguística Cognitiva, compreender os mecanismos por trás da língua.

2.2.2 Expressões Idiomáticas

Fillmore, Kay e O’Connor (1988), em seus estudos sobre a expressão *let alone* (muito menos), delinearam alguns parâmetros para a compreensão de expressões idiomáticas, considerando a semântica, a pragmática e a sintaxe.

O primeiro passo realizado foi a definição de construção, que, de acordo com os autores, “[...] é muito mais do que um núcleo familiar (mães mais filhas)⁵³” (FILLMORE et al, p. 501, 1988- TN), na verdade compreende subcategorias e podem ser caracterizadas a partir das seguintes visões:

1. Construções não são limitadas a um núcleo, na verdade podem ter diferentes arranjos nas sentenças;
2. Construções não são apenas sintáticas, mas também lexicais, semânticas e têm informação pragmática;
3. Itens lexicais são mencionados como construções sintáticas e podem ser vistos, em muitos casos, como construções deles mesmos;

⁵³ “[...] are much like the nuclear family (mother plus daughters)”.

4. Construções podem ser idiomáticas no sentido de que uma grande construção pode especificar a semântica e/ ou a pragmática, diferente do que ocorre em conjuntos menores para construir o mesmo objeto morfossintático.

Para Fillmore et. al. (1988), a gramática por si só não abrange todos os termos. Faz-se necessária a habilidade do falante em construir e entender expressões de sua língua, pois as palavras não podem ser vistas como algo isolado; ressalta-se que as descrições são importantes, mas que o princípio da corporificação permitiu *insights*, principalmente, por ser um modelo que não desconsidera a mente do falante.

Partindo da ideia de que as construções têm as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que os itens lexicais, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) estabeleceram uma tipologia para as construções, que é baseada nos seguintes parâmetros:

- ✓ **Codificação e decodificação:** Entende-se como expressões idiomáticas de codificação as que são regulares e não convencionalizadas. Por exemplo, a expressão *answer the door* (atender à porta). Já as expressões de decodificação precisam ser aprendidas como itens lexicais, uma vez que a composicionalidade não permite a compreensão do significado, faz-se necessário uma experiência anterior, como no caso de *kick the bucket* (bater as botas).
- ✓ **Gramaticais e extragramaticais:** as gramaticais seguem as regras de gramática de uma língua, enquanto as extragramaticais não obedecem às regras. Como gramatical temos o exemplo da expressão *spill the beans* (dar com a língua nos dentes), na qual há verbo e substantivo colocados nos lugares que se espera dentro das sentenças. Enquanto em *all of a sudden* (de repente) temos uma estrutura anômala, ou seja, que não cumpre os papéis esperados pela gramática.
- ✓ **Substantivas e formais:** as expressões substantivas preveem o preenchimento de todas as posições previstas na estrutura sintática. Em “*Quem tudo quer, tudo perde*” há uma estrutura fixa, pois não flexionamos o tempo (queria/ perdia). Enquanto nas formais há uma moldura sintática genérica que pode ser preenchida por diferentes itens lexicais, como: *João deu uma lição em Maria; João vai dar uma lição em José*, dentre outros (X deu uma lição em Y).

- ✓ **Expressão Idiomática com ou sem ponto pragmático:** as expressões com ponto pragmático são aquelas que, além de terem um significado habitual, também podem ser utilizadas em determinados contextos, como *good morning* (contexto pragmático: início de uma conversa; cumprimento). Enquanto as expressões que podem ser utilizadas independente do contexto são classificadas como sem ponto pragmático, que é o caso de *by and large* (em geral).

Após essa distinção, Fillmore et al. (1988) perceberam que algumas expressões são mais cristalizadas do que outras e propuseram uma categorização a partir dessa constatação. A primeira categorização, conforme Cruse e Croft (2004), é chamada de *unfamiliar pieces unfamiliarly*. O novo aspecto dessa categoria é o de que algumas palavras ocorrem apenas em algumas expressões idiomáticas, como exemplo de peças não familiares temos *kith and kin* (amigos e família), que é irregular no ponto de vista léxico, semântico e sintático. A segunda categoria *familiar pieces unfamiliarly arranged*; esse tipo de expressão idiomática é lexicalmente regular, mas irregular em relação à semântica e à sintaxe: *in point of fact* (na realidade). A terceira e última categoria é a *familiar pieces familiarly arranged*, que são expressões regulares no ponto e vista do léxico e da sintaxe, mas irregulares em relação a semântica como em *tickle the ivories* (tocar piano).

Croft e Cruse (2004) ilustraram no quadro abaixo os tipos de expressões idiomáticas comparadas com as expressões sintáticas regulares:

Quadro 3- Tipos de Expressões Idiomáticas Comparadas com Expressões Sintáticas Regulares

	Lexically	Syntactically	Semantically
<i>unfamiliar pieces unfamiliarly arranged</i>	Irregular	Irregular	Irregular
<i>familiar pieces unfamiliarly arranged</i>	Regular	Irregular	Irregular
<i>familiar pieces familiarly arrange</i>	Regular	Regular	Irregular
<i>regular syntatic expressions</i>	Regular	Regular	Regular

Desse modo, para Gibbs (1995), os *phrasal verbs*, as *collocations*, as expressões formulaicas, os *sayings* podem ser considerados idiomáticos, pois normalmente não há uma transparência entre a significação linguística e o sentido idiomático.

2.2.3 Verbos Frasais

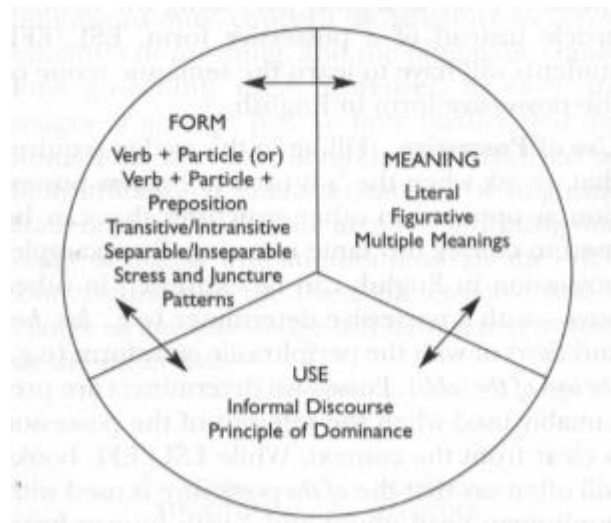
Os verbos frasais, mais conhecidos como *phrasal verbs*, configuram um dos grandes desafios tanto para o professor, quanto para o aprendiz de língua estrangeira. Primeiramente por ser uma construção idiomática e pelo fato de o aspecto cultural, muitas vezes, tornar-se imprescindível na compreensão do contexto de uso.

Considera-se um *prhasal verb* “a combinação de um verbo mais uma partícula funcionando como uma unidade única⁵⁴” (LARSEN-FREEMAN, p. 254, 2001- TN).

Larsen-Freeman (2001) especifica, em sua obra, que há verbos frasais literais como *to hang up* (pendurar algo), que permitem inferir o conteúdo da combinação, a partir da compreensão do significado do verbo. Além deles há também, os não literais, que são os de interesse deste trabalho, como *to run into* (significando *encontrar alguém por acaso*), no qual o conhecimento do verbo ou da partícula ajuda muito pouco no discernimento do significado.

⁵⁴ “The verb plus particle combination functioning as a single unit”.

Figura 17 - Representação da composição de um *Phrasal Verb*



Fonte: LARSEN- FREEMAN (p. 254, 2001)

Como podemos observar na figura 17, para Larsen- Freeman (2001) temos nos verbos frasais a dimensão da forma, que normalmente é composta por: verbo+ preposição ou verbo + advérbio. Quanto à classificação, caso seja permitido colocar um objeto entre as partículas temos os verbos frasais que podem ser:

- ✓ **Separáveis:** verbos que exigem a colocação do objeto antes da preposição, sempre que o objeto for um pronome, como em:

They called up the woman.

They called the woman up.

They called her up.

- ✓ **Inseparáveis:** são os verbos preposicionados e que normalmente não aceitam complementos, ou seja, a colocação de um objeto entre o verbo e a preposição.

They called on the woman. (Eles ligaram para a mulher)

They called on her.

Já em relação à transitividade, assim como os outros verbos os verbos frasais são:

- ✓ **Transitivos:** requerem um objeto, pois o sentido não está completo, que é o caso dos separáveis citados anteriormente.
- ✓ **Intransitivos:** o sentido está completo, não requerem um objeto.

Há, ainda nessa dimensão, a entonação e o como ocorre a junção na fala. Quando o objeto é um pronome, a tonicidade ocorre na preposição conforme podemos ver em:

Turn it [↑] on.⁵⁵

Na dimensão do significado, como citado anteriormente, temos a literalidade, o sentido figurado ou os múltiplos significados, de acordo com a pesquisadora Larsen – Freeman (2001).

Figura 18 – Exemplo de verbo frasal múltiplos significados

PHRASAL VERBS

TAKE IN

Woodward ENGLISH

- = to view your surroundings and absorb it. (Transitive)**
 - I just want to sit here a minute and **take in** the view.
 - When in a new city, I like to sit in a café and **take it all in**.
- = to give shelter (Transitive)**
 - I **took in** a stray dog last week.
 - Canada **has taken in** 10,000 refugees this year.
- = to deceive someone (Transitive)**
 - He **took me in** completely with his sad story.
 - Don't be **taken in** by his charms. He doesn't tell the truth.
- = to reduce the size of a piece of clothing (Transitive)**
 - My pants are loose. I need to **take them in**.
 - Your dress needs to be **taken in** around the waist.
- = to understand and absorb information (Transitive)**
 - It was a lot of information to **take in** all at once.
 - I could hardly **take in** everything he said.

www.grammar.cl www.woodwardenglish.com www.vocabulary.cl

Fonte: <https://www.woodwardenglish.com/lesson/take-in-phrasal-verb-meanings-examples/>

Por fim, na dimensão do uso, temos o discurso informal e o princípio de dominância, que seriam as circunstâncias que favorecem o uso de determinada partícula em relação a outra, conforme Erteschik-Shir's (1979 apud LARSEN-FREEMAN, 2001, p. 254-TN) “ se o objeto direto é curto, informação antiga (ex: um pronome), ele naturalmente ocorrerá antes de uma partícula”⁵⁶.

⁵⁵ Exemplo disponível em: <<http://www.macmillandictionaries.com/MED-Magazine/October2005/34-Phrasal-Verbs-Pron.htm>> Acesso em: 25 mar. 2018.

⁵⁶ “if the direct object is short, old information (e.g., a pronoun), it would naturally occur before the particle”.

Diante dessas três dimensões a questão é: como trabalhar com esse tipo de construção em sala de aula? Larsen- Freeman (2001) propõe que os docentes não devem especificar todos os pormenores que envolvem esse tipo de construção, mas sim identificar o desafio a ser superado. No caso, o principal desafio é o trabalho com o significado, uma vez que não há uma sistematização para aprender a relacionar verbo e partícula. Sugere-se o trabalho com imagens e *realia*⁵⁷, que permite visualizar e explorar os significados envolvendo os estudantes em atividades em que eles possam identificar o contexto e negociar, com os pares, o melhor sentido.

Para Swan (1995) os verbos frasais são difíceis de aprender por serem opacos, ou seja, neles o significado não é rapidamente identificado; além disso, um mesmo verbo pode combinar com várias partículas e gerar diferentes significados; e mais há verbos frasais polissêmicos e podem causar ambiguidade. Características que comprovam a motivação deste trabalho e evidenciam a importância de considerarmos a semântica e a pragmática no que se refere ao ensino de construções idiomáticas.

2.2.4 Expressões Formulaicas

Para Wray (2002) expressão formulaica é uma sequência, contínua ou descontínua, de palavras ou outros elementos significativos que é pré-fabricada. De modo geral, são combinações formuladas na mente do falante, que são repetidas em uma sequência como: *How are you? How old are you? Você tem horas?* e que possuem uma papel de interação e enfoca a relação entre os interlocutores.

Normalmente as expressões formulaicas fazem parte das rotinas conversacionais e assumem algumas funções como a de cumprimentar, despedir, perguntar conteúdo informacional ou de sim/não. Apesar de terem origem na linguagem oral, podemos encontrá-las durante a leitura de textos, como os provérbios, que serão explorados em seguida.

⁵⁷ Entende-se por *realia* objetos e materiais reais utilizados no processo de ensino aprendizagem. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/realia> > Acesso em: 25 mar. 2018.

Provérbios

A palavra provérbio, em latim *proverbiu*, caracteriza-se por ser uma frase de caráter popular que tem como objetivo transmitir, de maneira resumida, um valor, um conselho, um ensinamento, dentre outros.

Do ponto de vista estrutural, o provérbio tem como características fundamentais a concisão, a projeção metafórica de uma experiência de vida e a tendência em ensinar algo. O fato de ser uma construção recuperada pela mente do falante faz com que ele possa ser considerado uma expressão formulaica. Isso porque, ao escutarmos “*Mais vale um pássaro na mão [...]*”, rapidamente recuperamos o bloco: *do que dois voando*.

Em relação ao conteúdo, pode-se dizer que ele é universal pelo fato de não estar relacionado ao nosso subjetivo e pelo fato de que cada cultura atribui seus valores, dependendo do contexto de uso.

Mota (1974) afirma que não há como precisar cronologicamente a origem de um provérbio e que ele está ligado ao comportamento do ser humano. Ao ouvirmos um provérbio, acionamos o nosso conhecimento de mundo, nos colocamos na situação, projetamos e, até mesmo, aplicamos o conteúdo da mensagem.

Por ser uma unidade memorizável e que tem previsibilidade, o provérbio pode ser caracterizado como um tipo de construção, pelo fato de os elementos não se alterarem e serem facilmente recuperáveis no momento da fala.

Diante desses aspectos, encontra-se o uso desse tipo de estrutura, cada vez mais, em textos jornalísticos. Isso porque acaba se tornando um recurso argumentativo que faz com que o leitor reflita e construa o significado a partir da informação oferecida e do local do discurso.

Um exemplo típico é o uso do provérbio “*If you pay peanuts, you will get monkeys*”, que, em português, seria traduzido literalmente como: *Se você paga com amendoins, você terá macacos*. Contudo, no contexto empresarial, temos: *Se você paga mal, não terá bons funcionários*. Consequentemente, o contexto e o uso desse provérbio tornam-se primordial para a compreensão de títulos como: “*If you pay peanuts, you get monkeys!*” - *3 Ways To Recruit Past A Low-Salary Obstacle*⁵⁸

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/20140826090340-106282313--if-you-pay-peanuts-you-get-monkeys-3-ways-to-recruit-past-a-low-salary-obstacle>> Acesso em: 19 jul. 2017.

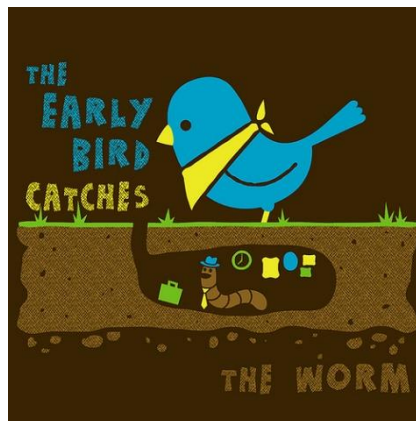
Nesse caso, o texto versa sobre a competitividade do mercado e como, cada vez mais, indivíduos estão sendo “corteados” para fora de suas empresas por melhores salários. A tradução por composição não permite a compreensão da ideia de valorização do profissional. Outro provérbio frequentemente utilizado é *Business is business*:

*My Most Hated Workplace Comment: Business Is Business, It's Not Personal*⁵⁹

Em português seria: “Amigos, Amigos; negócios à parte”, fazendo referência que a amizade e a vida profissional não devem caminhar juntos.

Conclui-se, assim, que os provérbios evocam a experiência do falante e possuem uma estabilidade em relação ao significado. Os provérbios podem ser interpretados pelas projeções metafóricas que constroem, pela influência do contexto e, até mesmo, pelos esquemas de imagem como em: *Early birds catch the worm* (*Deus ajuda quem cedo madruga*), no qual temos o esquema de PERCURSO com foco na META, ou seja, somente aqueles que buscam atingir seus objetivos obterão sucesso.

Figura 19 - Provérbio "*The early Bird catches the worm*"



Fonte: https://www.threadless.com/forum/post/53074/wip_the_early_bird_catches_the_worm/

⁵⁹ Disponível em: < <https://www.forbes.com/sites/lisaquast/2012/03/18/my-most-hated-workplace-comment-business-is-business-its-not-personal/#1a8191e46c49>> Acesso em: 19 jul. 2017.

2.2.5 Colocações

A definição do termo *collocation* (colocação) assume diferentes sentidos e, frequentemente, é vaga no ensino de língua inglesa e na linguística, de acordo com Nesselhauf (2005). Dentre essa variedade, há um traço comum, que é o fato de esse termo ilustrar a relação sintagmática existente entre as palavras.

Para Croft e Cruse (2004, p. 249- TN), as colocações são “[...] combinações de palavras preferíveis a outras combinações que, de outro modo, parecem ser semanticamente equivalentes⁶⁰”. Essas expressões combinadas não são fixas (restrição de seleção) e nem uma convencionalidade da composição semântica; na verdade, encontram-se em um ponto intermediário desse *continuum*:

Figura 20 - Ilustração do conceito de Colocação



Fonte: Baseada em CROFT, A; CRUSE, W. (2004, p. 249).

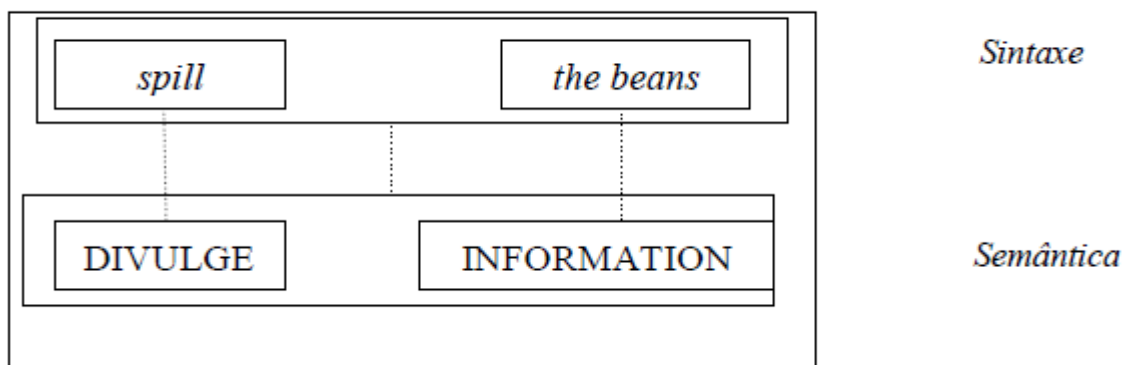
As pontas extremas desse *continuum*, segundo Nunberg et. al (1994apud CROFT; CRUSE, 2004) dividem-se em:

- ✓ **Construções Semanticamente Composicionais:** ocorre um mapeamento direto entre os elementos que são formados a partir de regras sintático-semânticas e são decodificadas mais rapidamente do que as não composicionais. Para os autores (CROFT; CRUSE, p. 249, 2004) “*The car started*” (O carro funcionou) é um exemplo de construção semanticamente composicional, pois o significado do todo pode auxiliar na construção do significado das partes.

⁶⁰ “[...] combinations of words that are preferred over other combinations that otherwise appear to be semantically equivalent”.

- ✓ **Construções Semanticamente Idiomáticas (não composicionais):** não há relação entre os constituintes e os significados, suas propriedades sintático-semânticas não são explicadas pelas regras gerais dos idiomas. Além disso, as restrições sobre as possíveis combinações de palavras são determinadas pela semântica do conceito denotado (NUNBERG et al, 1994 apud CROFT; CRUSE, 2004). Para ilustrar esse tipo de construção, analisaremos a construção *spill the beans*⁶¹ (revelar um segredo) , na qual substituir *beans* (feijão) por *lentils* (lentilhas) ocasiona a perda do sentido idiomático.

Figura 21 - Representação da expressão idiomática *Spill the beans*



Fonte: CROFT, A; CRUSE, W. (2004, p. 252)

Percebe-se que o verbo *spill* é necessário para a construção idiomática dessa expressão e que há uma regra semântica própria. No caso das colocações, não há alteração na semântica, na verdade, parece que não fica bem colocado (que não combina a troca realizada), como exposto abaixo:

a. *Strong tea*

Powerful tea

⁶¹ De acordo com o dicionário Cambridge online significa “to let secret information become known” disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/spill-the-beans>> Acesso em: 25 fev. 2017.

b. *Heavy rain*

Strong rain

Halliday (2002), em seu trabalho sobre estudos lexicais, observou que um nativo prefere dizer *strong tea* em vez de *powerful tea* ou *heavy rain* em vez de *strong rain*. A intenção é a mesma, mas há uma preferência pelos adjetivos *strong* em relação a bebida e *heavy* em relação a chuva.

Outro caso, é a expressão *heavy smoker*, utilizada para designar uma pessoa viciada em cigarros que, se traduzida ao pé da letra, não nos parece coerente, uma vez que seria *fumante pesado*.

De um modo geral, podemos dizer que as colocações são coocorrências sintáticas entre, pelo menos, dois itens e que elas “podem ser interpretadas mais ou menos corretamente fora do contexto, mas não podem ser produzidas corretamente, se a expressão convencional não é conhecida previamente pela comunidade de fala⁶² “(NUNBERG et al, 1994 apud CROFT; CRUSE, 2004, p. 250- TN⁶³), ou seja, um falante nativo pode não entender que as expressões *thumb tack* (*American English*) e *drawing pin* (*British English*) são utilizadas para designar um mesmo objeto: a tachinha. No primeiro exemplo, a expressão baseia-se no ato de pregar algo na parede ou em alguma superfície, utilizando o polegar, enquanto, na segunda, há uma alusão ao ato de usar tachinhas para pendurar trabalhos escolares e desenhos dos alunos.

Neste capítulo, buscamos descrever a Gramática Cognitiva e a Gramática de Construções, enfatizando os tipos de construções que farão parte das análises: expressões idiomáticas, verbos frasais; expressões formulaicas e colocações. Cada uma tem sua especificidade e, ao mesmo tempo, possuem como traço semelhante a significação que parte do sentido conotativo e da observação do contexto de uso, ou seja, como essas construções são utilizadas por nativos.

⁶² Entende-se por comunidade de fala como sendo “um grupo de pessoas que interage por meio da fala” (BLOOMFIELD, 1926, p. 42).

⁶³ “[...] can be interpreted more or less correctly out of context, but cannot be produced correctly if the conventional expression is not already known to the speech community”.

3 DO CORPUS ÀS ANÁLISES

Neste capítulo será descrito o processo de delimitação temática das construções, a seleção do *corpus*, bem como as análises realizadas.

3.1 Delimitação Temática das Construções

O princípio deste trabalho é atender a uma demanda real, ou seja, o ensino de construções idiomáticas. Logo, partindo das minhas dúvidas enquanto docente e do interesse dos meus discentes em relação a essa temática foi elaborado um questionário no *google forms*, a fim de delinear o perfil dos alunos e as áreas de seus interesses.

O questionário foi aplicado no ano de 2017 para alunos do 1º ano do Ensino Médio e 2º ano do Técnico Integrado ao Ensino Médio (totalizando 80 alunos) em uma Escola Técnica estadual do interior paulista.

As perguntas que faziam parte do questionário⁶⁴ englobavam os seguintes aspectos:

1. Nome (opcional)
2. Idade
3. Sexo
4. Nível de proficiência em língua inglesa
5. Atividades
6. Tema de maior interesse
7. Outros temas
8. Lista de construções que fazem parte da curiosidade do estudante
9. Indicação de séries, jornais, revistas, dentre outros.

Após a aplicação do questionário, exposto como facultativo, obtivemos os seguintes dados:

⁶⁴ Questionário disponível em:

<https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=bEY47UG2fUOa6dgBuCn6IHJMmWm9XNxImYELGfMWKDRUNTdZMUg1STBTWFAyUIJIVDJTREFPRzk5Qi4u> Acesso em: 15 set. 2018.

Figura 22 - Idade

2. Idade

[Mais Detalhes](#)

● 14	0
● 15	5
● 16	15
● 17+	6



Fonte: Elaboração própria.

Figura 23 - Sexo

3. Sexo

[Mais Detalhes](#)

● Feminino	17
● Masculino	9



Fonte: Elaboração própria.

Figura 24 - Nível de Proficiência

4. Seu nível de proficiência em Língua Inglesa é:

[Mais Detalhes](#)

● Básico	18
● Intermediário	8
● Avançado	0



Fonte: Elaboração própria.

Figura 25 - Atividades

5. Dentre as atividades abaixo, qual você mais gosta de fazer?

[Mais Detalhes](#)

● Ler em inglês	1
● Escrever em inglês	1
● Ouvir músicas em inglês	18
● Falar em inglês	6



Fonte: Elaboração própria.

As questões 2, 3 4 e 5 visaram traçar o perfil dos estudantes que participaram do questionário. Além de identificar a idade, identificamos que a maioria dos alunos possui nível básico de proficiência. Ressalta-se que eles são submetidos a um processo de seleção para ingressar na escola; conseqüentemente, tiveram experiências diferentes com o ensino de língua inglesa e a maioria não realiza curso fora do horário regular de aula. Ao verbalizarem o tipo de

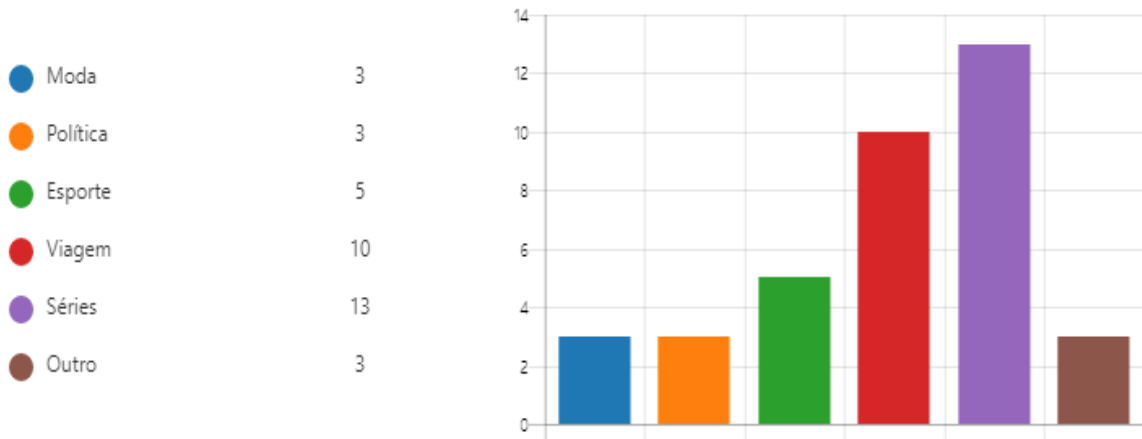
atividades que mais desenvolveram no fundamental II, a grande maioria afirma ter tido mais contato com tradução de texto e trabalho com vocabulário em geral.

Na questão 5, que envolve as habilidades do idioma, ficou claro que a maioria prefere ouvir músicas.

Figura 26 - Temas

6. Em relação aos temas abaixo, qual é o de maior interesse?

[Mais Detalhes](#)



Fonte: Elaboração própria.

Os dados da figura 26 auxiliaram na delimitação dos assuntos e, sobretudo, a entender os interesses dos estudantes. Por conseguinte, ficou decidido que trabalharíamos com construções idiomáticas das seguintes áreas: viagens (10); séries (13) e esportes (5).

Quadro 4 – Outros Temas⁶⁵

7. Se você selecionou a opção outro, favor elencar os assuntos de seu interesse.	
ID	Respostas
1	Filmes
2	Beleza
3	Filmes
4	Músicas e famosos

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5 – Construções Elencadas pelos Estudantes

8. Com base no tema escolhido na questão 6, liste expressões idiomáticas e / ou provérbios em inglês que você teria interesse em aprender e coloque entre parênteses o assunto em que essa expressão se insere, conforme exemplo: <i>tea party</i> (política); <i>The early Bird catches the worm</i> (provérbio).	
ID	Respostas
1	I'm watching stranger things on Wednesday (série) She goes in business trip (viagem) Stephen Curry is the best player of season (esporte) In Brazil everything ends in pizza, mainly politics (política)
2	Cast a blank vote
3	Shots on target (esporte)
4	Gostaria de aprender mais o vocabulário do cotidiano, utilizado no dia a dia
5	Consumerist practices (moda)
6	'The best of both worlds' (vejo em série) 'See eye to eye'(série) 'Once in a blue moon'(série)

Fonte: Elaboração própria.

No quadro 4, alguns alunos sugeriram outros temas levando em consideração os interesses pessoais. No quadro 5, os alunos listaram algumas construções idiomáticas, que encontraram em séries ou em outros materiais. Aqui registraram dúvidas pessoais e categorizam

⁶⁵ As questões e respostas foram transcritas em um quadro, uma vez que os resultados no *forms* são individuais e gerados em *Excel*.

por tema. Notamos que a maioria apareceu em séries e que algumas indicações são literais como *business trip*.

Quadro 6 – Indicações de Materiais feita pelos Estudantes

9. Por fim, indique jornais, <i>sites</i> , revistas, blogs e séries que você costuma ter acesso e que fazem uso da língua inglesa.	
ID	Respostas
1	Stranger Things, Tomorrow Legends, Arrow, Flash
2	BuzzFeed, Stranger Things, some musics on spotify, 9ag, musixmatch and others
3	ESPN, Bleacher Report, NFL, Network
4	Supernatural, Stranger Things, 13 reasons why, Teen wolf, The vampire diaries
5	The big bang theory e Friends
6	The Guardian, The New York Times
7	Vídeos no youtube de react músicas estrangeiras, pessoas estrangeiras com intercâmbio aqui no Brasil, lyrics music, entrevista com artistas internacionais, etc.
8	Facebook, Instagram, Black List
9	Youtube, Facebook, yugiohcardguide.com e vídeo games
10	Séries: Friends, Black Mirror, Gossip Girl, Dark, How I met your mother entre outras.
11	That 70's show Breaking bad. Stranger things
12	Séries Supernatural teen wolf the vampire diaries once upon a time gossip girl Gilmore girls
13	Netflix
14	Série 'The walking dead', 'Dr. House', 'Friends', entre outras
15	Séries: Once upon a time, Pretty little liars, Grey's anatomy, The vampire diaries e etc.
16	Doctor who American Horror story
17	Hawai 5.0 (série) Grey's Anatomy (série)
18	Série tv spotify youtube
19	Grey's Anatomy CIS
20	Site vagalume que possui a letra das músicas em inglês e ao lado em português o que facilita a interpretação e ajuda no conhecimento de novas palavras

21	Pretty little liars (série)
22	The Musketeers. The Times, BBC- Words in the News. Grimm
23	Netflix, Duolingo Youtube
24	Black mirror no on saves you (página no facebook), Duolingo, Orange is the new black. Grey's Anatomy. Skins. Cuckkoo. Breaking Bad. Anne with E. Santa Clara Diet e Game of Thrones.
25	Séries: glee
26	12 monke/ prison preake/ travellers

Fonte: Elaboração própria.

Dando continuidade à observação dos dados, no quadro 6 as indicações de materiais nos chamaram a atenção, pois, embora a maioria se autodeclare em nível básico há na lista materiais relevantes e que exigem certo grau de conhecimento por parte dos estudantes. Além das séries, que configuram atualmente uma das ações mais realizadas pelos adolescentes, encontramos a citação de dois grandes jornais *New York Times* e *The Guardian* e de diferentes canais e sites (*duolingo*; BBC; dentre outros) relacionados à aprendizagem de idioma.

De um modo geral, conseguimos identificar o papel da *Internet* no cotidiano dos estudantes e, até mesmo, podemos reconhecer esse advento como uma forma de diversificar a metodologia e servir de material de apoio para o desenvolvimento das aulas. Hoje, aprender um idioma vai além da sala de aula e devemos aproveitar junto de nossos estudantes as ferramentas que estão disponíveis.

Após a delimitação dos temas ocorreu a seleção do *corpus*, como descrito em seguida.

3.2 Corpus

Desde o início do projeto, buscamos elencar construções idiomáticas, das mais cristalizadas às mais flexíveis, que exigissem a compreensão metafórica, cultural e/ou se baseassem na linguagem corporificada. Após as primeiras análises e questionário aplicado com os alunos, optamos por trabalhar com construções presentes em jornais, revistas e séries/programas de TV, que são suportes mais presentes nas aulas e no cotidiano dos discentes. Separamos as construções que são mais utilizadas em cada área, buscamos no COCA para atestar a produtividade e utilizamos os textos orais e ou escritos disponíveis no *corpus* online para exemplificar as análises.

O corpus utilizado é o *Corpus of Contemporary English*, (COCA) disponível *online* no endereço <https://corpus.byu.edu/coca/> e de acesso gratuito. Esse corpus possui mais de 520 milhões de palavras, distribuídas em aproximadamente 220.255 textos, que são divididos nas seguintes seções: língua falada, ficção, revistas, jornais e textos acadêmicos. Como o foco são construções idiomáticas, as buscas foram realizadas a partir do contexto de uso.

A fim de evidenciar o uso das construções selecionadas, são apresentados o tema e a frequência⁶⁶ em que elas ocorrem no COCA, contemplando os registros escritos e orais:

Tabela 1 – Construções relacionadas ao tema “esporte”⁶⁷

<i>Construções</i>	<i>Frequência</i>	<i>Classificação</i>
<i>a long shot</i>	951	Expressão idiomática
<i>Knockout</i>	1089	Expressão idiomática
<i>Full deck</i>	38	Expressão idiomática
<i>Touchdown</i>	6467	Expressão idiomática
<i>Carry the ball</i>	60	Expressão idiomática
<i>Run interference</i>	43	Expressão idiomática
<i>Call the shot</i>	6	Expressão idiomática
<i>Drop the ball</i>	73	Expressão Idiomática

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 – Construções relacionadas ao tema “viagens”

<i>Construções</i>	<i>Frequência</i>	<i>Classificação</i>
<i>Check in (hotel/airport)</i>	2757	Verbo frasal
<i>Run out (car)</i>	5489	Verbo frasal
<i>Fill it up (car)</i>	1393	Verbo frasal
<i>Please fill in this form</i>	2653	Verbo frasal/ colocação
<i>May I try this on? (clothes)</i>	584	Expressão formulaica
<i>Live out of a suitcase</i>	66	Expressão idiomática
<i>Round trip (travel)</i>	604	Colocação
<i>Take off</i>	5248	Verbo frasal

Fonte: Elaboração própria

⁶⁶ A frequência é apenas ilustrativa.

⁶⁷ O número escolhido para análise foram de 8 construções por área, porém no episódio analisado encontramos 5.

Tabela 3 – Construções relacionadas a série *The Wonder Years*⁶⁸

<i>Construções</i>	<i>Frequência</i>	<i>Classificação</i>
<i>Drive me crazy</i>	106	Expressão idiomática
<i>Pick it up</i>	19123	Verbo frasal
<i>Working on</i>	19844	Verbo frasal
<i>Packed off</i>	67	Verbo frasal
<i>Keep an eye out</i>	854	Expressão idiomática

Fonte: Elaboração própria

Após atestar a produtividade, observar os tipos de construção e pesquisar sobre o contexto de uso, fizemos as análises que serão apresentadas a seguir.

3.3 Análises

Neste capítulo serão apresentadas as análises de acordo com as temáticas, como proposto nas tabelas 1,2 e 3.

3.3.1 Construções relacionadas ao tema esporte

Curiosamente, uma grande quantidade de expressões idiomáticas tem origem nos esportes, mas seu uso não se restringe a esse contexto. Afinal, a paixão pelo esporte faz com que as pessoas se desloquem de suas casas para assistir às partidas, acompanhem pela TV e torçam com entusiasmo. Independente do país, língua ou sistema político, a paixão por jogos e competições, pode-se dizer que é a mesma em qualquer lugar do mundo.

Talvez seja esse o motivo que faça com que as pessoas transfiram expressões idiomáticas relativas aos esportes para o cotidiano ou áreas do conhecimento humano, que a princípio não têm nenhuma relação com essa temática. Exemplo disso é o fato de utilizarmos em nosso próprio idioma expressões como: *salvo pelo gongo*; *golpe baixo*; *estar na marca do pênalti*; dentre outros.

⁶⁸ A escolha dessa série justifica-se por estar presente em um dois materiais utilizados pela docente, durante suas aulas no 1º Ensino Médio.

Independentemente do nível de conhecimento que o indivíduo tem sobre o idioma, essas expressões aparecem no discurso e, na língua inglesa, isso não é diferente. Na verdade, a distinção é cultural, uma vez que cada país prefere uma modalidade a outra, mas o uso fora dos limites do esporte é evidente.

Levando em consideração a presença das expressões esportivas em diferentes áreas apresentaremos a seguir as análises realizadas.

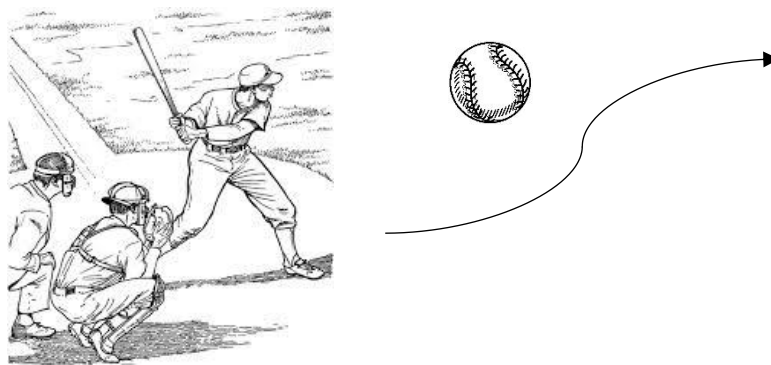
A long shot

Na área dos esportes, encontramos a expressão *a long shot*, em jogos de apostas, como cartas e corrida de cavalos e, mais comumente, no *baseball*.

A tradução literal é *um tiro longo*, fazendo alusão ao fato de o bateador lançar a bola longe e, por isso, não saber onde ela cairá. Metaforicamente, essa expressão significa *algo improvável de acontecer*, ou seja, a chance de o bateador pontuar é mínima.

Podemos dizer que essa expressão representa um esquema de imagem de PERCURSO, no qual a bola tem um ponto inicial, um percurso e um destino que é desconhecido.

Figura 27 - Esquema PERCURSO na expressão *a long shot*



Fonte: Elaboração própria

Longe do jogo de *baseball* e das apostas, encontramos essa expressão no mundo dos negócios, em falas do cotidiano e até mesmo sendo utilizada em reportagens jornalísticas relacionadas à política.

*Frank. If she were to win, and I know it's a long shot, markets here in the U.S. will sell-off tomorrow. (2017; SPOK; Sunday Morning Futures)*⁶⁹

making policy choices based on that. "While Mr. Perry looks like a long shot in the republican race, the low-tax, light-regulation model favored by many conservatives contrasts (2015; NEWS; NY Times)

No primeiro exemplo temos um registro extraído da fala da apresentadora do programa *Sunday Morning Futures*⁷⁰, Maria Bartimoro. Esse programa faz parte do canal *Fox News Channel* e tem no seu roteiro desde assuntos relacionados à ciência, política e notícias do mundo. O contexto da entrevista são as eleições da França e durante a conversa a apresentadora diz que a chance de Marine Le Pen (candidata em 2017) vencer as eleições é pequena e que, se isso ocorresse, haveria impactos nos Estados Unidos.

Já o segundo exemplo foi utilizado em um texto publicado na seção de economia do *New York Times*⁷¹, que versa sobre as plataformas políticas de Rick Perry (político americano) na área econômica e sua pequena chance de ganhar a corrida presidencial em 2015.

Ambos os exemplos tiveram como objetivo evidenciar que os candidatos em questão já estavam quase fora das eleições e que ganhar estava distante da realidade até aquele momento, ou seja, reforçam a ideia de um percurso, cuja a META provavelmente não seria atingida.

Além do contexto de disputa política, encontramos no *corpus* a disputa na área da música – Premiação do *Grammy*:

" We Dem Boyz " faces a murderer's row of Kanye, Kendrick, Drake and Nicki Minaj. Sadly, he's a long shot to win his first. (2015; NEWS; Pittsburgh Post- Gazette)

⁶⁹ Os exemplos utilizados foram extraídos do COCA e serão classificados por: ano; tipo: *spoken, fiction, magazine academic* ou *news* e a fonte na qual ocorreu.

⁷⁰ Site do programa: <<http://www.foxnews.com/shows/sunday-morning-futures.html>> Acesso em: 08 abr. 2018.

⁷¹ Texto disponível em:< <https://www.nytimes.com/2015/06/04/business/economy/what-texas-economy-means-for-rick-perrys-presidential-ambitions.html>> Acesso em: 08 abr. 2018.

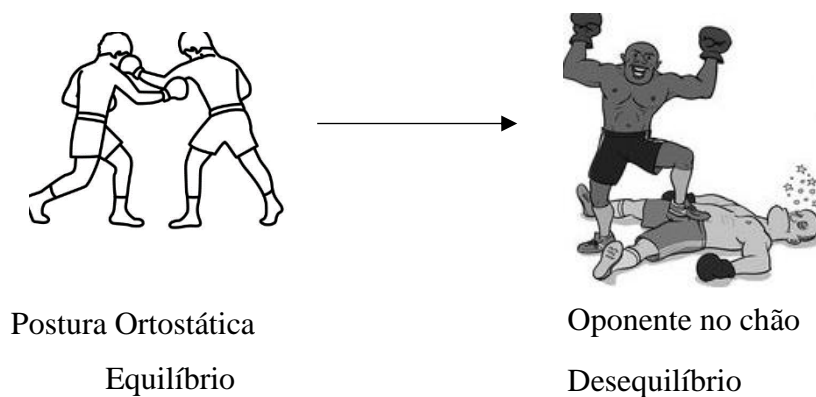
Pode-se dizer que, em língua portuguesa, uma expressão equivalente é *dar um tiro no escuro*, no contexto de jogos de azar (cartaz e apostas), uma vez que, informalmente, significa palpite a esmo; tentativa de adivinhação. Essa expressão também existe em inglês: *a shot in the dark*. Foi até mesmo nome de uma comédia famosa em 1964, com o ator Peter Sellers.

Knock-out* (inglês britânico); *knockout

Essa construção tem origem no *boxing* e é utilizada para nomear o momento em que o lutador recebe um ou mais golpes, cai na lona do ringue e não se recupera; conseqüentemente, seu adversário é considerado vencedor.

Temos nessa construção, um esquema de imagem de EQUILÍBRIO, uma vez que o lutador perde o seu equilíbrio natural e cai, após um duro golpe.

Figura 28 - Esquema EQUILÍBRIO na construção *knockout*



Fonte: Elaboração própria

Basicamente a formação dessa construção é o verbo *knock*, que significa *bater; colidir* e a preposição *out* que significa *para fora*. Nos dias de hoje, já aparece como um empréstimo em português, tanto como substantivo (nocaute), como verbo (nocautear) dependendo do contexto de uso.

Em relação ao sentido metafórico, característica que torna essa construção idiomática, *knockout* pode ser um *produto excepcional* ou também utilizada *para descrever uma mulher muito atraente*.

Em um texto publicado na *The Detroit News*⁷², que comenta o filme *The Edge of Seventeen* temos:

*modern teenage life in America. # Steinfeld, a **knockout** at age 14 in the Coen Brothers' " True Grit " (2016; NEWS; The Detroit)*

Aqui o uso é como adjetivo fazendo referência à beleza da jovem que é protagonista da história.

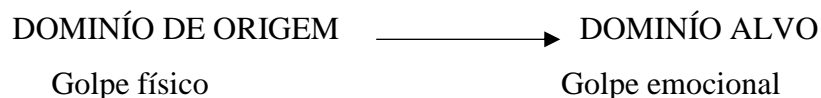
Há registros da abreviação K.O para a construção *knockout* como em:

*MAP2 function, we cultured adult DRG neurons from MAP2 **knockout (KO)** mice and analyzed them at DIV1 (2016; ACAD)*

Essa abreviação é conhecida pela maioria dos estudantes de Ensino Médio, por intermédio da letra da música K.O da cantora Pablllo Vittar, no qual o verbo *nocautear* é utilizado no contexto de esporte, mas fazendo alusão ao sentimento despertado. Interessante notar que é utilizado o termo em português e a abreviação em inglês: “Seu amor me pegou/ Cê bateu tão forte com o teu amor/ **Nocauteou**, me tonteou/ Veio à tona, fui à lona, com o seu **K.O**”⁷³.

Tanto no sentido figurado como no literal, essa construção instancia o esquema de imagem EQUILÍBRIO, pela sua contraparte, o desequilíbrio. Isso acontece mesmo quando o uso ocorre em idiomas diferentes, como no caso da língua portuguesa e inglesa.

Outro aspecto observado é a transferência das características concretas do nocaute para o abstrato, ou seja, impacto emocional:



⁷² Texto disponível em:< <https://www.detroitnews.com/story/entertainment/movies/2016/11/17/movie-review-edge-seventeen-enters-rare-teenage-air/94056548/>> Acesso em: 08 abr. 2018.

⁷³ Letra da música K.O:< <https://www.letras.mus.br/pablllo-vittar/ko/>> Acesso em: 08 abr. 2018.

Full deck/ play with a full deck

Literalmente, essa expressão idiomática é utilizada para fazer referência ao fato de *jogar baralho com todas as cartas*. Esse uso instancia um esquema de imagem de CONTÊINER por meio do adjetivo *full* (*cheio*).

Contudo, a maior ocorrência acontece no contexto conotativo com o verbo *play*, que indica ser *racional ou ter uma inteligência razoável*. *Not play with a full deck* seria o oposto, pessoa com *pouca inteligência*.

Durante uma entrevista no canal ABC Cynthia- Mcfadden utilizou a seguinte sentença ao entrevistar Rod Blagojevich (político americano):

*You've also been called narcissistic, delusional, a sociopath. One state senator says that you're not playing with a **full deck**. Are you playing with a **full deck**?* (2009; SPOK; ABC)

Aqui, ela faz uso da oposição *play with a full deck* e *not play with a full deck*, a fim de questionar se as posturas tomadas pelo político Rod foram coerentes. Basicamente, a apresentadora questiona se o governador foi inteligente ou não. Vale ressaltar que, em 2009, o governador Rod Blago foi acusado de corrupção e foi cassado pelo Parlamento; por isso esse tipo de questionamento apareceu na entrevista.

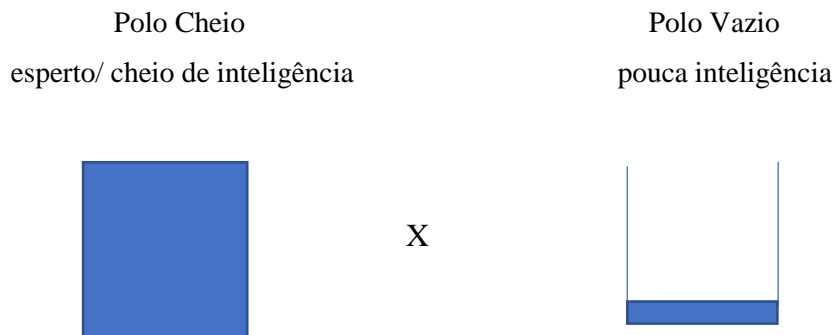
Outra ocorrência é:

*"They're not playing with a **full deck**," Nebraska coach Paul Sanderford said*"(2000; NEWS; Denver Post)

O técnico, ao utilizar a expressão idiomática nesse contexto, quis dizer que eles não estão jogando com todas as possibilidades, ou seja, não estão usando as estratégias e habilidades necessárias para vencer o jogo.

Podemos dizer que, nos dois exemplos, temos o esquema de CONTÊINER, no qual o polo cheio significa inteligente e o polo vazio ou quase vazio, sem esperteza. Especificamente, no exemplo 2, o polo está vazio e representa o não reconhecimento das oportunidades, ou seja, a funcionalidade de todas as estratégias de jogo.

Figura 29 - Esquema CONTÊINER na construção *full deck*



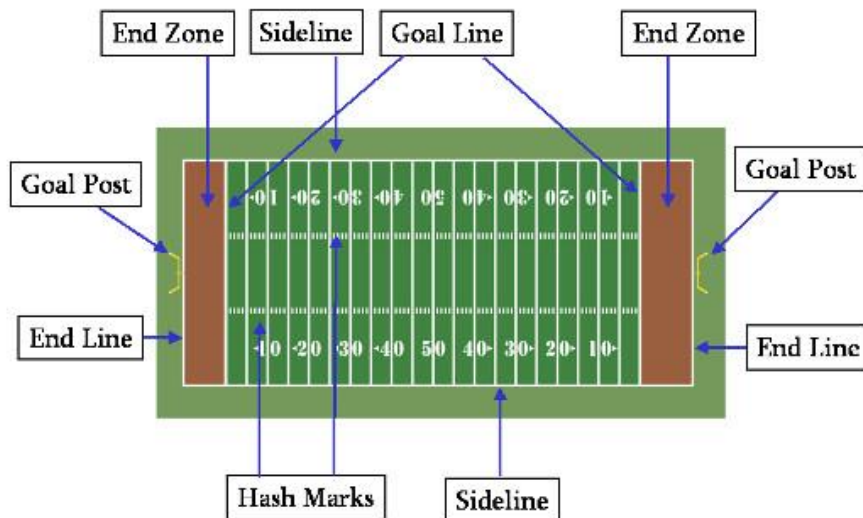
Fonte: Elaboração própria

Touchdown / Touch Down

O *touchdown* é o ponto culminante em uma partida de futebol americano, que equivale ao gol do nosso futebol, mas a pontuação é de seis pontos para o time que consegue penetrar na *end-zone*. Essa jogada permite ainda uma pontuação extra.

Possivelmente essa construção teve origem no rúgbi, pois, quando os jogadores ultrapassavam a linha que dividia o campo e a *end-zone*, faziam com que a bola tocasse o chão.

Figura 30 - Campo de Futebol Americano

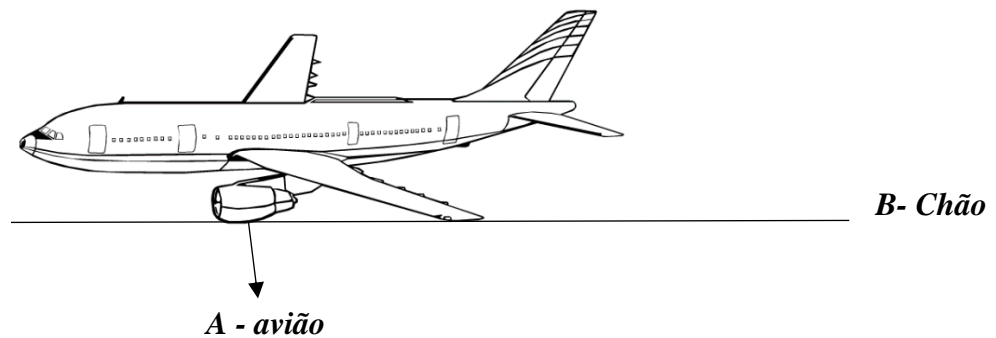


Fonte: <http://www.sportsfy.com/football-field.php>

Contudo, fora do campo, essa construção grafada separadamente *touch down* significa *pouso* ou *pousar*, fazendo referência ao avião.

Nesse sentido temos um esquema CONTATO, instanciado pelo verbo *touch*:

Figura 31 - Esquema CONTATO na construção *touch down*



Fonte: Elaboração própria

No exemplo abaixo extraído do *corpus*, temos o sentido *encostar*, *entrar em contato*, não no caso prototípico, que é o do avião, mas sim com o substantivo *tornado*. Esse tipo de ocorrência é a mais frequente, desde a ideia de o tornado passar pelo lugar até o joelho encostar no chão.

On the anniversary of the worst tornado outbreaks in the U.S., here is every tornado to touch down in Virginia (2017; NEWS; Virginian-Pilot)

No âmbito informal e com maior frequência na oralidade, essa construção pode ainda significar *alcançar algo*; *ganhar algo* como em:

*You scored a touchdown when you hired Jane. She's a great accountant*⁷⁴.

⁷⁴ HENRY, J. *How to play the game: American English sports & Game Idioms*. United Kingdom: Author House, 2004.

Nesse exemplo, *touchdown* provém, obviamente do futebol americano . No contexto do português brasileiro, usaríamos a expressão *marcar um gol*, tendo como input de origem o nosso futebol, como em:

*O candidato democrata à presidência **marcou um gol** de placa quando criticou a política de saúde adotada por seu adversário.*

No caso dos dois últimos exemplos temos um esquema PERCURSO, com foco na meta, pois o processo de contratação e o debate simbolizam o trajeto, que conduzirá a concretização da meta, que é contratar uma boa pessoa e de obter uma melhor posição eleitoral após o discurso.

Carry the ball

Originalmente utilizada no futebol americano, essa construção refere-se ao *ato de dar continuidade*. Isso porque, no futebol americano, o objetivo do jogador é entrar na *end zone* da equipe adversária, que fica localizada na extremidade do campo conforme figura 30.

Ao entrar nessa zona a pontuação é realizada por *touchdown* (6 pontos), além dos pontos extras que a equipe recebe, logo *carry the ball* é uma ação importante para esse tipo de esporte.

Já no basquete *carry the ball* é utilizada para designar a *infração cometida pelo jogador*, que segura a bola (literalmente) por um tempo que excede o limite. No caso do *basketball*, por exemplo, isso ocorre quando o jogador continua o drible mesmo após ter descansado (segurado) a bola na mão.

Podemos dizer que, quando essa construção é usada no sentido denotativo, temos um esquema de CONTATO, pois o jogador toca a bola com as mãos:

Figura 32 - Esquema CONTATO na construção *carry the ball*



Fonte: <https://br.depositphotos.com/91922574/stock-illustration-basketball-ball-hand.html>

Já como expressão idiomática significa *assumir responsabilidade*, principalmente na área dos negócios, na qual a encontramos, como referindo-se à alguém confiável para realizar determinada tarefa ou projeto.

*it's a matter of never forgetting the whole agenda-and if somebody **can't carry the ball** at a given moment, try somebody else.* (2004; MAG; Ms)

Nessa conversa entre Madeleine Albright e Robin Morgan, publicada na *Ms. Magazine*⁷⁵, que versava sobre o papel da mulher e o movimento feminista, temos o sentido de responsabilidade. Na sentença é dito que, se a pessoa não assume a responsabilidade, você deve trocar, tentar outra pessoa.

*Thank you, guys. that Walker of Wisconsin has proved that he can get both Democrat and Republican votes. He's not a bomb thrower. He enters to end the public sector unions, are draining the state economically, and he's able to **carry the ball*** (2012; SPOK; Talk of the Nation)

No caso do exemplo acima, extraído de um programa de rádio, ao falar sobre os candidatos que representariam os republicanos e democratas Walker é citado e dizem que ele é capaz de assumir a responsabilidade diante do contexto político da época.

⁷⁵ Site da revista: <<http://www.ms magazine.com/>> Acesso em: 15 abr. 2018.

Desse modo, ao analisar essa construção podemos dizer que ela projeta o ato físico de carregar a bola para a abstração, tomar para si/assumir:



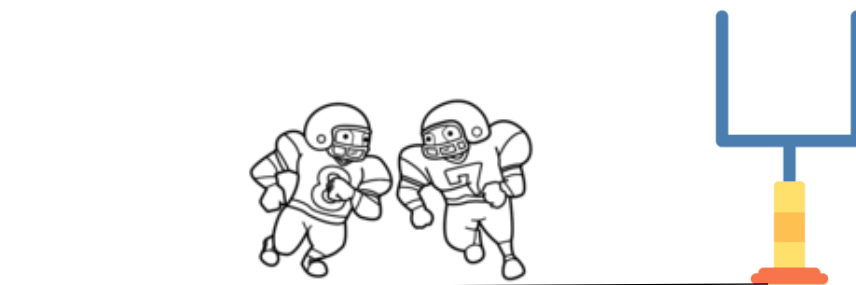
Todavia, quando comparada ao sentido utilizado no futebol americano podemos dizer que é ressaltado o papel do agente, que no esporte conduz a jogada e nos outros contextos assumi a responsabilidade de gerir um projeto, por exemplo. Desse modo, há uma esquema de imagem CENTRO -PERIFERIA, isso porque o foco está na postura do jogador ou de quem precisa ser o responsável na hora de executar, decidir, enfim, resolver o que está sendo proposto.

Run interference

Expressão que, no futebol americano, é utilizada para designar o bloqueio realizado em relação ao time adversário, a fim de evitar que a bola continue com o time da ofensiva.

Há um esquema BLOQUEIO, pois literalmente um jogador *impede o outro de terminar a jogada*, a fim de manter o seu time em vantagem.

Figura 33 - Esquema BLOQUEIO na construção *run interference*



Fonte: Elaboração própria

Assim como nas outras construções, no dia a dia *run interference* é utilizada no sentido de *intervir em nome de alguém, a fim de proteger alguém ou alguém de algo*.

*"Health care is incredibly complex," Delinsky observes. Technology innovators must contend with regulatory restrictions and **run interference** with insurance companies. These compounding factors make it very difficult to digitally advance the way patients receive care. "* (2013; NEWS; USA Today)

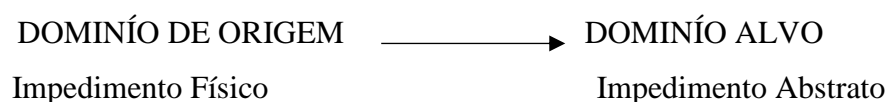
Nesse exemplo, a reportagem versa sobre o desperdício de dinheiro no uso de tecnologia antiga nos hospitais de Seattle e a necessidade de intervir nas companhias de seguro. Aborda ainda, sobre o funcionamento da saúde nos Estados Unidos, teria voltado a ser uma das pautas mais discutidas no atual governo.

No âmbito da ficção temos ocorrências como:

*For the whole of his life, Darling had fought to protect, and **run interference** for others. Whether it was his mother, his siblings, or Maris* (2012;FIC; Born of Silence)

Aqui, a construção é utilizada para descrever o hábito de o personagem em tentar, a todo tempo proteger as pessoas que ama.

O valor de bloqueio passa a ser diferente, uma vez que ele deixa de ser um impedimento físico (do esporte) para ser um impedimento que ocorre por meio de palavras, ações e, até mesmo, a postura de deixar de comunicar algo.



Vale ressaltar que as expressões compostas pelo verbo *run* têm a tendência de exprimir a ideia de PERCURSO e algumas vezes com um bloqueio. Todavia, a grande maioria é instanciada pela ideia desse esquema de imagem. Vejamos:

- a. *Run back*: voltar o filme ao início, recomeçar.
- b. *Run into*: entrar correndo
- c. *Run across*: atravessar correndo
- d. *Run on*: continua sem interrupção

Em *a*, temos a ideia de voltar o PERCURSO, ou seja, de retorno ao ponto inicial. Enquanto em *b,c* e *d*, há a representação linear do esquema de imagem PERCURSO, ponto de partida -trajeto e meta, enfatizando que em *d* não ocorre o impedimento, ou seja, o esquema BLOQUEIO. Essa proximidade de ocorrência justifica-se pelo fato de o esquema de BLOQUEIO ser um sub - esquema do esquema PERCURSO.

De um modo geral, podemos dizer que o verbo *run* representa de maneira prototípica a ideia de movimento para frente, mas que pode ser alterado por meio do uso de verbos frasais diferentes, que é o caso da construção *run interference*.

Call the shot

Utilizada em jogo de sinuca, quando o jogador *canta a caçapa*, ou seja, *antecipa a jogada*. No baralho, faz referência à pessoa que *dá as cartas*. Como expressão idiomática significa *tomar as decisões*.

Call the shot instancia o esquema CENTRO-PERIFERIA, uma vez que ao dar as cartas ou tomar uma decisão o indivíduo torna-se o centro, o foco da situação.

Percebemos esse esquema, por exemplo, quando em uma festa as pessoas mais importantes, os anfitriões, sentam ao centro e nas periferias (extremidades) encontram-se os convidados.

O uso mais frequente é no jogo, mas há algumas ocorrências em notícias como:

*I don't believe that the trade with Toronto is that deal, and I'm the guy making the decisions. I have to **call the shot**.* (1998; NEWS; USA Today)

*Decide in advance who will **call the shot** when ducks decoy or pass within clean range. The shot-caller has an important responsibility* (1992; NEWS; Hounston Chronicles)

Vemos no primeiro uso a tomada de decisão de um técnico e, no segundo, durante o procedimento de caça. Embora o contexto seja diferente a ideia de tomada de decisão, responsabilidade é a mesma.

Em vez de a localização central ser física ela ocorre por meio de uma atitude, temos assim:



O mesmo ocorre no nosso idioma, porque é comum em língua portuguesa utilizar *dar as cartas* no sentido de tomar a decisão, como no título:

“Os militares estão voltando a *dar as cartas* na América Latina?”⁷⁶

Drop the ball

Também originada no futebol americano, essa construção é utilizada para quando o jogador deixa *a bola cair no chão*. Ação negativa para o desenvolvimento do jogo, uma vez que, se a bola tocar no chão, o lance é interrompido.

Ao relacionarmos com os esquemas de imagem, identificamos o de BLOQUEIO. No caso dessa construção, o jogador tem uma META que é a de marcar o ponto, mas durante o TRAJETO, deixa a bola cair e uma nova jogada (NOVO PERCURSO) precisa ser traçada.

No âmbito das expressões idiomáticas significa *vacilar, deixar de atingir um objetivo por incompetência*, popularmente conhecido no Brasil como *pisar na bola*.

No *corpus* encontramos as seguintes ocorrências:

*When pastors **drop the ball**, people are often hurt or confused, so I contributed to an ending that was less than ideal.* (2010; MAG; Christian Century)

*Most of us **drop the ball** as health care consumers even before wasting money on that first unnecessary visit.* (1993;MAG; Consumers Research)

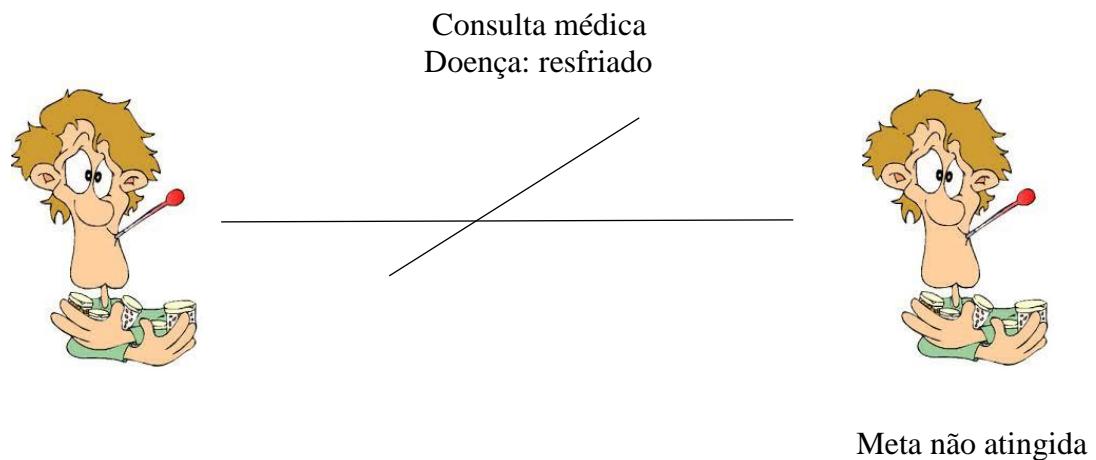
No primeiro exemplo, em um depoimento, um pastor dos Estados Unidos afirma que, quando o líder religioso vacila, essa ação faz com que as pessoas se sintam confusas ou se machuquem. No segundo exemplo, temos um texto que versa sobre as escolhas que as pessoas

⁷⁶ Disponível em:< <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Poder-e-ContraPoder/Os-militares-estao-voltando-a-dar-as-cartas-na-America-Latina-/55/39545>> Acesso em: 28 abr. 2018.

realizam em relação a consultas médicas, afirmando que muitas vezes essa visita não vai cumprir satisfatoriamente o objetivo.

Observamos, assim, que a ideia de bloqueio é físico no que diz respeito ao jogo e abstrato em relação ao uso da construção em sentido figurado.

Figura 34 - Esquema BLOQUEIO na construção *drop the ball*



Fonte: Elaboração própria

Todas as construções analisadas na categoria esporte são do tipo expressão idiomática, ou seja, são formas cristalizadas em que o uso exige uma compreensão não literal. Percebemos que, em alguns casos (*knockout; carry the ball; call the shot*) há projeções entre domínios, que consistem na transferência de características de uma ideia concreta para uma abstrata, que é um dos princípios da teoria da metáfora conceptual (compreender algo em termos de outro).

Ao considerarmos a classificação proposta por Fillmore, Kay e O'Connor (1988), podemos dizer que são expressões idiomáticas de decodificação pelo fato de a composicionalidade, por si só, não contribuir para a construção do significado. A construção *carry the ball* poderia ser vista como codificação se o foco fosse o sentido literal exposto no contexto do basquete, mas, ao utilizarmos o sentido figurado, ela torna-se também uma expressão idiomática de decodificação.

Em relação ao preenchimento das posições, as expressões podem ser substantivas ou formais. As substantivas são aquelas que não podem ser alteradas, que é o caso das construções

knock out, a long shot e touch down. Já as formais preveem alterações, como exemplo, em vez de dizer *play with a full deck* podemos alterar o tempo verbal para *played with a full deck*.

Do ponto de vista da gramática, conforme os autores (FILLMORE et. al, 1988) as expressões idiomáticas podem ser gramaticais ou extragramaticais como exposto no subcapítulo 2.2.1. No caso das nossas análises observamos que as construções são gramaticais, pois seguem as regras do idioma.

3.3.2 Construções relacionadas ao tema viagens

Muitas pessoas procuram cursos e aulas particulares de inglês, a fim de aprender mais sobre a língua para realizar uma futura viagem.

A preocupação é a comunicação, ou seja, compreender e se fazer compreendido em situações rotineiras de viagem, como exemplo: compras; locomoção; abastecimento; passeios; dentre outros.

Contudo, apenas uma lista de palavras pode não ser o suficiente, pois, em muitas situações utilizam-se colocações, expressões formulaicas, verbos frasais ou expressões idiomáticas. Essas situações que, muitas vezes, geram confusão, uma vez que algumas traduções parecem estranhas e há colocações que, dentro de um contexto, são preferíveis em relação a outras formas de expressar o mesmo sentido.

A partir desse contexto, descreveremos algumas construções relacionadas ao tema viagens.

Check in

Check in é uma expressão que já está incorporada à nossa língua, utilizada para designar o ato de *confirmar sua reserva de hotel ou passagem aérea*, na recepção de um hotel ou empresa aérea.

Por ser uma construção amplamente utilizada (estrangeirismo), não gera confusão em sua interpretação, conseqüentemente, se aplicada a outros contextos. Os estudantes dificilmente terão dúvidas de compreensão de texto como em:

*The Dodgers could use another starting pitcher, but many consider their biggest needs elsewhere. The Astros are an intriguing team and likely will at least **check in** on Verlander, but it would be out of their character to make such a move. RF J.D. Martinez # Why he's wanted: Since he came off the disabled list in mid-May, Martinez has been one of the best power hitters in baseball. (2017; NEW; Detroit Press)*

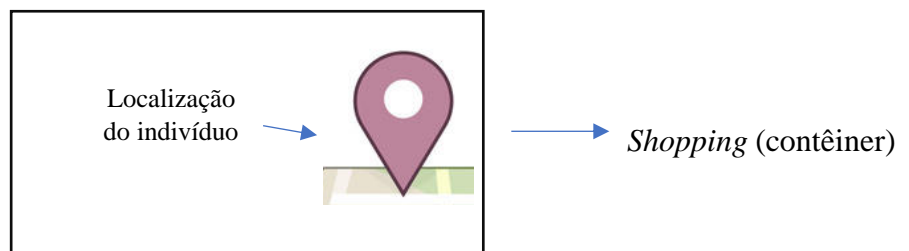
*Rodriguez was a good daughter to her mother and father, calling regularly to **check in** on them, Rached said. She was one of five siblings (2017;NEWS; The Boston Globe).*

Embora o contexto expresso nos dois exemplos não seja o de viagem, caso o aprendiz transfira a ideia de *confirmar*, consegue interpretá-los. No primeiro, trata-se da confirmação de um time e, no segundo, no fato de Rodriguez sempre ser chamada para dar conselhos, auxiliar na confirmação de que rumo seguir.

Com o uso das redes sociais, essa construção ganhou novas proporções, sendo utilizada para demonstrar a localização em que a pessoa se encontra, ou seja, confirmando se ela está em um restaurante, na universidade, enfim, tornou-se uma marca de referência.

Desse modo, podemos dizer que essa construção representa um esquema CONTÊINER instanciado pela preposição *in*, que reforça a ideia de estar dentro de algo (físico ou não):

Figura 35 - Esquema CONTÊINER na construção *check in*



Fonte: Elaboração própria

Run out

Esta construção significa *ficar sem* e é utilizada no contexto de abastecimento, ou seja, a pessoa alugou um carro, por exemplo, e deseja expressar que o combustível acabou. Isoladamente, não conseguimos interpretá-la, por ser um verbo frasal que exige um conhecimento anterior. *Run out* significa, de modo mais literal *ir embora*.

De modo geral, o esgotamento do combustível é expresso por: *My car **ran out** of gas*. Mas também podemos dizer:

*Time is **running out**.*

*Her coins **ran out**.*

No *corpus* encontramos as seguintes ocorrências:

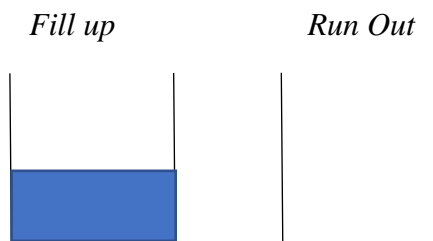
*Viktor Korotayev/Reuters In August 13, 1998, about a year after the Asian financial crisis, Russian markets collapsed on worries that the country would **run out** of money and default. Yeltsin called an emergency session of parliament shortly after, saying there would be no ruble devaluation. (2017;MAG,Bussines Insider)*

*They put on an excellent display of their physical, technically sound skill. But the Hardys stole the show with a comeback that fell just short of success. Down 3-1 with under 10 minutes to go, they were nearly victorious. Cesaro had to **run out** the clock, literally, in order to secure the win.(2017;MAG; Bleacher Report)*

O sentido de acabar é o mesmo, todavia o contexto é outro. No primeiro, há relação com dinheiro e, no segundo, com o tempo. No caso do tempo podemos retomar a ideia da metáfora primária TEMPO É MOVIMENTO, pois atribui uma característica de término ao movimento do relógio/ contagem de tempo, enfim, atribui uma característica concreta a algo que não é concreto.

Há nessa construção um sub- esquema do esquema de imagem CONTÊINER, de acordo com Peña (2008) chamado VAZIO-CHEIO. Isso porque a ideia é de *ficar sem/ esgotar*, quando fazemos uso de *run out*, que pode ser ilustrado em:

Figura 36 - Esquema VAZIO-CHEIO na construção *run out*

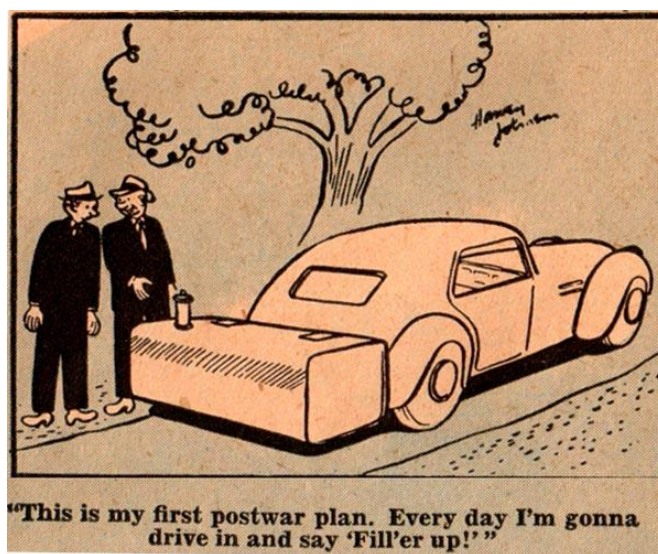


Fonte: Elaboração própria

Fill it up/ fill up

É um verbo frasal composto por um verbo e preposição e significa abastecer completamente um veículo (encher o tanque). Há outros modos de dizer, mas esse é o preferível pelos faltantes nativos. Na língua portuguesa, não utilizamos uma expressão fixa. Dizemos encher o tanque ou abastecer. Todavia, tanto na nossa língua materna como no inglês temos o esquema CONTÊINER, representado pelo tanque de combustível. Interessante observar que *up* significa levantar; subir e, por conseguinte, a ideia que se tem é a de o nível de um líquido, no caso o combustível, subindo dentro do tanque, o contêiner.

Figura 37 - Exemplo de uso da construção *fill up*



Fonte: <http://bergetoons.blogspot.com.br/2015/08/>

Essa charge se refere ao período pós Segunda Guerra Mundial. Durante esse conflito, havia racionamento de combustível e, muitas vezes, falta completa dele, uma vez que a produção era direcionada para os veículos de combate, como aviões, jipes, caminhões militares e carros de combate. Para suprir essa ausência, foram criados, para uso civil, artefatos para converter gás de madeira ou de carvão em combustível, chamados de gasogênio. Finda a guerra, voltou a haver combustível à vontade. Daí o motivo da charge. O condutor do veículo agrega ao carro um grande tanque de combustível, no mesmo local em que usava, durante a guerra, o aparelho de gasogênio, como se pode observar na figura abaixo:

Figura 38 - Carro com aparelho de gasogênio



Fonte: <http://www.maxicar.com.br/2015/03/>

Outro ponto que merece destaque é o fato de a palavra carro, em inglês, ser substantivo feminino. Isso ocorre não por uma questão linguística, mas por uma questão cultural que compreende que a figura masculina protege/cuida, ou seja, tem uma relação especial com o objeto. No século 20 nos Estados Unidos, o homem não era um “homem real” se ele não cuidasse bem do seu carro, por isso temos frases como: *fill her up*⁷⁷.

No contexto de sala de aula, normalmente em uma atividade que prevê o uso do idioma para viagem, ocorre o trabalho com situações de comunicação. Uma das temáticas é: *At a gas station* situação em que temos diálogos como:

⁷⁷ Disponível em < <https://www.quora.com/How-did-certain-English-nouns-e-g-car-ship-country-earth-go-to-the-feminine-gender> > Acesso em: 07 out. 2017.

A: Hmm. Prices at this station aren't too bad. They've got regular, unleaded and premium.

B: What can I do for you?

*A: **Fill'er up**, and check the tires, will you? I think they're low on air.*

B: Sorry, you're at the mini-serve island. When you're here, I just pump gas. You can drive over to the full-serve island and I'll do it, but the gas will cost you more.

A: Oh, okay, never mind. I'll check them myself. Go ahead and fill it⁷⁸.

Logo, observar o uso e, até mesmo, contrastar com a língua nativa auxilia na construção de significado em um contexto como o exposto pelo diálogo.

Há ainda a ocorrência desse termo significando *preenchimento* em outras situações:

*Somebody's like, and then the son comes in and tells his dad he loves him. And then everybody in the room, their eyes **fill up** with tears. (2016; SPOK; Love, Maybe - Netflix)*

Neste exemplo de linguagem oral, extraído de uma série do Netflix, o CONTÊINER seriam os olhos, que estão preenchidos, cheios de lágrimas. Já no exemplo seguinte, encontrado em uma obra de ficção, o CONTÊINER é uma caneca que será preenchida com café:

*Bill walked in, and Abby hit him with the news before he could **fill up** his coffee mug (2017; FIC; Burnig Proof)*

Vemos, portanto, que o verbo frasal *fill up* além de representar a ideia de CONTÊINER, faz referência ao sub- esquema CHEIO.

⁷⁸ Disponível em:< <http://blogs.transparent.com/ingles/2013/11/27/conversation-at-a-gas-station/>> Acesso em: 28 jul. 2017.

Please fill in this form

No caso dessa construção temos uma colocação (*collocation*), ou seja, um conjunto de palavras preferíveis a outras utilizadas no preenchimento de formulários, seja na recepção de um hotel ou em situações que essa atividade seja necessária.

Observamos ainda, que dentro dessa colocação há um verbo frasal *fill in*, que tem relação com *fill up* por significar um preenchimento, mas o que difere são os contêineres.

Na verdade em *fill in*, o preenchimento é de todos os espaços em brancos que estão indicados nos documento:

Even though the trial is expected to last a few more days, it's hard to contemplate any other witness being able to fill in the blank space any better. For " Nightline, " I'm Clayton Sandell in Denver.(2017; SPOK; ABC)

Outro ponto a ser destacado é que tanto o *fill in* quanto o *fill up* são verbos frasais separáveis, pois o objeto pode aparecer entre o verbo e a preposição como em: ***Fill it in, then click on OK*** (2011; ACAD; General Music Today).

Logo o esquema de imagem é o mesmo – CONTÊINER / CHEIO - VAZIO, já que o verbo *fill* instancia a ideia de preenchimento nas construções expostas. Todavia, o que difere é que, em *fill up* o contêiner é tridimensional (volume) e, no segundo, bidimensional apenas. Daí, provavelmente, ter havido a substituição de *up* por *in*.

May I try this on?

Uma das ações rotineiras de uma viagem são as compras. Constantemente, as pessoas procuram por marcas, promoções e lembranças para os amigos e familiares. No que diz respeito às roupas experimentá-las é um ritual e no português perguntamos: *Posso experimentar?*

No inglês não é diferente e podemos dizer que a construção utilizada é uma expressão formulaica, pois é recuperada integralmente na mente do falante: *May I try this on?* O modal

may, que faz parte dessa construção, é utilizado como um elemento de proteção da face, tanto do falante quanto do interlocutor⁷⁹.

Há, nessa construção, o esquema de imagem de CONTATO instanciado pelo verbo *try*, isso porque experimentar a roupa, envolve a aproximação do tecido com a pele.

Figura 39 - Exemplo de esquema CONTATO com a construção *May I try this on?*



Fonte: https://pt.pngtree.com/freepng/next-to-the-mirror-trying-on-clothes-of-beauty_2019593.html

Ressaltamos que há a possibilidade de substituir o modal *may* pelo também modal *can*, mas a maior ocorrência é com o modal *may*.

Além de experimentar roupa, essa construção pode ser utilizada no sentido de experimentar, em diferentes situações como em:

Should we take this piece out? LAUER: Thank you. Mr-TROTTER: Well, you know, we're mak -- we're making a special version, which is going to be the -- the well done version. COURIC: Oh, we are? CURRY: May I try a bite of this?(1999; SPOK;NBC Today)

Na situação exposta, o chefe Charlie estava demonstrando como preparar refeições *gourmet* em um programa e Curry pede para provar, saborear o alimento preparado.

⁷⁹ Entende-se por falante aquele que emite ou apresenta comunicação e interlocutor como aquele que participa da comunicação do diálogo.

Live out of a suitcase

Em um primeiro momento essa expressão idiomática gera certo estranhamento, pois, literalmente, quer dizer viver fora da mala. Por ser idiomática o significado não está claro e é baseado em uma projeção metafórica. Nesse caso a ideia é de ser *turista*, *não parar em casa* ou *viajar muito a trabalho*.

Podemos ainda identificar a projeção de carregar apenas o necessário, ou seja, o que cabe em uma mala, reforçando a ideia de não ter um ponto fixo.

Observamos nessa construção um esquema de CONTÊINER, com a ideia de movimento para fora, instanciado pela preposição *out*:

Figura 40 - Esquema CONTÊINER na construção *live out of a suitcase*



Fonte: Elaboração própria

Um exemplo do COCA seria:

*Travel is not a vacation. **You live out of a suitcase.** I have no insurance benefits or retirement plan. And every day that I have off that I don't work, I don't get paid. You have to be a hustler. You are the CEO of your own company. (1999; SPOK; NBC Today)*

Nesse exemplo, a pessoa está falando do dilema de quem tem que viajar a trabalho, ressaltando que não há estabilidade e que se deixar de viajar deixará de receber. Expõe assim, o lado negativo de quem precisa viajar o tempo todo a trabalho.

Além desse significado, podemos encontrar outros, como *estar fora, desligado*:

*And, this year, I've been busier than ever. And in a way, it's like boy, be careful what you wish for, you might get it, you know. **I live out of a suitcase these days.** But I feel like I have the energy to do it, and music really keeps me going.*(1998; SPOK; NPR_Sunday)

Nesse caso, a pessoa se desvinculou do assunto por alguns dias, mas retomará por meio da música, que seria a fonte de energia e criatividade.

Em uma busca simples na *internet*, identificamos a ocorrência dessa expressão em citações como:

Figura 41 - Exemplo de uso da construção *live out of a suitcase*



Fonte: <https://quotefancy.com/quote/1780573/Jane-Monheit-It-s-not-so-bad-to-live-out-of-a-suitcase-It-s-a-really-beautiful-life>

Nessa citação, afirma-se que não é ruim viajar sempre, na verdade esse seria um estilo muito bonito de vida.

Concluimos que o uso dessa construção para designar ações positivas ou negativas vai depender do contexto, da intencionalidade de quem utiliza essa expressão, embora o significado mais utilizado é o de viajar muito.

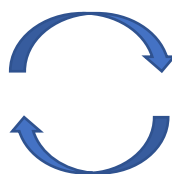
Round trip

Round trip é uma colocação, ou seja, são palavras que preferencialmente ocorrem juntas para designar a ideia de comprar o mesmo trecho da viagem (ida e volta). Consequentemente,

é muito utilizada em rodoviárias, agências de viagem e em guichês que permitem autoatendimento.

A ideia de ir e voltar nos remete ao esquema de imagem PERCURSO, uma vez que sai do ponto inicial, atinge a meta e regressa.

Figura 42 - Esquema PERCURSO na construção *round trip*



Trajeto

Meta

Fonte: Elaboração própria

No *corpus* encontramos as seguintes ocorrências:

*If you are flying this summer, you may still get a small break on the price. The Airlines Reporting Corporation says that the average **round trip** fare to Europe is down about fifty dollars from last summer. (2015;SPOK; Today show)*

*Legislators will receive 20 percent less pay, 20 percent less per diem and be allowed reimbursement for one **round trip** home per week. (2010; News; Denver Post)*

Ao observar os usos, vemos que essa colocação é amplamente utilizada e que o significado das palavras isoladas talvez não evidencie o real significado, pois mesmo a palavra *round* sendo traduzida para o português como *circular*, faz-se necessária a associação com o movimento de ir e vir.

Take off

Essa expressão configura um dos grandes desafios para o docente e aprendiz, uma vez que ela possui diferentes usos.

No contexto de viagem é utilizada para o ato de o avião *decolar*. Podemos dizer que o advérbio *off* instancia a ideia de distância e o verbo *take* o sentido de transportar, permitindo simular a ideia de estar afastado do chão.

Pode, ainda, aparecer como *decolar* no sentido figurado, por exemplo, ter sucesso ou êxito em um negócio. Em português seria: *A sua empresa decolou*.

Percebemos assim, a projeção do ato de decolar para algo mais abstrato, que dá a ideia de ir para frente, iniciar algo. Logo, temos um esquema de PERCURSO, como foco na ORIGEM (SOURCE):

*The question will be his speed. If he can get down to the 4.7-4.8 range, his recruitment could **take off**.* (2017; NEWS; Oregonlive)

*Garibaldi made clear the university supports the initiative. # "I'm very hopeful that this collaboration that we're talking about today can really **take off** and we can be very successful," he said.* (2017; NEWS; The Detroit).

Ambos os exemplos não são de aviões que decolam (sentido prototípico), mas sim o de sucesso reforçando que a noção de iniciar algo é positiva.

O primeiro caso tem relação com o tempo que o atleta consegue correr, pois ele obteve os melhores índices e isso pode fazer com que o recrutamento dele *decole, dê certo*. Já, no segundo, é a opinião sobre um programa chamado *Teacher Academy*, que diz que, se o apoio continuar ocorrerá o início do caminho para o *sucesso*.

Como citado no início este verbo frasal tem vários significados como exposto na imagem a seguir:

Figura 43 - Usos do verbo frasal *take off*

PHRASAL VERBS

TAKE OFF

Woodward
ENGLISH



= to leave the ground and begin to fly (Intransitive)

- The plane **took off** once the runway was clear.
- The helicopter **took off** from the platform.



= to remove (clothing / things) (Transitive)

- He **took** his tie **off**. = He **took off** his tie.
- Can you please **take** your feet **off** the coffee table?



= to leave a place (quickly) (Intransitive)

- He saw me coming and **took off** in the other direction.
- The burglars **took off** before the police arrived.



= to become popular or successful (Intransitive)

- Sales of their new product **have** really **taken off**.
- Her new song **has taken off** in the charts.



= to not work for a period of time (Transitive)

- I felt sick so I **took** a couple of days **off** work.
- He **took** two weeks **off** work for his honeymoon.

www.grammar.cl
www.woodwardenglish.com
www.vocabulary.cl

Fonte: <https://www.woodwardenglish.com/lesson/take-off-phrasal-verb-meaning-examples/>

Acrescentamos aos usos descritos o de *remover roupas ou objetos; deixar um lugar rapidamente e não trabalhar por um período*. Interessante notar que, quando o verbo frasal é utilizado no sentido de *decolar* ou *ter sucesso*, o verbo e o advérbio aparecem juntos (inseparáveis) e nos outros contextos de uso como separáveis, que é o caso de *He took two weeks off*.

Ao contrário do que observamos em relação ao tema esporte, quando falamos do assunto viagem, encontramos uma variedade de construções. A maioria das expressões descritas nesta análise podem ser transparentes ou não. Podemos dizer que compreender o verbo frasal *check in* é mais fácil do que a ideia de *take off*, por exemplo, afinal *check in* já é um estrangeirismo incorporado ao português quase um empréstimo, e os seus elementos são mais transparentes, ou seja, permitem maior relação no momento de traduzir.

Junto dos verbos frasais temos a colocação e a expressão formulaica. A primeira de caráter mais flexível, que ocorre por preferência do falante, é como se as palavras combinassem mais do que as outras. Já, na expressão formulaica recupera-se o bloco e dificilmente poderíamos substituir o verbo *try* por *wear* dizendo: *May I wear this on?*

Quanto à expressão idiomática *live out of a suitcase*, podemos dizer que ela é de decodificação, gramatical, sem ponto pragmático e formal, uma vez que podemos fazer uso dela no passado (FILLMORE et. al, 1988). Além disso, a compreensão leva em consideração o uso metafórico.

3.3.3 Construções relacionadas ao tema séries

O hábito de assistir a séries já é uma forma de entretenimento bem popular. Plataformas como o *Netflix* colaboram para acesso a esse recurso audiovisual que, além de permitir que as pessoas sigam as histórias e esperem, ansiosamente, pelo novo episódio, faz com que possam ter mais contato com idiomas como o inglês.

Quando falamos de ensino de línguas devemos ter como mote práticas e contextos reais, trabalho com gêneros autênticos e permitir que o uso de filmes ou séries promova motivação e práticas mais autênticas do que os CDs gravados especialmente para o material, por exemplo como afirma Gomes (2006).

A Revista Nova Escola em 2015 publicou uma reportagem intitulada: *Oralidade no papo descolado das séries de TV*, em que é explorada a ideia de que o uso desses vídeos auxilia os aprendizes, de todos os níveis, a entender o uso real da língua.

Mazzoco (2015) acrescenta que a prática não é apenas de expor o aluno ao vídeo, mas que deve haver planejamento e que explorar quatro habilidades é uma premissa. Justamente, é nesse planejamento e nas potencialidades do trabalho com séries que as construções, de todos os tipos, devem ser exploradas. Afinal, elas fazem parte da fluência natural da língua e de algum modo aparecerão para os nossos educandos.

As construções disponíveis em séries são as mais variadas possíveis. As que serão descritas neste trabalho fazem parte de uma cena específica trabalhada em um dos materiais didáticos⁸⁰ utilizados pela docente que realiza esta pesquisa.

Na unidade intitulada *What came first, your life or TV?*, os alunos são levados a refletir sobre a influência da mídia na vida das pessoas, leem diferentes textos sobre séries, principalmente, as mais populares nos Estados Unidos, discutem o contexto expresso, para então ser apresentado o gênero roteiro. No caso, há um trecho da série *The Wonder Years* (Anos Incríveis).

⁸⁰ O material citado é de uma escola particular e faz parte da coleção da 1ª série do Ensino Médio.

Apesar de *The Wonder Years* ser uma série de 1988, os alunos sentem-se interessados pelos eventos históricos do final dos anos 60 e 70 , por ter muitas músicas e explorar os dilemas do jovem Kevin.

Sendo assim, as construções descritas a seguir foram retiradas de um trecho do primeiro episódio, da primeira temporada (anexo A).

Drive me crazy

Essa expressão idiomática é utilizada para designar o fato de alguém *tirar outra pessoa do sério, aborrecendo-a intensamente* e que encontra um uso semelhante em português na expressão: *me deixar louco*. O adjetivo pode aparecer como *nuts* (louco, maluco) em alguns casos e o pronome alterado.

Nessa construção, temos um esquema de imagem EQUILÍBRIO. A ideia é tirar o outro do sério, deixá-lo sem paciência em franco desequilíbrio.

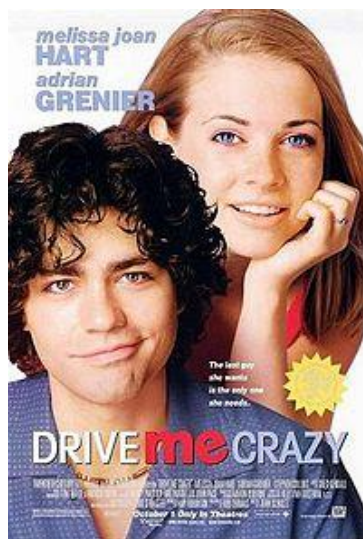
*You know what, Jarrell, I sure would like to be able to say you are my favorite neighbor, but sometimes, you **drive me crazy**.* (2013; NEWS; Denver Post)

*aid he likes the cut and fit of the Spanish brand Zara, but " the labels **drive me crazy** because they are 2 to 3 inches long and stacked one on top of another.'. (2011; NEWS; New York Times)*

Em ambos os exemplos, as pessoas desejam expressar que os outros ou a situação (vizinhos e o excesso de etiquetas nas roupas, devido a exigência da União Europeia) de algum modo causam desequilíbrio, fazendo com que a pessoa fique exasperada.

Esta construção já foi utilizada para nomear livros, filmes e músicas. Talvez a escolha seja justificada pelo fato de a todo momento termos situações que nos deixam sem paciência e nos irritam. Em seguida, exemplo do uso em filme:

Figura 44 - Uso da expressão idiomática *drive me crazy*



Fonte: <https://www.directv.com/movies/Drive-Me-Crazy-Z0hHcVFkVTFENzNuQ1FQdTFCdDU2dz09>

Na tradução para o português ficou como *Fica Comigo*, o título original era *Next to you*, mas foi alterado a fim de divulgar o *single* com o nome *Drive me crazy*, da cantora Britney Spears.

Pick it up

Pick something up é um verbo frasal utilizado para indicar que alguém aprendeu uma nova habilidade ou idioma *praticando* ou para referir-se a ideia de *aprender alguma informação significativa* por meio de alguém ou de alguma coisa.

Além desses significados prototípicos pode ser usado no sentido de *pegar; retomar; melhorar; “pegar” outra pessoa; pegar carona*, dentre outros – veja alguns exemplos:

*He **picked** the phone **up** and dialed.* (Ele pegou o telefone e discou)

*Will you **picked** me **up** after the party?* (Você vai me buscar depois da festa?)

*We'll **pick up** this conversation when I come back.* (Nós iremos recomeçar essa conversa quando eu voltar)

Por isso, o contexto é muito relevante para a compreensão desse verbo frasal, que é separável. Ao analisarmos, percebemos a transferência do concreto para o abstrato nos diferentes usos:



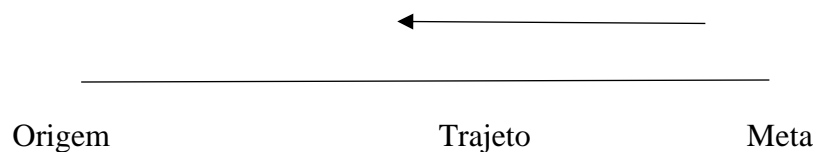
No *corpus* temos ocorrências como:

*I want you to be able to **pick it up** pretty quickly and focus on the other things like the big questions it's dealing with.* (2017; MAG; Daily Beast)

Nesse exemplo, extraído de um texto que versa sobre *Game of Thrones*⁸¹ a pessoa afirma que o outro é capaz de pegar, ou seja, aprender de maneira muito rápida para em seguida lidar com grandes questões.

Embora a maioria dos usos seja uma transferência entre domínios, princípio da metáfora conceptual, quando utilizamos o verbo frasal para significar *recomeçar* temos um esquema PERCURSO, pois há o retorno ao ponto inicial.

Figura 45 - Esquema PERCURSO na construção *pick it up*



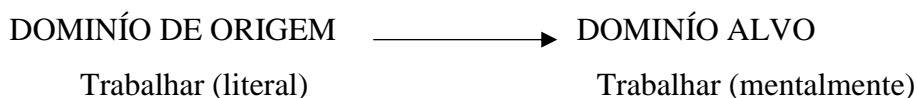
Fonte: Elaboração própria

⁸¹ É uma série de TV baseada na série de livros *A song of Ice and Fire*, de George R. Martin. Disponível em: <<https://www.hbo.com/game-of-thrones>> Acesso em: 06 mai. 2018.

Working on

Também da categoria dos verbos frasais significa *persuadir* ou *influenciar alguém*, ou ainda, pode ser utilizado no sentido *de gastar tempo melhorando ou reparando alguma coisa*.

Há nessa construção, mais utilizada no sentido de melhorar algo, a ideia de gastar tempo para aperfeiçoar a tarefa que está sendo realizada, conseqüentemente, a transferência da noção concreta de trabalho físico para o mental:



Encontramos um exemplo desse uso em:

*That's just not right and (we're) **working on** it and try to bring it to a successful resolution.* (2017; NEWS; New York Post)

No caso, eles estão trabalhando para extinguir a pornografia infantil nas redes sociais e para obter a melhor solução para o caso relatado.

Já na ideia de *melhorar* temos:

*The zoo is **working on** a new overall design which would address issues of aging exhibits.* (2017; NEWS; OC Register)

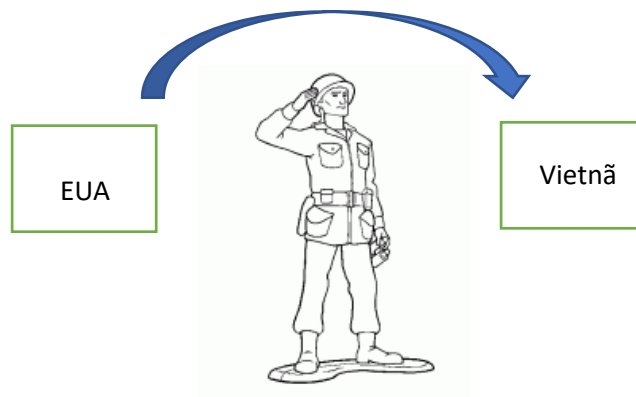
Neste exemplo fala que o zoológico está na fase de melhorar o *design* das exposições, a fim de criar lugares mais realistas, abertos e estimular oportunidades aos primatas.

Packed off

Nessa construção revela-se a ideia de *tirar, enviar alguém para um lugar* durante um determinado período. No caso da série em questão é o envio de um dos personagens para o Vietnã, ou seja, *off* instancia a ideia de desligamento do lugar e *packed* retoma a ideia de empacotar e enviar, como fazemos com os objetos.

Podemos dizer que esse verbo frasal exprime o esquema CONTÊINER, mas não com bordas limitadas fisicamente, mas sim pelos espaços de transição. No caso do personagem, ele sai do contêiner Estados Unidos para representar seu país no contêiner Vietnã, embora não sejam regiões limitadas fisicamente, são limitadas geograficamente.

Figura 46 - Esquema PERCURSO na construção *packed off*



Fonte: Elaboração própria

Exemplos desse uso estão em:

*Michelle had her **packed off** to the Caribbean before the '08 campaign.* (2013; MAG; Mother Jones)

*Holmes, the suspect in the Aurora theater shooting, also killed. He will plead insanity and get a severe scolding, then be **packed off** to a comfortable hospital for a while.* (2013; NEWS; Denver Post)

Ambos retratam mudanças de lugares, mesmo que provisoriamente, o primeiro no Caribe e o segundo em um leito de hospital.

Keep an eye out

Uma das expressões idiomáticas com o substantivo *eye* é *keep an eye out* que em português seria perfeitamente traduzido na ideia de *ficar de olho*.

Esta construção baseia-se na ideia de que o olho tudo vê e, conseqüentemente, controla, fiscaliza e verifica. Transfere-se o sentido enxergar para a ideia de alertar, ter controle, ou seja, embora eu não esteja durante todo tempo com você, observo a sua ação.



Exemplos desse uso estão em:

*it will also require families and neighbors to **keep an eye out** for each other.* (2017; NEWS; CLEVELAND)

*have the chance where some severe storms could develop. So something **to keep an eye out** for later on this week. Now, as we look at temperatures, it's below normal in this area here mainly because of the clouds and the showers that we've been seeing.* (2016; SPOK; Today Show)

O primeiro versa sobre os perigos das drogas sintéticas, dizendo que vizinhos e familiares precisam se atentar ao comportamento das crianças. No segundo, durante a programação sobre previsão do tempo a jornalista anuncia tempestades que merecem atenção.

Percebemos que nos exemplos retirados do primeiro episódio da série *Wonder years*, encontramos mais verbos frasais do que outros tipos de construções.

Entre os verbos frasais analisados identificamos que eles possuem uma certa transparência, permitindo uma compreensão de um dos usos, que é o caso de *pick it up*, pois uma de suas possibilidades é o sentido de pegar, aprender rápido, mas há outros contextos.

Quanto às expressões idiomáticas podemos dizer que *drive me crazy* é de codificação, formal, gramatical e sem ponto pragmático, enquanto *keep an eye out* é de decodificação,

substantiva, gramatical e sem ponto pragmático segundo a classificação de Fillmore et. al (1988).

3.4 Considerações sobre as análises

Durante o percurso de análise e observação do contexto de uso, notamos que muitas das construções além de se relacionarem com nossas experiências corpóreas e terem a projeção entre domínios como princípio, estão relacionadas com as emoções/ sentimentos. Exemplo disso é quando analisamos a construção *knockout* que surge de uma sensação física, a dor e causa desequilíbrio emocional ou físico em quem sofreu, evidenciando o sentimento gerado ou sofrido.

Damásio (2018) evidencia, na introdução de sua obra, que os sentimentos motivam desde sempre as criações e o desenvolvimento do ser humano. Logo de início cita como exemplo a medicina, afirmando que ela não partiu de um pressuposto intelectual, mas que a dor a motivou, ou seja, essa prática teve origem em sentimentos específicos do paciente.

Vemos assim que a linguagem é o que representa a invenção, mas que muitas vezes as emoções são as motivações. Além disso, o autor no capítulo dedicado as imagens versa sobre o fato de as construções das imagens realizadas pelo nosso sistema neural ocorrerem por meio dos cinco sentidos (olfato, audição, paladar, visão e tato). Evidencia, pois, que apenas um deles não é o suficiente para a compreensão global e que nossa experiência é multissensorial por essência.

Percebe-se, assim, que ao falarmos que as construções analisadas neste trabalho ora tem relação com a transposição de características físicas para abstratas (projeção entre domínios), ora partem da nossa interação física com o mundo reafirma o conceito explorado por Damásio (2018), pois embora sejam parte da língua suas motivações tiveram origem na capacidade de experienciar e relacionarmos os diferentes sentidos.

“Todas as palavras que nós utilizamos, em qualquer idioma, falado, escrito, ou apreciado pelo toque, como o Braille, são feitos de imagens mentais” (DAMÁSIO, 2018, p. 89 - TN⁸²). Prova disso, é o fato de conseguirmos visualizar dentro da língua os esquemas de

⁸² “All the words we use, in any language, spoken, written, or appreciate by touch, as in Braille, are made of mental images”.

imagem, que representam as ideias propostas por meio de movimentos, contêineres, percursos, ou, ainda, por podermos simular em nossas mentes as diferenças propostas pelas metáforas conceptuais.

Outra percepção foi em relação ao papel da cultura, no caso das construções relacionadas ao tema esportes. A maioria surgiu de esportes que não são típicos no Brasil e, conseqüentemente, geram confusões na mente do aprendiz. As construções estão ligadas às experiências dos falantes e, por isso, pode diferir de uma língua para outra.

Em nosso país, é mais comum utilizarmos construções relacionadas ao modelo de futebol brasileiro do que americano, mas as relacionadas ao *boxing* já se fazem mais presentes, devido à disseminação dessa prática esportiva no Brasil.

Tanto no tema viagens como no tema séries percebemos que o elemento cultural existe, mas na maioria dos casos tem a mesma base que o português, como no caso de associar a imagem do olho com *aquela que tudo vê e controla*, uma vez que comumente utilizamos *estou de olho em você*. O mesmo ocorre com a ideia de *pegar* instanciada em *pick it up*, em português temos: *Já peguei a matéria; Eu te pego de carro*.

Diante do exposto, nos é evidenciado que o trabalho em sala de aula deve ultrapassar a ideia de memorização, que em alguns momentos se faz necessário, mas que, no caso das construções não é a única habilidade necessária para o aprendiz. Enquanto educadores, devemos ter como mote formar um aluno capaz de compreender e se fazer compreendido utilizando os recursos da língua, e usar as construções de maneira coerente faz parte dessa tarefa.

Todas as línguas têm pormenores, regras e estruturas que parecem naturais aos nativos e um verdadeiro desafio aos não nativos. Pensando nisso e partindo do problema que motivou esta pesquisa: o ensino de construções, apresentaremos uma proposta de atividades no próximo capítulo.

4 PROPOSTA DE ATIVIDADES

Neste capítulo falaremos sobre o ensino de vocabulário e descreveremos uma proposta de atividades que contemplem o trabalho com as construções.

4.1 O Ensino de Vocabulário

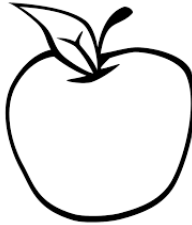
O ensino de vocabulário sempre ocupou um espaço importante no ensino de línguas e, com certeza, todo docente já se questionou sobre como devemos ensiná-lo. Uso de dicionário, memorização, atividades com o uso de palavras específicas, por fim, os mais diferentes métodos e estratégias surgem na nossa mente. O que esquecemos é que antes das estratégias devemos refletir sobre o que é ensinar vocabulário.

Durante o desenvolvimento do ensino de língua inglesa para estrangeiros, surgiram diferentes métodos e cada um deles enxergava o vocabulário de uma forma. De acordo com Paiva (2004) no Método Clássico a preocupação é com a etimologia das palavras, enquanto no Método Gramática e Tradução preza-se o estudo de listas por meio da memorização e o trabalho com os cognatos. Já no Método Direto surge o papel do contexto, com atividades que contemplam o trabalho com sinônimos, definições, inferências. No Método Áudio-Lingual, apesar de o contexto ser relevante, o foco é nas estruturas linguísticas e na Abordagem Comunicativa a preocupação é o trabalho com a língua autêntica.

A fim de ilustrar essas estratégias sobre o ensino de vocabulário segue um quadro produzido com base na obra de Paiva (2004):

Quadro 7 - O Ensino de Vocabulário Por Meio dos Métodos de Ensino

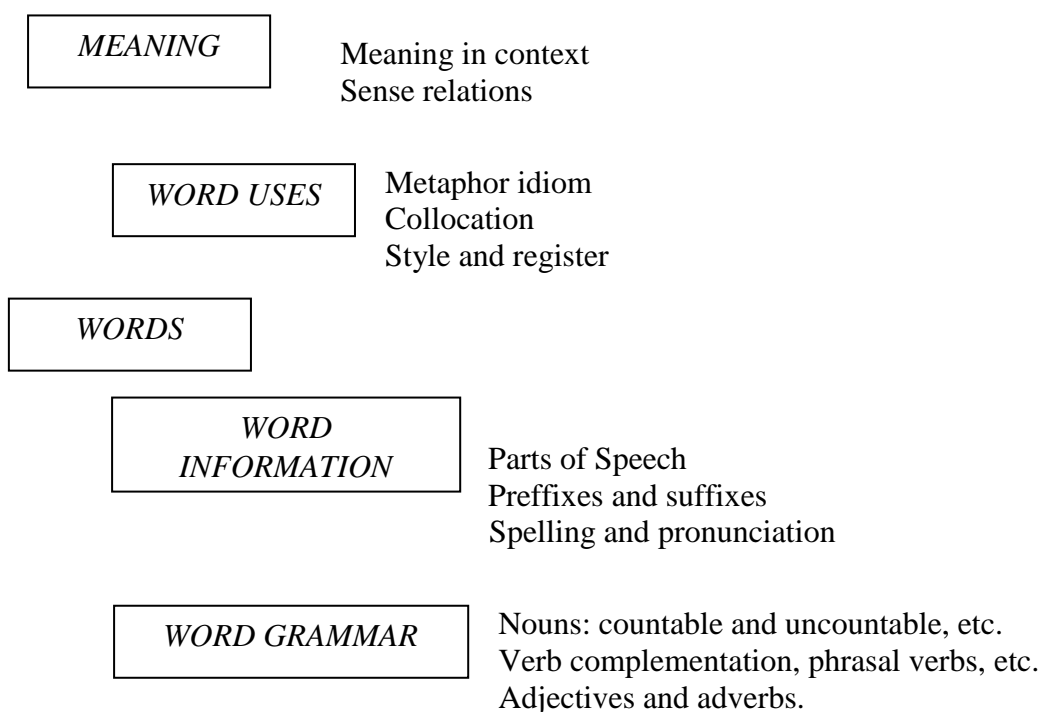
Métodos e/ ou Abordagens de Ensino	Exemplo
<p style="text-align: center;">Gramática e Tradução</p> <ul style="list-style-type: none"> • centrado no professor; • programa pré-estabelecido; • ênfase na leitura e na escrita; • uso da língua materna; 	<p>Língua Materna → Língua Alvo</p> <p><i>car</i> = carro <i>table</i> = mesa <i>ball</i> = bola</p>

<ul style="list-style-type: none"> vocabulário apresentado como listas de palavras isoladas a serem memorizadas. 	
<p style="text-align: center;">Método Direto</p> <ul style="list-style-type: none"> a aprendizagem é resultado do uso da língua (comunicação oral); ensino contextualizado; não há tradução; exercícios de substituições são frequentes; organização dos conteúdos em situações ou tópicos. 	 <p><i>Is this an apple? Yes, it is.</i></p> <p><i>Is this an elephant? No, it isn't.</i></p>
<p style="text-align: center;">Método Áudio - Lingual</p> <ul style="list-style-type: none"> formação de hábitos; foco na aquisição de estruturas linguísticas; os alunos imitam o professor; modelação. 	<p><i>Do you speak _____ ?</i> <i>English</i> <i>Japanese</i></p> <p><i>Does he speak _____ ?</i> <i>English</i> <i>Japanese</i></p>
<p style="text-align: center;">Enfoque Comunicativo</p> <ul style="list-style-type: none"> a aprendizagem se dá a partir do uso da língua; mais ênfase no conteúdo e menos na forma; atividades contextualizadas. 	<p><i>An information exchange</i></p> <p><i>Ask your partner these questions.</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <i>1. What's your favorite food?</i> <i>2. What did you eat last night?</i> <i>3. What are your hobbies?</i> <i>4. What did you do at the weekend?</i> <i>5. What is/was your favorite school subject?</i> <p><i>Are you similar or very different?</i></p>
<p style="text-align: center;">Letramento Crítico</p> <ul style="list-style-type: none"> leitura como processo ativo de construção e atribuição de significado, construído na relação produtor - texto - leitor; material elaborado com textos autênticos. 	<p style="text-align: center;"><i>It's a Girl!</i></p> <p style="text-align: center;"><i>You're invited to a shower in honor of</i> <i>Mary Harrison</i> <i>Sunday, October 16th at 2:00 p.m.</i> <i>at the Gregory Residence</i> <i>2512 Hampton Boulevard</i> <i>Boston</i> <i>Hosted by Leslie Harrison</i> <i>RSVP (508) 455-9687</i></p> <p>Trabalho com a polissemia da palavra <i>shower</i> e com a estrutura dos diferentes tipos de convite.</p>

Evidencia-se que a maioria dos materiais didáticos utilizados nas escolas públicas do Brasil englobam abordagens entre o enfoque comunicativo e o letramento crítico, que inclusive fazem parte das orientações expostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1988).

Após esse percurso sobre as abordagens de ensino retoma-se à questão: ensinar vocabulário é ensinar lista? Talvez para alguns alunos e docentes só essa ação faça sentido, mas Harmer (1991, p. 58 apud PAIVA, 2004) propõe em sua obra um esquema para representar o que significa “aprender uma palavra”:

Figura 47 – Esquema “aprender uma palavra”



Fonte: HARMER, 1991, p. 58

Vemos assim que, no âmbito do significado temos que considerar o contexto, levando em conta o trabalho com as metáforas e as colocações, já no âmbito da palavra, além das informações, como exemplo, a formação das palavras, propõe-se a observação da gramática.

Desse modo fica perceptível por meio do esquema proposto por Harmer (1991) que o estudo baseado em listas não é o único meio de promover a aprendizagem, uma vez que ao citar as metáforas e as colocações ele evidencia que outros aspectos precisam ser abordados, como o contexto de uso.

Há vários autores que defendem que o vocabulário não deve ser visto como isolado e há propostas para auxiliar o docente que deseja ampliar os seus trabalhos. Diante disso devemos refletir: Que vocabulário devemos ensinar?

Paiva (2004) afirma que um dos itens a serem considerados quando pensamos em ensinar vocabulário é a frequência, mas que também devemos identificar o público-alvo, a tipologia do curso e o interesse dos estudantes.

Há ainda a citação de estratégias como o trabalho com a apresentação, a descoberta e a prática proposta por Harmer (1991 apud PAIVA, 2004). Na primeira fase, a de apresentação, utiliza-se *realia*, mímica, gravuras e gestos; na segunda fase a da descoberta parte-se para a inferência, elaboração de mapas semânticos e produções; na terceira fase, a da prática teríamos exercícios de ordenar, antônimos, explicação e tradução.

Ao refletirmos e lermos sobre a temática, fica evidente que as estratégias postuladas visam permitir que o aluno de maneira autônoma possa ampliar o seu vocabulário por meio de diferentes estratégias. Ressalta-se que hoje contamos com a tecnologia que permite desenvolver um trabalho com o vocabulário que envolva rapidez, diversão e dinamicidade por meio de programas, animações, *corpora* e dicionários *online*.

Conclui-se assim que ensinar vocabulário não é só memória. O léxico é, sim, parte fundamental quando falamos de aprendizagem de um idioma, mas os aprendizes precisam também de uma dedicação individual, para que o vocabulário ativo, aquele que o aluno conhece e usa e, o passivo, aquele que o aluno reconhece e não usa, façam parte do cotidiano de modo mais coerente. Como afirma Leffa (2000, p. 18):

Constata-se com facilidade que na aprendizagem da língua estrangeira, a aquisição do vocabulário é um dos aspectos mais importantes do processo [...]. Quando se domina a fonologia, a sintaxe e a morfologia de uma língua – o que normalmente se consegue antes de se chegar à adolescência – o léxico é o único conhecimento que pode ser aumentado, geralmente para o resto da vida, já que sempre é possível aprender novas palavras.

E desse eterno aprendizado de palavras surge a proposta desta pesquisa, que visa explorar o trabalho com as construções que assumem significados metafóricos e que exigem do aprendiz o reconhecimento de que o contexto, a intencionalidade e, até mesmo, a variação de uma cultura para a outra deve ser levada em consideração quando o assunto é léxico.

4.2 Proposta de Atividades

Embora as atividades que iremos apresentar sejam interligadas entre si e planejadas para serem trabalhadas por etapas, elas não podem ser compreendidas como uma sequência didática, uma vez que a SD surgiu em 1996 para referir-se ao conjunto de atividades, “planejadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (GONÇALVES; FERRAZ, 2016,p.126). Não partimos de um gênero, mas do papel da não literalidade na construção de sentido de construções idiomáticas.

Desse modo, o objetivo da nossa proposta é auxiliar os colegas da área no que diz respeito ao ensino de construções que exijam uma compreensão não literal. Por conseguinte, não temos a pretensão de oferecer uma abordagem ou substituir as práticas que já existem, mas explorar e apresentar como o uso da Linguística Cognitiva e seus recursos podem facilitar na elaboração de atividades que contemplem as construções especiais da língua.

Buscaremos ainda integrar nas nossas atividades as estratégias citadas por Paiva (2004) que envolvem o trabalho com a tecnologia, representações por imagem, jogos, inferência e que desafiam o estudante a ultrapassar a habilidade da memória, para que possa utilizar o léxico aprendido.

As atividades foram pensadas para turmas de primeiro ano do ensino médio, com aproximadamente 40 alunos, totalizando 10 aulas de 50 minutos cada uma delas⁸³. Além disso, diante das análises expostas no capítulo 3 optamos por elaborar atividades relacionadas ao tema esporte, por envolver além dos recursos cognitivos o papel cultural na construção do significado.

Em seguida, apresentaremos as atividades por etapas⁸⁴:

1ª Etapa – Sensibilização e Apresentação

Essa primeira etapa visa apresentar o tema da aula para os discentes e os princípios da Linguística Cognitiva que serão explorados no decorrer das atividades.

⁸³ O número de aulas pode variar de acordo com as escolhas do docente e o envolvimento dos estudantes nas etapas.

⁸⁴ Ressalta-se que o docente deve optar em utilizar a língua inglesa em todos os momentos ou intercalar com a língua portuguesa de acordo com o perfil de sala. No caso da minha realidade faz-se necessário mesclar, pelo fato de os alunos terem conhecimentos básicos da língua.

Primeiramente, o docente organizará uma roda de conversa (alunos dispostos em círculo) questionando os alunos sobre:

- *Which sport is most popular in USA?*
- *What do you know about football?*
- *Why is basketball more common than football here, in Brazil?*

É preciso diferenciar *football*, que na Inglaterra é igual ao nosso, de *soccer*, que é a palavra empregada para esse esporte nos Estados Unidos.

As respostas deverão ser registradas na lousa, para que toda a turma possa visualizar e para possibilitar maior contato com o vocabulário. Essa etapa deve ter até 20 minutos, uma vez que visa diagnosticar o que os discentes sabem sobre o assunto. O docente pode utilizar o site *sportology*⁸⁵ como fonte de pesquisa e explorar as imagens apresentadas ou até mesmo vídeos, para dinamizar essa etapa.

Após esse primeiro contato com o tema os alunos serão questionados sobre expressões utilizadas na área de esportes no Brasil. O docente poderá utilizar o vídeo *Globo Esporte ensina expressões comuns do futebol brasileiro aos argentinos no Cruzeiro* que pode ser acessado em:

- <https://globoplay.globo.com/v/4893513/>

O vídeo colabora para a discussão sobre o papel cultural na compreensão de expressões e permite que o docente faça uma relação com o que ocorre entre o português e o inglês. Apresenta-se assim o tema que será trabalhado nas próximas aulas.

Nesse momento, os alunos já foram apresentados ao assunto e agora conhecerão alguns recursos da LC. O ideal é trabalhar com exemplos e imagens para que os alunos possam visualizar e compreender melhor como as metáforas e os esquemas de imagem funcionam dentro da língua.

Primeiramente, apresenta-se brevemente o conceito de metáfora para a Linguística Cognitiva, enfatizando as projeções entre domínios e as metáforas primárias como exemplo:

⁸⁵Disponível em:< <https://sportology.com/top-10-most-popular-sports-in-america/>> Acesso em: 31 mai. 2018.

Sugestão 1

SAD IS DOWN (tristeza é para baixo)

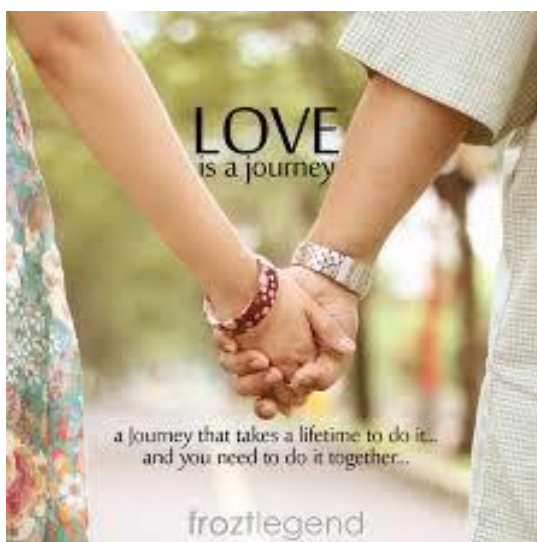


I'm down tonight

Again tonight

(I'm down – Plasticines)

Sugestão 2



Domínio Origem



Domínio Alvo

sentimento

caminhada para a construção do sentimento

Além do trabalho com as imagens, há a música *Love is a Journey*, de Robert Avellanet. O vídeo clipe colabora para a compreensão da metáfora conceptual LOVE IS A JOURNEY, por meio das imagens projetadas no decorrer do vídeo que exploram a ideia de caminhada dentro do relacionamento:

- <https://www.youtube.com/watch?v=COdMgwmPIMc> (Vídeo Clipe)

Ressalta-se que o professor pode utilizar os próprios exemplos citados nesta pesquisa para apresentar as metáforas (subcapítulo 1.1.2), por meio de uma linguagem adaptada e evidenciando como isso ocorre por meio de recursos audiovisuais, que são uma estratégia importante como salienta Paiva (2004).

Para apresentar os esquemas de imagem, faz-se necessário explicar em linhas gerais a ideia de corporificação da linguagem e o exemplo de CONTÊINER pode ser utilizado para ilustrá-la. Questiona-se os alunos sobre o que é um contêiner e apresentam-se algumas imagens:

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Questiona-se:

- *What do these pictures have in common?*
- *Why are these pictures containers?*

Espera-se que os estudantes percebam que todas têm fronteiras que limitam o espaço, seja ele bidimensional ou tridimensional. Em seguida, o professor coloca exemplos de esquema de CONTÊINER por meio de frases espalhadas pela sala como:

How to get out of a depression?

I am in house

Os alunos, em pares, devem observar os tipos de contêineres e analisar o porquê essas frases representam esse esquema de imagem, para assim socializar suas respostas e o docente poder realizar as intervenções mais adequadas. Os alunos deverão, ainda, aprender sobre os esquemas PERCURSO e EQUILÍBRIO (subcapítulo 1.1.1) que farão parte das próximas atividades.

Encerra-se assim a primeira etapa, que pode levar aproximadamente 3 aulas ou mais, dependendo do envolvimento dos alunos e do número de exemplos explorados pelo professor.

2ª Etapa – Pesquisa e Mobilização

Após finalizar a primeira etapa, é interessante retomar com os estudantes o que entenderam, se há dúvidas, para assim dar início ao momento de pesquisa e mobilização.

Os alunos, divididos em grupos de 4 pessoas, deverão no laboratório de informática (se a escola tiver) ou em casa pesquisar sobre diferentes esportes em inglês: *basketball; football; boxing; baseball*. Essa pesquisa terá como objetivo compreender as regras desses jogos, para que todos possam ampliar as discussões realizadas na 1ª etapa. Finalizada a pesquisa, os estudantes deverão apresentar para a turma os dados coletados, utilizando o vocabulário em inglês.

Posteriormente, o docente entregará uma tira de papel para cada grupo, com uma construção idiomática (subcapítulo 3.3.1), e a missão dos estudantes será defini-la e buscar sua origem dentro da categoria esportes.

Caso o docente tenha parceria com escolas nos EUA seria interessante os alunos trocarem esses tipos de informações. Sem essa possibilidade de intercâmbio, a atividade pode ser feita entre os pares e as hipóteses confirmadas por meio de consulta *online*.

Sugestões

A long shot

Sport:

Definition:

Knockout

Sport:

Definition:

Carry the ball

Sport:

Definition:

Coletadas as informações cada grupo deverá explicar o que cada construção significa e a que esporte está relacionada. Nesse momento o docente poderá explorar as figuras criadas neste trabalho para ilustrar o significado das construções no esporte e a relação com os esquemas de imagem estudados pelos estudantes na primeira etapa, como no caso do lutador nocauteado (DESEQUILÍBRIO) e da ideia de META na construção *touchdown*. Isso permitirá que o estudante relacione o sentido com a imagem e entenda o princípio da corporificação da linguagem.

Sugestão

*We learned about image schemas and we studied that the BALANCE schema is marked by an equilibrium. From this, how can we analyse the idea of **knockout** expressed in the picture bellow? Talk with your partner and try to relate your explanation with the idea of equilibrium and disequilibrium.*



Outro aspecto que deve ser abordado é o elemento cultural, uma vez que essas expressões em português seriam diferentes, levando em consideração os hábitos dos brasileiros nos esportes. Além disso, o não conhecimento de alguns esportes estudados dificultaria compreender ou associar as construções com os esportes. Nesse momento pode-se retomar o vídeo assistido na primeira etapa, para ilustrar o papel cultural.

Encerrada essa atividade, o docente explicará que além dos esportes essas construções são utilizadas a todo momento em outros textos, mas com outros significados, que exigem um olhar para o contexto de produção, pois envolvem metáforas e elementos culturais do idioma. Pode, então, o docente dar início à terceira etapa.

3ª Etapa – Sistematização

Na terceira etapa, o docente irá evidenciar como citado anteriormente, que as construções esportivas fazem parte das rotinas de discurso, mas com significados diferentes. Em vez de oferecer a tradução, o professor oportunizará uma folha com frases (que podem ser extraídas do COCA) que contemplam as construções estudadas e, os estudantes em duplas, por meio da observação do contexto e inferência deverão registrar os significados que para eles fazem mais sentido.

Sugestão de sentenças

*Frank. If she were to win, and I know it's **a long shot**, markets here in the U.S. will sell-off tomorrow.*

*You scored a **touchdown** when you hired Jane. She's a great accountant*

*When pastors **drop the ball**, people are often hurt or confused*

*I'm the guy making the decisions. I have to **call the shot**.*

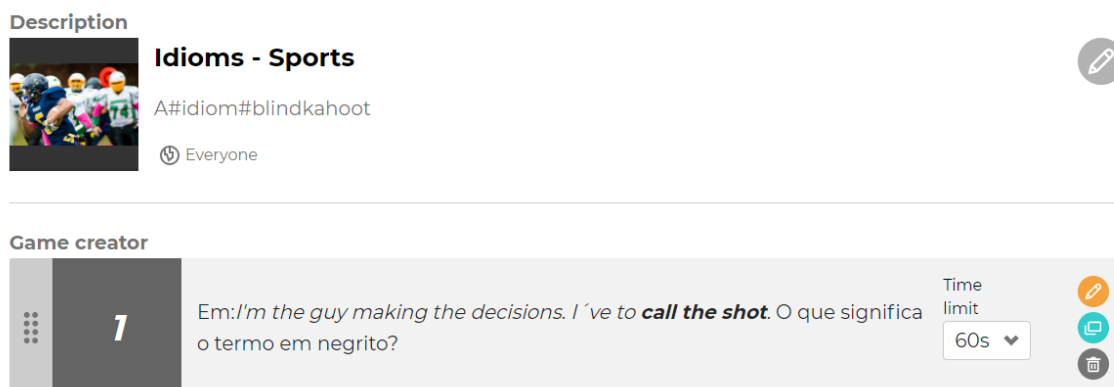
No momento da socialização, o docente deverá explorar as projeções metafóricas e os esquemas de imagem de cada construção, a fim de evidenciar que o sentido figurado parte de algo concreto para o abstrato ou tem relação com nossa experiência e interação física no mundo. Como no caso de *carry the ball*, que literalmente instancia a ideia de *carregar a bola*, mas no sentido figurado, induz a ideia de *responsabilidade*, ou seja, aquele que tem o controle, a possibilidade de resolver a situação. No jogo e na vida não é diferente, pois quem tem a *bola*, ou seja, *a responsabilidade* é cobrado por isso.

A fim de verificar se os alunos compreenderam o significado não literal das construções estudadas, o professor poderá desenvolver um jogo no *kahoot*.

O *kahoot*⁸⁶ é um site gratuito que permite criar enquetes, questões para debates e questões para revisão, o que seria o caso da nossa proposta. Fácil de manipular, o docente deve fazer um cadastro e já estará apto para criar. Primeiramente insere a questão, imagens (se necessário), escolhe o tempo da questão e insere as alternativas (pelo menos duas) e assim, sucessivamente:

⁸⁶ Disponível em: < <https://kahoot.com/welcomeback/> > Acesso em: 31 mai. 2018.

Figura 48 - Inserção de questões no *kahoot*



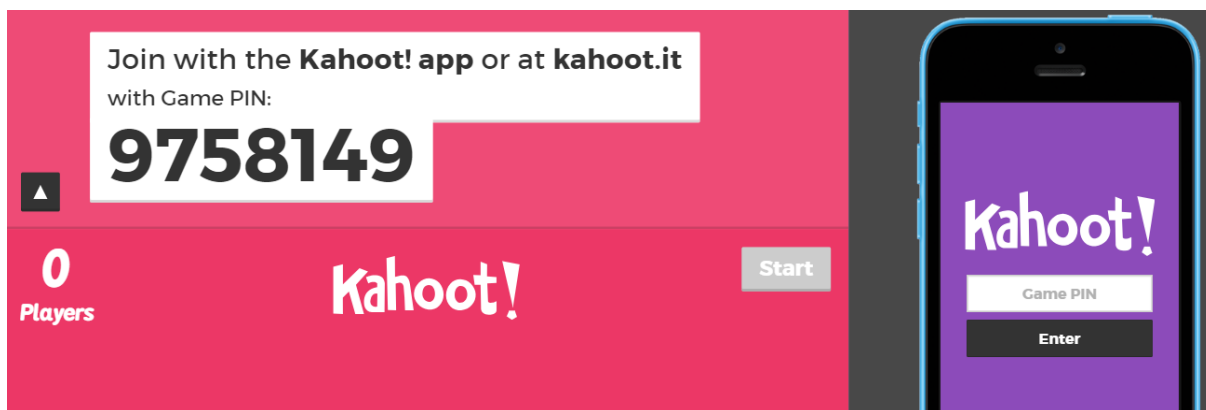
Fonte: <https://create.kahoot.it/create#/new/quiz/overview>

Finalizada a elaboração do questionário o site gera um PIN, que o aluno deverá utilizar para acessar o site <https://kahoot.it/> e poder participar da atividade criada. No celular o aluno somente verá formas geométricas que representam a alternativa que você criou, desse modo, faz-se necessário o docente projetar a área do professor em um telão. Por ser um jogo *online* permite que os alunos unam o que eles gostam com a aprendizagem e, até mesmo, gera uma competição saudável.

Para realizar essa atividade é necessário *internet*, uma tela de projeção e que os alunos utilizem os dados móveis ou *wi-fi* da unidade escolar. O jogo deve ter sido criado anteriormente e as questões devem englobar os sentidos figurados.

Em seguida, há imagens de como os alunos enxergarão a atividade:

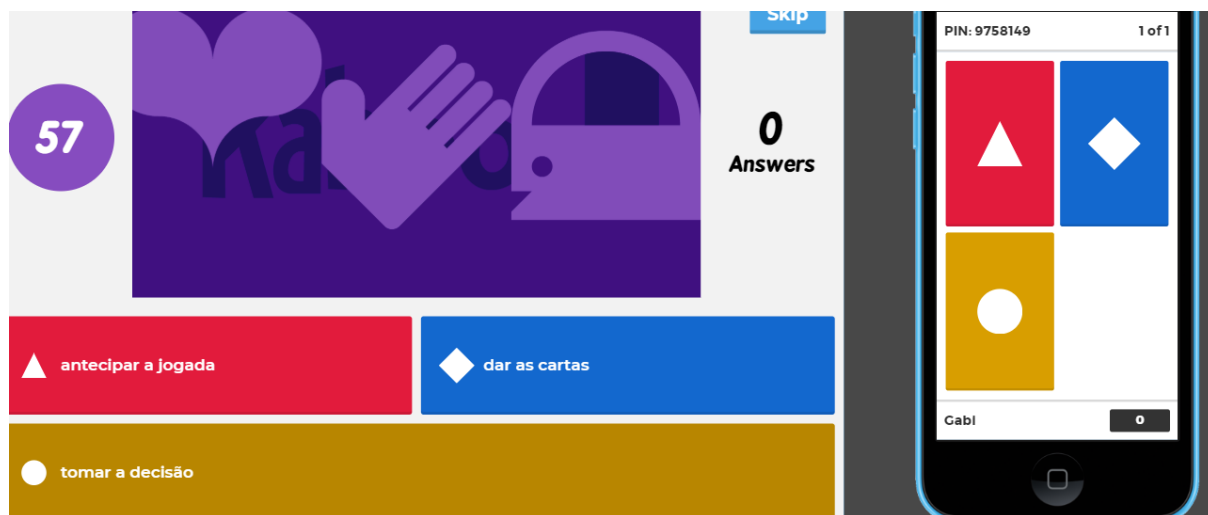
Figura 49 - Entrando no *Kahoot*



Fonte: <https://create.kahoot.it/create#/new/quiz/overview>

Na figura 49, há o PIN e o aluno deverá digitá-lo para entrar no grupo do jogo.

Figura 50 - Visualização tela professor e aluno no *kahoot*

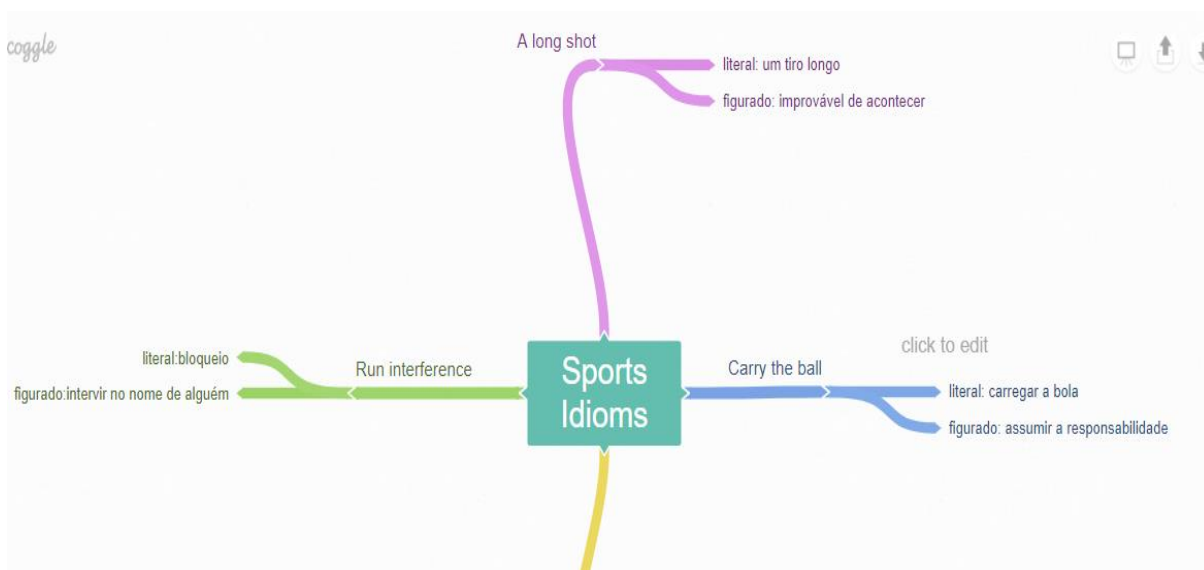


Fonte: <<https://create.kahoot.it/create#/new/quiz/overview>>

Após inserção do PIN o jogo já se inicia, aparecem as perguntas e as formas geométricas com as alternativas. O estudante tem 60 segundos para escolher a melhor opção. Além de exibir a resposta correta, o *site* cria um ranking individual para cada estudante, de acordo com o número de acertos.

Outra opção para quem tem dificuldade de acesso a rede *wi-fi* seria desafiar os alunos na construção de diagramas no laboratório de informática. O *coggle* (<https://coggle.it/>) de acesso online e por meio da conta do *gmail*, permite criar diagramas dinâmicos. O docente pode pedir que os alunos realizem as atividades em grupo ou projetar o diagrama no telão e ir questionando os estudantes para que possam elaborar o diagrama das expressões estudadas coletivamente.

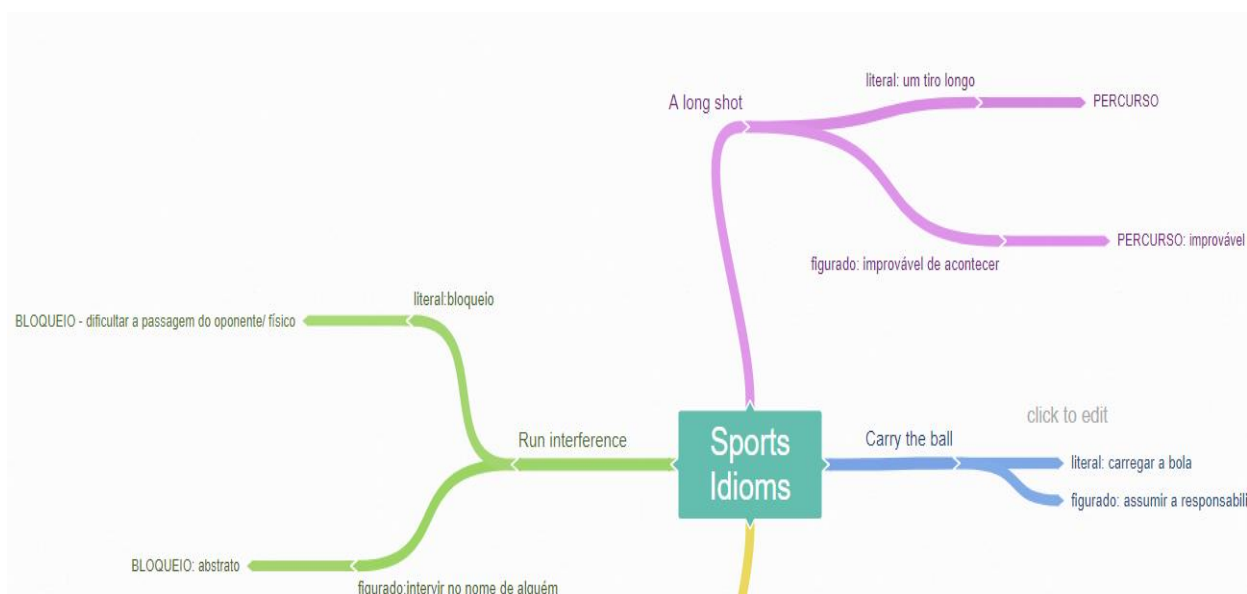
Figura 51 - Diagrama elaborado no Coggle



Fonte: <https://coggle.it/diagram/WxQBWZ3qXLDuZ2sa/t/sports-idioms>

Essa é uma sugestão do trabalho com os significados, mas pode-se explorar a origem, relacionar com as teorias da LC estudadas, enfim, o professor pode incrementar e adaptar a atividade a partir de sua realidade.

Figura 52 - Diagrama Ampliado



Fonte: <https://coggle.it/diagram/WxQBWZ3qXLDuZ2sa/t/sports-idioms>

Por fim, pode-se ampliar a atividade com outras expressões por meio de atividades impressas, disponíveis no Anexo B e Apêndices A e B

4ª Etapa – Produção e Avaliação

A avaliação poderá ocorrer nas três esferas explicitadas por Bloom et. al. (1993): diagnóstica (1ª etapa), formativa (2ª e 3ª etapa) e somativa (4ª etapa).

De acordo com Bloom et. al. (1993) a avaliação diagnóstica visa analisar o que o aluno já sabe, para que assim o docente possa conduzir o processo de maneira mais coerente. Já a formativa é realizada no decorrer da atividade e busca identificar, gradativamente, se o aluno domina cada etapa de aprendizagem, antes de dar prosseguimento. Por fim, a somativa, tem função de classificar, evidenciado se o aluno atingiu as metas estabelecidas.

Desse modo, propomos como encerramento dessa sequência de atividades uma produção textual.

Nessa produção, os estudantes deverão utilizar as expressões idiomáticas estudadas levando em consideração o contexto de uso figurado. A fim de explorar a comunicação, após a produção os diálogos deverão ser dramatizados pelos estudantes.

Proposta de Produção

Idioms are an essential part of a language and knowing how to use them is an important task, when we want to learn a language. Then we studied about sports idioms, practiced it with different strategies. Now, it is your turn to create. Imagine a dialogue where the idioms we have studied can be used. With you partner you should create a little history, use your creativity and use, at least, two idioms of those we studied in our classes. Good job!

Sugestão de critérios para a avaliação somativa

Crítérios	Valor	Autoavaliação	Avaliação do Professor	Devolutiva
Produz o gênero diálogo de acordo com as características e a função social?	2,0			
Demonstra adequação no uso da língua em relação a elementos de coesão, coerência e organização textual?	2,0			
Atende a proposta para a produção do gênero?	1,0			
Utiliza linguagem formal ou informal de acordo com o contexto?	1,0			
Utiliza os <i>idioms</i> estudados durante a produção de maneira correta, levando em consideração o contexto de uso?	2,0			
Durante a dramatização demonstra clareza na expressão oral?	2,0			
TOTAL	10			

4.2.1 Considerações sobre a proposta de atividades

O trabalho com construções é uma oportunidade de explorar a linguagem figurada e a interculturalidade da língua. Essa ação faz com que o estudante se sinta mais confortável e confiante em relação ao uso do idioma, pois ele passa a utilizar formas (gírias e expressões idiomáticas, por exemplo) que até então eram reservadas aos falantes nativos, como afirma Kramsch (1993).

Utilizar os pressupostos da Linguística Cognitiva dentro de sala de aula significa contribuir para que o aluno entenda que a língua é muito mais do que uma representação, é o

resultado de uma relação forma-significado, que pode mudar de acordo com a cultura, contexto e intencionalidade do enunciatário.

Por fim, nosso objetivo foi explorar o uso dos recursos cognitivos como estratégias para que o trabalho com construções seja mais significativo, para o docente e para o aprendiz. Como dissemos a pretensão não é substituir ou propor uma abordagem, mas explorar a potencialidade que os esquemas de imagem e as metáforas possuem quando o assunto é o uso do idioma dentro de uma perspectiva não literal, de uma colocação ou do ponto de vista cultural. Acreditamos que o trabalho com etapas, que exija um protagonismo do estudante, levando em consideração a negociação de sentidos, a pesquisa, o lúdico e a compreensão de que utilizar uma construção exige um olhar para o contexto, pode potencializar o trabalho com vocabulário em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comunicar-se de maneira clara e correta é um grande desafio, principalmente, quando precisamos fazer isso em outro idioma. A língua em constante construção, marcada por expressões, marcas históricas e culturais não pode ser vista como algo isolado, como já prevê a Linguística Cognitiva. Afinal, há intencionalidades e metáforas que não podem ser expressas de qualquer maneira.

É desse desafio para qualquer aprendiz e professor que nasceu esta pesquisa. Enquanto aprendiz e professora desse idioma, deparei-me com situações que me faziam pensar e refletir sobre como elucidar dúvidas que, às vezes, pareciam simples mas que guardavam em si uma grande problemática. Quantas vezes, meus alunos resgatavam a sequência *Once upon a time*, nome de uma série popular entre os adolescentes (o título original é mantido) e eu prontamente respondia : “Era uma vez”. Em resposta, eles insistiam, dizendo que não fazia sentido. Realmente, a maioria das combinações parece estranha para nós, mas elas fazem parte da língua e devem ser aprendidas.

Quando o assunto é vocabulário como vimos no capítulo 4, há diferentes abordagens que vão desde a memorização até o uso em contexto. Todavia, a questão dos significados não literais sempre apareceu como algo desafiador, provocativo e muito relacionado à experiência de mundo dos estudantes.

Por conseguinte, a LC surge como forma de elucidar várias questões e provocar novas. Durante o trajeto desta pesquisa, o primeiro ponto levantado foi o de que textos, nas línguas, não são constituídos apenas por sequências de palavras escolhidas uma a uma, mas, muitas vezes, por expressões e combinações fixas, escolhidas em bloco, muitas delas literais, mas que diferem de língua para língua, e outras, mais abstratas ainda, envolvendo componentes metafóricos que não podem ser traduzidos de maneira literal. O segundo ponto reside no fato de que cada um de nós tem um tipo de conhecimento e vivência, conseqüentemente, o processo de aprendizagem de um idioma e cognição também difere.

A partir dessas reflexões percebemos que os princípios da Linguística Cognitiva, especificamente, o trabalho com a Teoria dos Esquemas de Imagem e o estudos das Metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1980), poderiam auxiliar no processo de compreensão das construções e, como resultado, possibilitar uma nova estratégia para os docentes.

Primeiramente realizamos o estudo das referências bibliográficas e depois aplicamos um questionário aos alunos de uma escola técnica. O questionário serviu para mapear a área de

interesse dos estudantes, bem como para delimitar o perfil discente, permitindo a seleção de construções em três segmentos: esportes, viagens e série.

Ao realizar as análises ficou perceptível a ocorrência de construções idiomáticas, desde as mais cristalizadas até as mais flexíveis. No que diz respeito aos esportes, as construções idiomáticas, passaram a ser utilizadas em outros contextos com novos significados. Podemos dizer que são expressões idiomáticas de decodificação quando aplicadas a esses novos usos, pois assumem um significado não literal, instanciados por metáforas. Ainda a cultura pode ser vista como elemento chave, uma vez que muitas das construções surgiram de esportes que não são comuns no Brasil e, por isso, exigem um outro tipo de repertório dos estudantes.

Segundo Evans (2015), o significado surge da relação entre o nosso sistema conceitual e o conhecimento sobre a gramática e existe um terceiro fator: a cultura – nomeado por ele como “*golden triangle*”. Everett (2012 apud EVANS, 2015, p. 313- TN⁸⁷) cita que “a língua, por ela mesma, é uma invenção cultural [...] a língua é uma ferramenta, moldada e aprimorada pela cultura, a fim de facilitar o compartilhamento de valores e ideias”. Muitas vezes, determinadas construções só são compreendidas se observadas sob a visão cultural, como é o caso de *a long shot* e *touchdown*.

Em relação ao tema viagens, na lista elaborada a partir da frequência no COCA encontramos expressões idiomáticas, colocações, expressões formulaicas e verbos frasais. Essa diversidade demonstra que ao produzirmos um discurso escolhemos uma variedade de palavras ou bloco de palavras para dar sentido e nem sempre temos apenas formas literais. Outro aspecto é o fato de muitas vezes isso ocorrer de forma natural, quase que inconsciente como é o caso das expressões formulaicas, que são recuperadas integralmente na mente do falante. Retomamos aqui os exemplos *Once upon a time; How are you?*; construções que parecem já ser pré-fabricadas pela nossa mente, por poderem ser recuperadas pelos *chunks* (há um traço da estrutura que é sempre preservado). Se dissermos a alguém algo como: *onde há fumaça há [...]*, a nossa mente, automaticamente, completa com a palavra *fogo*.

Num trecho da série *The Wonders* encontramos verbos frasais e expressões idiomáticas. Os verbos frasais são importantíssimos no ensino de língua inglesa e configuram uma parte do idioma capaz de tornar o aprendiz mais próximo do uso real da língua. Podem ser literais ou não literais e por isso compreender a construção do significado é indispensável.

⁸⁷ Language itself appears to be a cultural invention [...] language is a tool, molded and honed by culture, in order to facilitated the shared values and ideas”.

Todo material autêntico nos apresenta diariamente construções, fator que contribui para a relevância de tratar esse tema em sala de aula. Estamos imersos no mundo da informação e a tecnologia tem contribuído para divulgar e ampliar o acesso a essas combinações especiais do idioma. Exemplo disso são as séries que fazem parte das atividades preferidas dos adolescentes e, conseqüentemente, aparecem na sala de aula, trazendo à tona dúvidas de vocabulário e oportunidades de serem utilizadas como recurso didático.

Levando em consideração esse acesso constante e as dúvidas sobre o como aprender ou ensinar construções que exijam uma compreensão não literal, apresentamos no capítulo 4 uma proposta de atividades. As atividades foram pensadas levando em consideração o nível dos alunos que participaram do questionário, a mobilização de turmas numerosas e o objetivo foi o de permitir que após o contato com alguns princípios da LC e o processo de negociação e elaboração dos sentidos, por meio de diferentes atividades, o estudante fosse capaz de produzir um diálogo utilizando as construções estudadas. Enfim, procuramos fornecer um caminho que envolva diferentes habilidades e que permita o uso do idioma, que é um dos princípios objetivos dos PCNs (1998).

Durante a sequência de atividades a tecnologia foi inserida como forma de diversificar e tornar as atividades mais atrativas e desafiadoras. O *kahoot* além de permitir interatividade, possibilita que o docente faça levantamento de conhecimentos prévios, sistematizações e revisões. Enquanto o uso de diagramas, auxilia o estudante a organizar e enxergar as construções e os usos, conforme o contexto.

Ao longo das análises reafirmamos a ideia de que a todo instante atribuímos sentido ao mundo, de maneira engenhosa e inconsciente. O nosso cérebro nomeia, categoriza, processa e materializa essas ações por meio das palavras. Por isso acreditamos que a análise das construções, levando em consideração os Esquemas de Imagem instanciados por Metáforas, bem como o trabalho com essas estruturas em sala de aula pode colaborar para o aumento da fluência em inglês, como língua estrangeira.

Enxergar o processo de significação permitirá que o uso tenha mais sentido para o aprendiz, bem como fará com que ele se aproxime do discurso real como aponta Kramsch (1993). A ideia não é formar estudantes que busquem um modelo ideal de fluência, mas sim que sejam capazes de utilizar as construções, que fazem parte de todos os idiomas, com autonomia e que revele uma compreensão sobre o funcionamento do idioma.

Em suma, as construções analisadas nesta pesquisa evidenciaram que a cognição está no cerne do processo de significação e por isso os estudos da LC devem ser explorados como

ferramenta por professores, aprendizes e curiosos. Afinal, a língua não é uma manifestação autônoma, mas sim uma manifestação de nossas capacidades cognitivas e de nossas experiências sociais, culturais e individuais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê, 2010.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BLOOM, BS, HASTINGS, T, MADDAUS, G. *Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar*. São Paulo: Pioneira; 1993.
- BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. In: *Language*, v. 2, n. 2, 1926, p. 153-164.
- BYBEE, J. *Língua, Uso e Cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez Editora, 2016.
- CERVETTI, G.; PARDALES, M.; DAMICO, J. S. *A tale of differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy* (2001). Disponível em: <<http://www.readingonline.org/articles/cervetti/>>.
- CHOMSKY, N. *Reflections on Language*. Michigan: Pantheon Books, 1975.
- COSCARELLI, C. *Uma conversa com Gilles Fauconnier*. Rev. bras. linguist. apl. vol.5 no.2 Belo Horizonte:2005.
- CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge Press, 2004.
- DAMADA, G. *Expressões formulaicas e collocations em inglês: uma proposta de descrição por meio de esquemas de imagem e chunking*. 2014. 97 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115550>> .
- DAMÁSIO, A. *The stranger order of things: life, feeling, and de making of cultures*. New York: Pantheon Books, 2018.
- DEMO, P. *Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento*. 1ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ERTESCHIK-SHIR´S, N. Dominance and the functional explanation of island phenomena. In: *Theoretical Linguistics* 6, 1979, p. 41-86.
- EVANS, V. *The Crucible of Language: how language and mind create meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics*. Edinburgh: University Press, 2006.
- EVERETT, D. *Language: The Cultural Tool*. London: Profile Books, 2012.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic books, 2002.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.) *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996.

FELTES, H.P.M. *Semântica Cognitiva e Modelos Culturais: perspectivas de pesquisa*. Disponível em: <http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/semantica%20cognitiva_introducao.pdf> Acesso em: 18 abr. 2017.

FERRARI, L. V. Modelos de Gramática em Linguística Cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. In: Caderno de Letras da UFF- *Dossiê: Letras e Cognição*, Rio de Janeiro, n. 41, 2010, p. 149-165.

_____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of 'let alone.' In: *Language* 64, 1988, p. 501-538.

FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Trad. R. C. Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIBBS, Jr. R. *The poetics of mind: figurative thought language and understanding*. New York: Cambridge University Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford : Oxford University Press, 2006.

_____. Explanations and Constructions. In: *Mind and Language* 28 (4), 2013, p. 479-485.

GOMES, F.. W. B. *O uso de filmes legendados como ferramenta para o desenvolvimento da proficiência oral de aprendizes de língua inglesa*. 130f. Dissertação. (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2006.

GONÇALVES, A. V; FERRAZ, M.R.R. Sequências Didáticas como instrumento potencial da formação docente reflexiva. In: *DELTA*, 2016, vol. 32, n. 1, p. 119-141.

GRADY, J. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Stress*. Tese de Doutorado, Departamento de Linguística, University of California, Berkeley (disponível em UMI dissertation services: www.il.proquest.com/umi/dissertations/1997).

GRADY, J.; OAKLEY, T.; COULSON, S. Blending and Metaphor. In: STEEN, G.; GIBBS; R. (ed.) *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999.

HALLIDAY, M. *On Grammar*. London: Continuum, 2002.

HARMER, J. *The practice of English language teaching*. London & New York: Longman, 1991.

HEDBLOM, M. M. *Image Schemas and Concept Invention: Cognitive, Logical and Linguistic Investigations*. Dissertation. Universität Magdeburg: Germany, 2017.

HENRY, J. *How to play the game: American English sports & Game Idioms*. United Kingdom: Author House, 2004.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KAY, P; FILLMORE, C. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The 'What's X doing Y?' Construction. In: *Language* 75, 1999, p. 1–33.

KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

KREITZER, A. Multiple levels of schematization: A study in the conceptualization of space. In: *Cognitive Linguistics* 8, 1987, p. 291-325.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF G. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schemas?. In: *Cognitive Linguistics*, 1, 1, 1990, p. 39–74.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and thought*. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by: afterword*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

_____. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo GEIM. Campinas: Mercado de Letras/EDUC, 2002.

LAKOFF, G. TURNER, M. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical pre requisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Cognitive Grammar: A basis introductions*. New York: Oxford University Press, 2008.

- LARSEN-FREEMAN, D. Teaching Grammar. In: Celce-Murcia (ed) *Teaching English as a Second or Foreign Language*. Boston: Heinle & Heinle. 2001, p. 251-266.
- LEFFA, V. J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). *As palavras e sua companhia; o léxico na aprendizagem*. Pelotas, 2000, v. 1, p. 15-44
- MANDLER, J. *The Foundations of Mind: Origins of Conceptual Thought*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- MAZZOCO, B. Oralidade no papo descolado das séries de TV. In: *Revista Nova Escola*. 1 de abril de 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/178/oralidade-no-papo-descolado-das-series-de-tv>. Acesso em: 05 mai. 2018.
- MOTA, A. V.B. *Provérbios em Goiás – contribuição à Paremiologia Brasileira*. Goiânia: Oriente, 1974.
- NAGY, W. *Figurative Patterns and Redundancy in Lexicon*. Tese de Doutorado, University of California at San Diego.
- NESSSELHAUF, N. *Collocation in a learner corpus*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- NUNBERG, G.; SAG, I.; WASOW, T. Idioms. In: *Language* 70, 1994, p. 491-538.
- PAIVA, V. L. M. O. Ensino de Vocabulário. In: DUTRA, D.P & MELLO, H. *A gramática e o vocabulário no ensino de inglês: novas perspectivas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2004.
- PEÑA, M. S. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. In: *Journal of Pragmatics* 40, 2008, p. 1041-1066.
- SWAM, M. *Practical English Usage*. Oxford: Oxford University Press, 2 ed. 1995.
- WRAY, A. *Formulaic Language and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A

1. Match the idioms on the left with their definitions in the box. Write the corresponding letter in the space.

1. ___ A long shot	A. take responsibility
2. ___ A knockout	B. a score
3. ___ Carry the ball	C. to operate as if one were mentally sound.
4. ___ Run interference	D. not much chance of success
5. ___ Drop the ball	E. to take actions to prevent or avoid certain problems or situations
6. ___ Touchdown	F. o make the decisions; to decide what is to be done
7. ___ Play with full deck	G. to make a mistake.
8. ___ Call the shot	H. a good-looking woman

Answer: 1 D; 2 H; 3 A; 4E; 5G; 6B; 7C; 8F

2. Write sentences using 2 idioms above OR write a short paragraph using 2 idioms.

1.

2.

APÊNDICE B

Fill in the blanks with the expressions from the box. If it is a verb, make sure the tense matches the tense in the sentence.

Sidelined	run with	run interference
do an end run	tackle	fumble
Game plan	kick off	

- a) He really _____ that presentation. He didn't even seem a little prepared.
- b) After my break, I think I'll have enough energy to _____ the cleaning the rest of the house.
- c) It's taken a long time for Charlie to get caught up at work. He was _____ for a long time after his operation.
- d) My son tried to _____ around me when he went to his father to get permission to go to a concert in Philadelphia. Luckily, Dave and I talk about everything our kids do.
- e) I love working with these students. You give them the smallest idea and they _____ it.
- f) I'm going to change my _____ for getting my family to cook once a week. I am still cooking every single day.
- g) We _____ International Education Week with a potluck dinner and a screening of foreign films from India, Nigeria and Italy.
- h) I really don't walk to talk to dad about why I am helping my ex-boyfriend. Could you _____ for me?

Answers: fumble; tackle; sidelined; do an end run; run with; kick off; run interference.

ANEXOS

ANEXO A

Trecho Episódio 1 – *The Wonder Years*

NARRATOR: 1968, I was twelve years old. A lot happened that year. Dennis McLain won 31 games, The Mod Squad hit the air, and I graduated from Hillcrest Elementary and entered junior high school...but we'll get to that. There's no pretty way to put this: I grew up in the suburbs. I guess most people think of the suburb as a place with all the disadvantages of the city, and none of the advantages of the country, and vice versa. But, in a way, those really were the wonder years for us there in the suburbs. It was kind of a golden age for kids.

EXT. DAY. RESIDENTIAL STREET.

[KEVIN, his brother WAYNE, and other kids play football on a suburban street. Camera settles on KEVIN as he comes to the line of scrimmage.]

NARRATOR: There, that's me. Kevin Arnold, 1968, the summer before junior high school. And I don't mind saying I was a pretty fair little athlete.

[KEVIN drops a pass and the other kids laugh. The ball heads toward WINNIE, who **picks it up**. KEVIN and WINNIE approach each other.]

WINNIE [sympathetically]: It was a pretty hard pass.

KEVIN: Well, yeah, I think it had sort of a reverse-spin on it...

[Shot of WAYNE in street.]

WAYNE: Come on Kevin, stop gabbing with your girlfriend.

[KEVIN takes the ball, and walks toward the camera. Camera stays on WINNIE as she watches him trot off.]

KEVIN: She's not my girlfriend!

[WINNIE crosses her arms and looks hurt.]

[KEVIN, with the football, walks back toward the others to continue play.]

NARRATOR: This was true, Winnie Cooper was not my girlfriend. When we were very little we used to go down to Harper's Woods and catch fireflies but we really hadn't hung out at all together since we were about nine.

WAYNE: Uh-oh, think girlfriend's mad at you? Maybe you'd better go give her a big French kiss.

KEVIN: Shut up, Wayne!

WAYNE: Hey girls, come on over here. Kevin's gonna show you what a French kiss is.

KEVIN: Buttface.

WAYNE: What did you say?

KEVIN: Nothing.

[WAYNE pushes KEVIN over and pounds KEVIN'S shoulder with his fist.]

NARRATOR: This is the way most of my conversations with my brother Wayne ended. Apparently he just deeply regretted the fact that I had been born, and he wanted me to feel the same way.

PAUL: Come on Wayne, let him up!

[PAUL tries to pull WAYNE away from KEVIN.]

WAYNE: I'm sorry Paul, this is a family matter. [WAYNE resumes pounding KEVIN.]

NARRATOR: That was my best friend, Paul Pfeiffer. Paul was allergic to everything. Wayne used to say he was even allergic to his own snot. Wayne was a really funny guy.

BRIAN [yelling]: Hey Wayne, knock it off before I do the same thing to you.

NARRATOR: Winnie's brother, Brian Cooper. He was nineteen and for us he defined 'cool'. [BRIAN stands near his car and lights a cigarette. WINNIE moves next to him.] He had this really great '59 El Camino, didn't run of course, but he was always out there **working on** it, sweaty, grease all over his hands...what a guy. That June he got drafted and **packed off** to Vietnam. But his car was still out front up on blocks as kind of a reminder of who really ran things on our street.

INT. DAY. ARNOLD HOUSE.

[KEVIN and PAUL enter the kitchen. PAUL is limping and KEVIN is supporting him. PAUL sits on the counter as KEVIN looks in the refridgerator. NORMA is in another room.]

KEVIN [loudly]: Mom, can Paul stay for dinner?

NORMA [V/O]: Sure, if his mom knows.

PAUL: What are you having?

KEVIN: What are we having?

NORMA [V/O]: Meat loaf.

PAUL: I'm allergic to it.

KEVIN: What else?

NORMA [V/O]: Salad.

[PAUL shakes his head.]

INT. EVENING. ARNOLD HOUSE.

[Shot of stack of white bread. Camera shot widens to show KEVIN, PAUL and WAYNE sitting at the table and having dinner. Scenes from the Vietnam War can be seen on the TV. NORMA is fussing about in the kitchen.]

KEVIN: When's dad coming home?

NORMA: Any minute. And between the traffic and his job he's liable to be very tense so let's not **make him crazy**.

KEVIN: He's always tense.

NORMA: That's true. He's always tense but he's not crazy yet so let's try to maintain that sense of equilibrium.

[JACK enters through the kitchen door, walking through into another room.]

NORMA: Hi hon. How's traffic?

JACK: Traffic's traffic.

NARRATOR: Dad had a Spartan sense of language.

[KAREN enters.]

NORMA: Karen, honey, you said you were gonna come home early and help me with dinner.

KAREN: Peace mom, okay? [Gestures.]

NORMA: Peace is fine, but you said you were gonna help me with dinner.

KAREN: You have so much bad karma in your life, you know that mom? I'd be careful if I were you.

NORMA: Thank you, I'll **keep an eye out**. In the meantime, when your father gets back try not to **make him crazy**.

[JACK re-enters kitchen, takes drink from Norma and sits down at the kitchen table. He takes a sip, then turns toward PAUL.]

JACK: Hi, Paul.

[PAUL waves his bread at JACK.]

NARRATOR: Dad always said "hi" to our friends, but it was like he had this understanding with the family - he worked hard for us, he provided for us, and he certainly didn't want to have to talk to us on top of that.

[Shots of individuals.]

NARRATOR: My approach was to not make any sudden moves or sounds until he'd finished that first vodka tonic and hope that nobody else did anything that might upset him too much before then.

(Editor's comment: The following scene in red was deleted in some reruns for obvious reasons and to make time for commercials)

KAREN: I'm gonna get some birth-control pills. I thought you should know..

[Sound of tea-pot whistle starting. Shot of JACK.]

[Shot of whole group as JACK bangs the table with his fist.]

JACK: I did'nt hear what I just heard.

[Everybody starts arguing and KEVIN starts laughing.] [Joni Mitchell "Both Sides Now" starts and continues.]

NARRATOR: And that's pretty much how that summer went.

Fonte: <http://www.peter-reynders.de/WY/episode1.htm>

ANEXO B

A great number of idioms that we use in everyday life have a connection with sport. Many are common in specific areas of life, for example in the business world. These idioms are derived from terms used in a variety of sports and games. Knowing the sport, the game and the rules might help you to understand the idiomatic expressions derived from these games, however some idioms have evolved usages and meaning independent of sports and they are often used by those with little knowledge of these games and sport in general.

A. In the left-hand column you will find some sports idioms. Match them with their definitions in the right-hand column.

- | | |
|------------------------------|--|
| 1. to carry the ball | a. to expect to win or succeed |
| 2. to hold all the aces | b. to do something risky |
| 3. to get a head start | c. ready and able |
| 4. the ball is in your court | d. a break |
| 5. under the table | e. to start before all others |
| 6. to skate on thin ice | f. to surrender or give up |
| 7. to throw in the towel | g. it is your decision or responsibility |
| 8. time out | h. to assume responsibility |
| 9. to learn the ropes | i. to understand new things |
| 10. on the ball | j. illegally |

Key: 1h, 2a, 3e, 4g, 5j, 6b, 7f, 8d, 9i, 10c

B. In the following exercise choose the sports idiom which best completes each sentence.

1. No one makes better cars than BMW. I think they are ____.

- out of their league
- a two horse race
- in a league of their own

2. That was a great speech, James. You really ____.

- hit it out of the park
- hit a snag
- approached the finishing line

3. It is a _____ between Microsoft and Mac in the computer world.
- kick-off
 - two horse race
 - par for the course
4. Apple ____ by always thinking of new exciting products.
- are plain sailing
 - stay ahead of the game
 - score an own goal
5. I am happy to say that we are ____ to meet our budget this year.
- on target
 - off base
 - across the board
6. I'd only ask you not to ____ and begin to prepare the budget until all the figures are available.
- jump the gun
 - blow the whistle
 - get off the hook
7. The government have ____ by introducing the new regulation, making it fairer for all businesses.
- stayed ahead of the game
 - levelled the playing field
 - dropped the ball
8. The bank ____ by introducing unpopular charges. They lost a lot of customers.
- was on the ropes
 - was on the ball
 - scored an own goal

9. I think I'm _____ after working here for a month.

- a. getting into the full swing of things
- b. no great shakes
- c. under the wire

10. She's finally going to ask for a salary increase, and if the boss says no, I'm going to _____ for her.

- a. hold all the aces
- b. jump the gun
- c. go to bat

Key: 1c, 2a, 3b, 4b, 5a, 6a, 7b, 8c, 9a, 10c

Disponível em:< <http://www.profitiraj.hr/wp-content/uploads/Profitiraj-13.5.13.-ljiljana-22.pdf>>

ANEXO C – Textos do *Corpus*

Domínio discursivo: Esportes

A long Shot

Date: 2017

Title: To Consider Republican Health Care Bill; Some Lawmakers Concerned About Impact of Health Care Battle on Tax Reform; Auto Sales Slump For Fourth Straight Month After 7 Years Of Continuous Grow

Source: SPOK: Fox

Expanded Context:

the establishment, he's very familiar to the international organizations, you saw President Obama backing him. And so, in a way, a Macron win, will be a kind of no-change outcome. BARTIROMO# So, it's more of the same if Macron wins and a political earthquake if Marine Le Pen wins. Let me ask you about that because she has talked a lot about closing borders, perhaps, you know, leaving the E.U., going back to the French Frank. if she were to win, and I know it's **a long shot**, markets here in the U.S. will sell-off tomorrow. HILTON# Yes, they - there'll be a lot of uncertainty, because as we know, business and markets above all likes certainty, predictability. They know that they can see years into the future and then what's going to happen. And no one knows what will happen. She have said she wants to - if she wins, she said she wants to leave the Euro, as you said, and have a referendum on the E.U.

Date: 2015

Publication Information: Section B, Column 0; Businnes/ Financial Desk p. 1

Title: As Texas “Miracle”Fades, a Closer Look at Policy

Source: NEWS: New York Times

Text available in: <https://www.nytimes.com/2015/06/04/business/economy/what-texas-economy-means-for-rick-perrys-presidential-ambitions.html>

Expanded context:

that platform may have been in creating a benevolent economic backdrop, many economists say differences in state policies play only a limited role in inducing local economic growth. "

Texas did pretty well, but it's hard to say how much of that is because of policy choices versus luck, " said Tracy Gordon, senior fellow at the Urban-Brookings Tax Policy Center, a nonpartisan research group in Washington. " We often think of states as playing with the hands they are dealt and making policy choices based on that. " While Mr. Perry looks like **a long shot** in the Republican race, the low-tax, light-regulation model favored by many conservatives contrasts sharply with the economic blueprint that Hillary Rodham Clinton and other Democratic candidates are offering. Democrats warn of the dark underside of the Texas Miracle, pointing to low-wage jobs, failing public schools and legions of citizens who remain below the poverty line and without health insurance. To counter that kind of economic situation, Democrats offer another state as an example: California. Despite its high taxes, strict regulations, broader access to health.

Date: 2015

Publication Information: Arts & Entertainment; Cover Story/ Preview; p. W-12

Title: Grammys: What to watch for; The return of AC; DC the race for album of the year of country showdown are among Sunday's light

Source: NEWS: Pittsburgh Post- Gazette

Text available in: <http://www.post-gazette.com/ae/music/2015/02/05/What-to-watch-for-during-the-Grammys/stories/201502050128>

Expanded context:

R&B album). Most of these will be handed out in the pre-ceremony, where virtually no one shows up. 7. WIZ AND THE PSO This is the fourth straight year Wiz Khalifa has been nominated, but so far he has had stiff competition from Jay-Z, Kanye West, Macklemore, etc. This time, his " Blacc Hollywood " meets Iggy and Eminem for rap album, and for rap song, " We Dem Boyz " faces a murderer's row of Kanye, Kendrick, Drake and Nicki Minaj. Sadly, he's **a long shot** to win his first. Four-time winner Christina Aguilera is another long shot vying for pop duo/group performance (" Say Something " with A Great Big World) against Iggy, Coldplay, Katy Perry, etc. The Pittsburgh Symphony Orchestra, which last won a Grammy in 1992, under Manfred Honeck, is up for best orchestral performance for Dvorak Symphony No. 8 and Janacek: Symphonic Suite From Jenufa. Competition is the St. Louis Symphony Orchestra, the Seattle Symphony, the Berlin Philharmonic and Atlanta Symphony Orchestra.

*Knock-out/ knockout***Date:** 2016**Title:** Review: 'Edge of Seventeen' enters rare teenage air**Source:** NEWS: The Detroit News**Text available in:** <https://www.detroitnews.com/>**Expanded context:**

best teenage film of the decade # There is a short list of high school films that can grasp and accurately depict the pain, anguish and heartache of the teenage experience: " Fast Times at Ridgemont High, " the works of John Hughes, " Mean Girls, " " Easy A. " # Add " The Edge of Seventeen " to that prestigious list. Writer-director Kelly Fremon Craig and star Hailee Steinfeld team up for the decade's best teenage movie, a funny, touching, gutting rumination on modern teenage life in America. # Steinfeld, a **knockout** at age 14 in the Coen Brothers' " True Grit " (and a charter member of Taylor Swift's #Squad), is transcendent as Nadine Byrd, an 11th-grader who has a roof over her head and clothes in her closet, but whose life is otherwise in shambles. Her father died several years ago and she's still dealing with the loss, though she mainly uses it now as an excuse to try to weasel out of homework assignments. # Like most teenage girls she's constantly

Date: 2016**Publication Information:** Cambridge Vol. 94, Iss. 2, (Apr 19, 2017) 347-362**Title:** MAP2 Defines a Pre-axonal Filtering Zone to Regulate KIF1- versus KIF5-Dependent Cargo Transport in Sensory Neurons**Author:** Gummy, Laura F**Source:** ACAD: Neuron**Expanded context:**

a marked shift of TRIM46 toward the cell soma (Figures 1G and 1I). These results demonstrate that MAP2 localization in the proximal axon of DRG neurons depends on TRIM46. # MAP2 Controls the Axonal Growth Potential of DRG Neurons # To test the physiological function of MAP2 in adult DRG neurons, we knocked down MAP2, which caused a strong increase in the

length of axons at DIV1 compared to controls (Figures S2A and S2B). To verify that the increase in axonal length was due to loss of MAP2 function, we cultured adult DRG neurons from MAP2 knockout (KO) mice and analyzed them at DIV1. Significantly, murine MAP2 KO DRG neurons also grew much longer axons compared to their wild-type counterparts (Figures S2C and S2D). The strong increase in axonal length was also observed in TRIM46-depleted DRG neurons where MAP2 is no longer enriched in the proximal axon (Figures S2E and S2F) and in MAP2-depleted hippocampal neurons (Figures S2G and S2H). Interestingly, MAP2 knockdown also affected the number of neurites per neuron. MAP2 depletion in adherent DRG neurons induced

Full deck/ play with a full deck

Date: 2009

Title: Goodbye Governor; The interview

Source: SPOK: ABC_Nightline

Expanded context:

mayor of Chicago has famously said that you're... GOVERNOR-ROD-BLAGO# You can say it. MAYOR-RICHARD-DALE# I've said cuckoo once, I'll say it again. Cuckoo. CYNTHIA-MCFADDEN-# (Off-camera) Well, cuckoo. GOVERNOR-ROD-BLAGO# He said that in response to what I said, which was that once they remove me from office there's a big income tax increase in Illinois on the people by Memorial Day and I will be proven right. CYNTHIA-MCFADDEN-# (Off-camera) You've also been called narcissistic, delusional, a sociopath. One state senator says that you're **not playing with a full deck**. Are you **playing with a full deck**? GOVERNOR-ROD-BLAGO# Let me put it this way, politics is a business where people call you names. It's just the nature of it. I rest on my results. Illinois became the first state and only state in America that gave children - every child access to healthcare. We're the only state that gives all of our senior citizens free public transportation. CYNTHIA-MCFADDEN-# (Off-camera) So let me just give you an opportunity to answer this question which I think is.

Date: 2000

Publication Information: SPORTS; Pg. D-01

Title: Simply Unpredictable

Source: NEWS: Denver Post

Expanded context:

That's been tough for them.' # If that wasn't enough, freshman guard Kate Fagan underwent heel surgery Dec. 17 to repair a stress fracture, ending her season after five games. Another freshman, Di Spencer, missed five games with a foot stress fracture. And Gina Scaletta, a sophomore walk-on who had helped in practice, suffered a fractured cheekbone in a Feb. 4 bicycle accident on campus and also was finished for the season. # Only seven players were available when Spencer was out. # 'They're **not playing with a full deck**,' Nebraska coach Paul Sanderford said.' But the kids in their program are very good basketball players. Colorado is always going to be a factor in this league.' # That glorious 1993-97 stretch already seems a distant memory. Colorado went 10-5 in the NCAA Tournament, advancing to three Sweet 16s and two Elite Eights. After averaging 27 victories for five seasons, Colorado fell to 12-16 in 1997-98 (the No. 8 seed in Big 12 Tournament) and 15-14 in 1998-99 (the No. 9

Touchdown/ Touch Down

Date: 2017

Title: On the anniversary of the worst tornado outbreaks the US

Source: NEWS: Virginian-Pilot

Expanded context:

, and more energized at work. # That's how Levi's is answering that litany of " Why's " and " What If's " that I asked above. And as Congress debates our national health policies, I'd say this is a great time for them and the rest of the country to think about those questions as well. 4197142 On the anniversary of the worst tornado outbreaks in the U.S., here is every tornado to **touch down** in Virginia # Fast moving storm clouds round over Rudee Inlet in Virginia Beach, Virginia late this afternoon as a cold front moves east. A tornado watch is in effect for parts of Hampton Roads until 8 P.M. Jan.11, 2014 (L. Todd Spencer/ The Virginian-Pilot) # In

April and May of 2011, six severe weather outbreaks swept across the country, killing hundreds of people, causing billions in damages and producing almost 1,000 tornadoes. Four people were killed in Virginia as tornadoes touched down in Halifax

Carry the ball

Date: 2004 (spring)

Publication: Vol. 14, Iss. 1; p. 42, 5 pgs.

Title: A Ms. Conversation: MADELEINE ALBRIGHT and ROBIN MORGAN

Author: Robin Morgan

Source: MAG: Ms

Expanded context:

place in hell for women who don't help other women. But what happens is that some of us who get into positions of power are under siege all the time. So the question becomes: What do you push on? Sometimes it's pragmatic. We pushed hard on CEDAW, but nothing changed. So you turn your attention elsewhere. RM You even flirted with Jesse Helms for CEDAW's sake. MA Yes, I did. But he wasn't the only problem. It's a matter of never forgetting the whole agenda- and if somebody can't **carry the ball** at a given moment, try somebody else. There's an interesting balance between those inside government and the NGOs non-governmental organizations. Each plays off the other for leverage. RM Precisely. Feminist NGOs are becoming more tactically sophisticated about that. Obviously, getting women into positions of power makes a difference-if they feel accountable to women and remember, once in power and under siege, that they are women. Unfortunately, your hawkishly anti-communist credentials served you far better in dealing with Congress than your feminist

Date: 2012

Title: Obama's Cabinet Reshuffle, What's next for Hillary?

Source: SPOK: Talk on the nation 02:00 PM EST

Expanded context:

who say that Christie is likeable but - well, I don't know about likeable, but, you know, he's a forceful kind of candidate but may not fit the conservative mold. NEAL-CONAN# Let's go next to Mark, and Mark's on the line from Milton, Florida. MARK# Thank you, guys. that

Walker of Wisconsin has proved that he can get both Democrat and Republican votes. He's not a bomb thrower. He enters to end the public sector unions, are draining the state economically, and he's able to **carry the ball**. he would an excellent president. NEAL-CONAN# And Scott Walker, of course, has survived a recall and after he passed that controversial legislation that championed the controversial legislation to rein in public service employees in the state of Wisconsin. But he'd better be - I can't imagine him getting too many Democratic votes, Ken. KEN-RUDIN# No. But we're talking about the Republican nomination. But as long as we're talking about Wisconsin, then we should be talking about Paul Ryan,

Run Interference

Date: 2013

Publication Information: MONEY; Pg. 2B

Title: Physician, heal thy old-tech ways; Digital lapses cost hospitals \$8.3 billion a year

Author: Byron Acohido

Source: NEWS: USA Today

Text available in: <https://www.usatoday.com/story/cybertruth/2013/05/07/healthcare-technology-cybersecurity-privacy-patient-care/2142739/>

Expanded context:

. Jeremy Delinsky, chief technology officer at Athenahealth, which supplies electronic medical record systems, notes there is no infrastructure for physicians to easily share patient information. Someone from, say, Boston, who falls ill while on vacation in Phoenix, would have a difficult time getting the family physician to send health records to the attending physician in Arizona. This could present enormous problems for patients with chronic conditions or complicated medical histories, he says. " Health care is incredibly complex, " Delinsky observes. " Technology innovators must contend with regulatory restrictions and **run interference** with insurance companies. These compounding factors make it very difficult to digitally advance the way patients receive care. " --- Bringing health care into present Personal pagers and analog fax machines are still used widely in clinics and hospitals. It's not unusual for patients to have to act as their own couriers in hand-delivering records when visiting different specialists. USA TODAY asked Jeremy Delinsky, chief technology officer at

Athenahealth, an electronic medical records systems supplier, for a dose of clarity. Q: How far behind is

Date: 2012

Publication Information: New York : Grand Central Pub.,Edition: 1st ed.

Title: Born of silence

Author: Kenyon, Sherrilyn, 1965-

Source: FIC: Born of silence

Expanded context:

, Maris only anticipated treachery from every person he met, and expected things to worsen, no matter how good they were. # Darling was the sole living being Maris trusted. Not that Darling blamed him, given his past. Trust didn't come easy to Darling either, but he tried not to let his experience with assholes defeat his innate belief that people were good at heart. # All except his uncle. # That bastard had been born chromosomally damaged. # For the whole of his life, Darling had fought to protect, and **run interference** for others. Whether it was his mother, his siblings, or Maris # He'd bled for all of them. # But never happily, and not always without complaint. While he didn't mind it so much for Maris and his siblings, he resented the hell out of his mother's inability to put his life and well-being above her own selfish needs. # She couldn't even look at him anymore. Whether it was from disgust that he wasn't her willing slave or from her

Call the shot

Date: 1998

Publication Information: Sports

Title: NBA TEAM-BY-TEAM NOTES

Source: NEWS: USA Today

Expanded context:

Gugliotta is unable to play, F Sam Mitchell will continue to replace him in the lineup. # New Jersey: Coach John Calipari said Tuesday a trade that would have sent F Kendall Gill and G Sam Cassell to the Toronto Raptors for G Damon Stoudamire and F Walt Williams is dead. " This organization may have one trade in it to get to where we want to go, " Calipari said. " I

don't believe that the trade with Toronto is that deal, and I'm the guy making the decisions. I have to **call the shot**. It isn't 'Let's get together and see what we want to do.' I do not think the Toronto trade bringing us Stoudamire and Walt Williams is what we need at this point. "... Maybe helping the decision was Gill threatening to retire if he is traded to Toronto. " I'm not going to a losing team, point blank, " Gill said. " If they want to trade me to a winner, fine. But a losing team? No

Date: 1992

Publication Information: SPORTS 2; JOE DOGGETT; Pg. 27

Title: Don't be "blind" to hunt safety;

Author: JOE DOGGETT; Staff

Source: NEWS: Houston Chronicle

Expanded context:

guns create a dangerous potential during a " " quick draw " contest. # I do not advise propping any unattended gun in the blind being shared by a fidgety child or a young, excitable dog. A restless foot or tail might topple the piece with horrifying results. # A shotgun with its safety engaged should not discharge if dropped or toppled, but looking into the black hole of a heavy 12 bore as it rakes past your face or chest ranks high, high, high on the cold-chill scale. # Decide in advance who will **call the shot** when ducks decoy or pass within clean range. The shot-caller has an important responsibility. It is his job to make certain the angle is safe and the shot is clear. Not to mention that the birds in question are, in fact, legal ducks. # If the angle is extreme to one side, he might say, " " OK, Mike, they're yours on the left. " That means that Ed on the right sits tight; he has no business shooting recklessly across his

Drop the ball

Date: 2010

Publication Information: Vol. 127, Iss. 10; pg. 12, 2 pgs

Title: Time's up

Author: Brad Hill

Source: MAG: Christian Century

Expanded context:

once the end was in sight, interest shifted to the incoming pastor. Sure, the close friends I had made during the year continued to check in, but further relational development coasted to a stop. I admit that I contributed to the awkwardness. As a result of the congregation's new orientation, I began shifting my attention. I began to think more about my future, to plan my exit and think about the next calling. As I did I made mistakes. I forgot things and **dropped the ball** on some administrative matters. When pastors drop the ball, people are often hurt or confused, so I contributed to an ending that was less than ideal. I also missed opportunities that were still there in front of me. The vote to affirm the new pastor was nearly unanimous. He would arrive in three months. There would be a gap of about a month between my departure and his arrival. I counted down the weeks. I cleaned my office, and as the last books went home and my hard drive was scrubbed (I

Date: 1993

Publication Information: Vol. 76 Issue 6, p. 27, 3p, 1bw

Title: Get better service from your doctor.

Source: MAG: Consumers Research Magazine

Expanded context:

(AII). This article is adapted from an on-going series in that publication on the basics of investing. # 29087 # As many as 60% of the visits we make to the doctor are triggered by the common cold and are largely unnecessary. It makes little sense for you to pay up to \$50-or more-for an office visit so that someone can tell you what you already know: There is no cure for the cold. # Most of us **drop the ball** as health care consumers even before wasting money on that first unnecessary visit. As Tom Higgins, a founding editor of Healthweek magazine, has noted: " Most people make better decisions about buying a refrigerator than choosing a physician. " The first step to getting your family's medical budget under control is to make sure that you have selected the right doctor and the second is to make the most efficient use of his services. # Do Your Own Detective Work. References from friends, family

Domínio discursivo: Viagens***Check In*****Date:** 2017**Title:** Get better service from your doctor.**Source:** NEW: Detroit Free Press**Expanded context:**

hard-pressed to pay another team for a franchise player and perhaps future Hall of Famer not even a year removed from an elite level. # Where he fits in: A contending team with an upper-tier payroll. There are only a few suitors for Verlander: The Cubs' interest is more smoke than fire, one person with knowledge of the situation said. They would prefer to land a younger, team-controlled starter. The Dodgers could use another starting pitcher, but many consider their biggest needs elsewhere. The Astros are an intriguing team and likely will at least **check in** on Verlander, but it would be out of their character to make such a move. RF J.D. Martinez # Why he's wanted: Since he came off the disabled list in mid-May, Martinez has been one of the best power hitters in baseball. Simply put, he's among the best couple dozen hitters in baseball and would be a big addition to any lineup without any contractual baggage. # What he's worth: Martinez should net multiple prospects, one in a team's upper

Date: 2017**Title:** Sister of teen found dead in hotel recalls her as sweet and caring.**Source:** NEWS: The Boston Globe**Expanded context:**

Arnaldi and 4-year-old Anthony. She loved taking photos with them, wrestling with them, taking them to the park, and buying them clothes. They called her " Titi, " a Spanish nickname for auntie, and every time they walked into a store together, they would beg her to buy them candy or little gifts. Even when Rached said ' no' to candy, Rodriguez would go behind her back and give it to them. She couldn't help it. # Rodriguez was a good daughter to her mother and

father, calling regularly to **check in** on them, Rached said. She was one of five siblings. # Rached said the last time she saw Rodriguez was about a month ago. Rached always tried to give her little sister advice, she said, and tough love -- Rached felt like Rodriguez was not hanging out with the best people. # Reina Rodriguez # " I wanted her to get back into school; I wanted her to be somebody, " Rached said. # That last day, they spent time at their aunt

Run Out

Date: 2017

Title: 53 photos of Russia's decade after the collapse of the Soviet Union

Source: MAG: Business Insider

Expanded context:

to be the second crew due to fly to the International Space Station in 1999. # Reuters Boris Nemtsov, who was temporarily deputy prime minister, checks his watch, August 1998. # Dima Korotayev/Reuters An elderly man sells cucumbers by the roadside in Orlovo outside Moscow, August 6, 1998. Pensioners sometimes sold vegetables they grew in suburban plots during Russia's economic crisis, according to Reuters. # Viktor Korotayev/Reuters In August 13, 1998, about a year after the Asian financial crisis, Russian markets collapsed on worries that the country would **run out** of money and default. Yeltsin called an emergency session of parliament shortly after, saying there would be no ruble devaluation. But then on August 17, the ruble was devalued and Russia announced a 90-day moratorium on foreign debt repayment, according to PBS. The crisis reverberated across global markets, with the Dow plunging 512 points on August 31. In the photo below, a Russian dealer winces during a morning session at the Moscow Interbank Currency Exchange (MICEX), September 1998. A mother

Date: 2017

Title: WWE Great Balls of Fire 2017 Results: Samoa Joe and the Stars of ...

Source: MAG: Bleacher Report

Expanded context:

be a mouthpiece for a large stable. Even though he's too small to reach the big time on his own, he certainly has the mic skills and charisma to make it happen for someone else. The Hardy

Boyz # 3 of 7 # Credit: WWE.com # Cesaro and Sheamus met expectations: They put on an excellent display of their physical, technically sound skill. But the Hardys stole the show with a comeback that fell just short of success. Down 3-1 with under 10 minutes to go, they were nearly victorious. Cesaro had to **run out** the clock, literally, in order to secure the win. # They've lost a step since their earlier days with the WWE. Matt, who's always been a bit bowlegged, walks with a definite limp, and Jeff's multiple daredevil stunts have taken their toll. # But they've made up for it by working a slower, more deliberate style. They're better workers -- from a psychological standpoint -- than they've ever been. Sasha Banks and Alexa Bliss #

Fill it up/ Fill up

Date: 2016

Title: 'Love', Maybe: Netflix

Source: SPOK: Fresh Air 12:00 AM EST

Expanded context:

supernatural drama. That was funny to us. I mean, I always was curious what a writers' room is like for a drama because when you're in a writers' room for a comedy, you can make a joke and everybody laughs. And if everybody laughs, you know, oh, it's effective. And I always wondered, like, what are writers' room for dramas like? Somebody's like, and then the son comes in and tells his dad he loves him. And then everybody in the room, their eyes **fill up** with tears. They're like, yeah, yeah, that's good. And then what if - what if the dad tells the son he loves him too? Then you just have a room of crying people (laughter), and then you know it's working. So yeah, and also we were already doing enough navel-gazing, you know, to have to make it a comedy writers' room, either. We can try to move it just two notches away and make it

Date: 2017

Title: Burning Proof

Author: Janice Cantore

Source: FIC: Burning proof

Expanded context:

usually criminals only felt bad about getting caught. But a case where someone actually expressed remorse always made her feel a little better. # Abby had kept tabs on Curtis and a finger on the pulse of the neighborhood in the months since the murder. There had been understandable anger over the lab situation. But the Joiners were patient, churchgoing people. They had faith they'd get their answers, and Abby was overjoyed that it appeared their faith would be rewarded today. # Bill walked in, and Abby hit him with the news before he could **fill up** his coffee mug. # It was just before 9 a.m. when they arrived in the quiet neighborhood and knocked on the front door of the suspect's residence. The only precaution they'd taken was having a black-and-white cruise the alley to be certain the man didn't flee. But neither Abby nor Bill expected the suspect would give them any trouble. # He didn't. Javon Curtis invited them inside his house and then quietly accepted being handcuffed after they informed him that DNA identified him as at

Please fill in this form

Date: 2017

Title: SWIFT ON THE STAND; DENVER GROPING TRIAL

Source: SPOK: ABC

Expanded context:

awesome. By representing women who have been sexually harassed, sexually assaulted, and you probably will not find a single woman in the music industry, let alone most businesses, who has not been sexually harassed or sexually assaulted at one time or another. By giving that voice, to put it in really stark terms, it's a great look for her. It's also a very important statement to make. CLAYTON-SANDELL# (Voiceover) Even though the trial is expected to last a few more days, it's hard to contemplate any other witness being able **to fill in the blank** space any better. For " Nightline, " I'm Clayton Sandell in Denver. BYRON-PITTS# (Voiceover) Next, the team behind the greatest show on Earth now conquering the Marvel Universe, how the circus is getting a Superhero makeover. BYRON-PITTS# (Voiceover) And later, riding along on the motorcycle chase. The daredevil stopping a reckless driver. 4173013 MARTHA-RADDATZ# (Off-camera) And Jerry Farwell, Jr. joins me

Date: 2011

Publication Information: Apr2011, Vol. 24 Issue 3, p53-57, 5p

Title: Speaking Their Language: Guitar Tablature in the Middle School Classroom.

Author: Thompson, Douglas E. 1 themusicprofessor@me.com

Source: ACAD: General Music Today

Expanded context:

blues scale for guitar in standard notation so you can see how Guitar Pro 6 works seamlessly in tablature and standard notation. # Opening the program (a free demo is available), you see a neatly organized workspace without any music or tablature present. Click on the File menu, hold down the mouse button and move your cursor to New, then to the right. A menu of choices is offered, most of them for multiple instruments. Select Empty. In addition to a blank piece of paper, a window titled Score Information will descend. **Fill it in**, then click on OK. Now select Track? Add. A screen appears that asks what kind of instrument you would like. Select Guitar, Clean, and 6 String in the three respective columns; make sure Standard and Tab are checked in the lower left hand corner of the screen; then click Add in the lower right hand corner. You now have a system displayed made up of a line of guitar tablature on the top and a standard notation staff on the bottom. Finally

May I try this on?

Date: 2009

Title: Cheff Charlie Trotter demonstrates how to prepare gourmet meals

Source: SPOK: NBC_Today

Expanded context:

bite. COURIC: You OK? LAUER: Thanks. Yeah. COURIC: Sorry, sorry. CURRY: Here. ROKER: You didn't try anything, did you, Ann? COURIC: Yeah, Ann, try some. It's really, really good. Should we take this piece out? LAUER: Thank you. Mr-TROTTER: Well, you know, we're mak -- we're making a special version, which is going to be the -- the well done version. COURIC: Oh, we are? CURRY: **May I try a** bite of this? Mr-TROTTER: I wish you would. I wish you would. CURRY: To see how this is. Now, should I -- does it need to have a piece of the... Mr-TROTTER: Just a little bit of the fruit would be perfect with that. CURRY:

OK. Mr-TROTTER: It works perfect with... COURIC: I love gnocchi now. Mr-TROTTER: So now you like the gnocchi. COURIC: Yeah. Mr-TROTTER: I wasn't sure, you know, these

Live out of a suitcase

Date: 1995

Publication Information: SHOW; Pg. 19; NC

Title: Face Value; ; Chicago Native Is Must-Have Makeup Artist;

Author: Maureen Jenkins

Source: NEWS: Chicago Sun-Times

Expanded context:

family back home in Chicago have of his jet-set lifestyle -- that it's all glamor and fancy parties and big bucks. But, says Fine, " they don't see the commitment you have to these celebrities. " He's flown to Philadelphia at 3 a.m. to make over Patti LaBelle before her " Oprah Winfrey Show " gig, and flown back to New York for an all-day booking. # " Nobody sees me at the airport at 1 a.m., alone, " he says. " Travel is not a vacation. You **live out of a suitcase**. I have no insurance benefits or retirement plan. And every day that I have off that I don't work, I don't get paid. You have to be a hustler. You are the CEO of your own company. " # But all that aside, " I won't ever for one minute say I don't love what I'm doing. I'm doing what I enjoy, and I'm able to make a good living. As long as it's fun, I

Date: 1998

Title: Fred Hersch

Source: SPOK: NPR_Sunday

Expanded context:

concerts. And I've helped a number of other gay jazz musicians come out, hopefully just by being a good example. But I don't feel like he's the, you know, gay musician with AIDS. You know, I'm the pianist. And I happen to have these other parts of my personality too. And, this year, I've been busier than ever. And in a way, it's like boy, be careful what you wish for, you

might get it, you know. I **live out of a suitcase** these days. But I feel like I have the energy to do it, and music really keeps me going. And knowing that I have, you know, interesting projects coming up. And, frankly, the fact that you know there's been a lot of positive medical developments that fortunately I can -- my insurance pays for, and fortunately that I can tolerate, it means that I really feel like I've been given a great gift of more time to do these things that I want

Round Trip

Date: 2015

Title: Actress and our friend Taylor Schilling

Source: SPOK: TODAY SHOW 7:00 AM EST

Expanded context:

a three-day period and they recorded their conversations and when there was more talk about arithmetic, children then did better a year later in math achievement. Norway plans to become the first country to do away with FM radio. Beginning in 2017, Norway will switch entirely to Digital Audio Broadcasting. DAB apparently is cheaper. And according to the government it will get listener more diverse content and better sound quality than FM. If you are flying this summer, you may still get a small break on the price. The Airlines Reporting Corporation says that the average **round trip** fare to Europe is down about fifty dollars from last summer. That's thanks to lower fuel costs and because more seats are crammed into planes. Domestic fares are down but just barely about two dollars. The company says flights to Hawaii and Florida are cheaper but those to New York, Denver and San Francisco are still up. Furious 7 made it three in a row at the box office over the weekend and held onto that top spot taking in more than twenty-nine million dollars according to early

Date: 2010

Title: The Open Forum

Source: NEWS: Denver Post

Expanded context:

budget, " Sept. 27 letter to the editor. # Regarding state Rep. Kathleen Curry's suggested " specific " cuts in the state budget, I find that increments of \$200 million fall short of my concept of specific. Specific would be " Highway 50 will be plowed once a day during the winter " or " Western State College will be closed. " Or " Every college and university student will pay the out-of-state tuition rate. " Specific is " Legislators will receive 20 percent less pay, 20 percent less per diem and be allowed reimbursement for one **round trip** home per week. " # Give us a break, Rep. Curry - your constituents would be happy with a 20 percent reduction in the general fund personnel budget as long it didn't affect them. # Stephen McGavran, Denver # -- -- -- -- --
 -- -- -- -- -- # Plans for a shooting park within range of DIA # Re: " DIA targets gun range; Officials fear that a proposed shooting park near the airport could

*Take Off***Date:** 2017**Title:** Oregon HS football: Top 15 prospects for class of 2018**Source:** NEWS: OregonLive.com**Text available in:**

https://www.oregonlive.com/recruiting/index.ssf/2017/06/oregon_hs_football_top_15_pros_2.html

Expanded context:

order) # The entire honorable mention list consists of players who could very well be Pac-12 prospects. That kind of depth has never before existed in Oregon. Again, the 2018 class is truly special. # Courtesy of Malakai Salu # Screen Shot 2017-06-05 at 11.04.39 AM.png # 3* TE Keishon Dawkins (West Linn HS) # West Linn tight end Keishon Dawkins has the size (6-6, 240 pounds) to be a Pac-12 target. # The question will be his speed. If he can get down to the 4.7-4.8 range, his recruitment could **take off**. # Dawkins holds an early offer from Nevada, and more should be on the way. 4195832 # UNITED NATIONS -- The Trump administration warned Tuesday that the United States could pull out of the U.N. Human Rights Council unless the body ends what Washington calls the whitewashing of dictators' abuses and unfair attacks on Israel. # President Trump's U.N. ambassador, Nikki Haley, delivered the ultimatum

Date: 2017

Title: UDM, DPSCD seek to reverse lack of black male teachers

Source: NEWS: The Detroit News

Text available in: <https://www.detroitnews.com/story/news/local/detroit-city/2017/04/07/great-teachers-initiative/100162304/>

Expanded context:

volunteer opportunities and the launch of a " Teacher Academy " for high school students at the university. # " I'm asking you, if you know young people who might have this thought about going into education, let me know, " McKinnon said. " I personally will go talk to them. " # To prove the sincerity of his offer, McKinnon announced his cellphone number to the room. # Garibaldi made clear the university supports the initiative. # " I'm very hopeful that this collaboration that we're talking about today can really **take off** and we can be very successful, " he said. " This university is really committed to increasing the number of teacher education programs. " # Among Garibaldi's ideas is a scholarship for high school graduates who commit to teaching. # " Wouldn't it be wonderful if we could begin a program so that students left high school with a scholarship to become a teacher? And I'm not talking about a loan. All we would ask from them is a commitment to teach in the (Detroit

Domínio discursivo: Séries

Drive me crazy

Date: 2013

Publication Information: PERSPECT; Pg. 2D

Title: Spying among the ranks at AFA?

Source: NEWS: Denver Post

Expanded context:

N word among my summer school students, I was given some very wise advice by a young relative: Just substitute the word " neighbor " for the N word and your problem will be solved. When I informed my black and white students that was just what we were going to do, they thought I was crazy. I started first, and walked up to my most troublesome student and said, " You know what, Jarrell, I sure would like to be able to say you are my favorite neighbor, but sometimes, you **drive me crazy**. " He burst out laughing, then he asked if he could try it. He called over his good friend. " Hey neighbor, you want to hang out with some other neighbors Saturday? " Then Jerry, one of the white students, yelled at Jarrell, " Hey neighbor, can a white kid come? " The class got silent for a moment. Jarrell responded, " I'm not sure you'd like the neighborhood, Jerry. But if you think you can deal with

Date: 2011

Publication Information: Section E; Column 0; Style Desk; Pg. 6

Title: Taking the Scissors To Annoying Labels

Source: NEWS: New York Times

Expanded context:

said it's common for people to remove labels if the size is bigger than their self-image. " It's understandable when sizes vary so much,' Ms. Power said. " I wear an XS at Banana Republic but have a bridesmaid's dress by Betsey Johnson that is Size 10, which I would probably cut out if I had to look at it all the time.' # Zak Graff, 34, a marketing consultant in Los Angeles, said he likes the cut and fit of the Spanish brand Zara, but " the labels **drive me crazy** because they are 2 to 3 inches long and stacked one on top of another.' (Any clothing sold in the European Union must have attached labels translated into every member country's language.) # Mr. Graff keeps a seam ripper in his dopp kit to remove such aesthetic and potentially allergenic offenses. " I take out the labels when I cut off the hanging price tag,' he said. " It's this whole process after I buy something new.' # But before he can remove

Pick it up

Date: 2017

Title: In 'Game of Thrones' Withdrawal? Brandon Sanderson Can Help.

Source: MAG: Daily Beast

Expanded context:

set it in a weird path. " # With Stormlight, I'm trying to bring more of a science fiction world-building perspective and build a new ecology, build different types of biomes, and different types of ecological effects and different animals living in different ecologies and different cultures having adapted themselves to the different types of ecology. I'm trying to do kind of more of a wholesale rebuild of a new world. And that's like I say, a question of learning curve. When you pick up Mistborn, I want you to be able to pick it up pretty quickly and focus on the other things like the big questions it's dealing with. With Stormlight, I want you to **pick it up** and say, " Whoa, OK this isn't what I've seen before. I'm going to take some time and dig into and learn what this world is like. " That's going to have a profound effect on the characters. # Fantasy writing has come under fire in that past for a variety of reasons related to things like

*Working on***Date:** 2017**Title:** Family saw livestream of missing teen's sexual assault**Source:** NEWS: New York Post**Text Available in:** <https://nypost.com/2017/03/21/family-saw-livestream-of-missing-teens-sexual-assault/>**Expanded context:**

5 or 6 men. " # Johnson immediately escorted the girl's mother into the police station and notified the department's chief of detectives. At least 40 people were watching the livestream at one point, Guglielmi said, adding that investigators contacted Facebook to remove the video. # " What's even more disturbing, more than the fact that they did this, there were so many people that saw this and they didn't pick up the phone and dial 911, " Johnson told WGN. " That's just not right and (we're) **working on** it and try to bring it to a successful resolution. " # Austin, a freshman at Lane Technical College High School, left home after going to the store on Sunday, WGN reported. 4181429 # The well-executed April issue of Allure features personal stories from women of color who've experienced some form of racism or colorism, including Eva Longoria, future princess Meghan Markle, Fresh Off the

Date: 2017

Title: Santa Ana Zoo has appeal denied following loss of accreditation ...

Source: NEWS: OCRegister

Expanded context:

beautifully-doomed band for a beautiful, doomed generation. Their demise was always part of the deal. 4192642 # Black howler monkeys groom in the Amazon's Edge exhibit at the Santa Ana Zoo on Thursday June 9, 2017. Amazon's Edge exhibit is the newest primate exhibit built in 1993 and is now having infrastructure issues. The zoo recently lost its Association of Zoos & Aquariums accreditation because its monkey exhibits are not up to par. The zoo is **working on** a new overall design which would address issues of aging exhibits. The zoo's goal is more open, airy, naturalistic exhibits with lost of stimulation and social opportunities for the primates. The zoo was opened in 1952. (Photo by Ana Venegas, Orange County Register/SCNG) # SANTA ANA -- Zoo director Kent Yamaguchi insists the institution remains committed to saving its animals from extinction, despite losing its accreditation earlier this year and recently having its appeal of that ruling denied. # " What we do

Packed off

Date: 2013

Publication information: Jan/Feb2013, Vol. 38 Issue 1, p52-53. 2p. 6 Color Photographs.

Title: Our First Gay Muslim Kenyan Communist Lizard President

Author: SUEBSAENG, ASAWIN; GILSON, DAVE;

Source: MAG: Mother Jones

Expanded context:

In October, Georgia GOP lawmakers held a briefing on the president' s secret mind-control plot. # Depends on a teleprompter: Unlike every other modern president, 44 is incapable of speaking in public without his trusty teleprompter. # Had a Cyrano: WND reported that Obama didn' t write his own love letters to his college girlfriend. # Wrote anti-Semitic poetry: However, according to the American Thinker, Obama did write a youthful poem comparing Jews to 4125416 underwater apes. # Had his lover exiled: After he fooled around with an attractive young staffer, Michelle had her **packed off** to the Caribbean before the' o8 campaign. # Is gay:

And he joined Reverend Jeremiah Wright' s church to keep it on the down low. No, really. (Via Corsi, of course.) # Covered up a crack 4126312 orgy: In 2008, a smalltime conman named Larry Sinclair and his kilt-wearing lawyer held a press conference to spin this yarn about the future president. # Funded his campaigns with drug money: Followers of Lyndon LaRouche report that both Obama campaigns were financed by laundered

Date; 2013

Publication information: OPINION; Pg. 22A

Title: The Open Forum Letters to the Editor

Source: NEWS: Denver Post

Expanded context:

to compare the cases of Evan Ebel and James Holmes. Ebel was a hardened criminal who is believed to have killed two men. His sanity was never questioned, though one might wonder about the parole board. The emphasis is totally on him. His weapon is mentioned only in passing and is an example of how easy it it to evade even the strictest gun law, which was in place with respect to him. Holmes, the suspect in the Aurora theater shooting, also killed. He will plead insanity and get a severe scolding, then be **packed off** to a comfortable hospital for a while. In his case, the emphasis is completely on his guns, as though they could have functioned without him. Why? What is different? Both men are killers, and killing people by any means is already against the strictest of laws. Both men apparently had bombs and other weapons as well as guns. We do not have a gun problem. We have a people problem. Until the media and our peerless leaders recognize and face that very tough

Keep an eye out

Date: 2017

Title: Opioid use may soon threaten the loss of a generation of Americans ...

Source: NEWS: cleveland.com

Expanded context:

" We're persuaded it will have a definite impact. " # We can only hope. In the meantime, the epidemic continues its deadly onslaught. Synthetic drugs can be produced in laboratories in Asia, Africa or an Appalachian farmhouse. Curbing demand will require relentless attack on

the supply chain. It will also require effective drug treatment to rescue the sick; medical therapies that don't recklessly prescribe opioids; and educational programs to deter the young from ever starting down the path of opioid addiction. # It will also require families and neighbors to **keep an eye out** for each other. A 7-year-old child should never be able to gain access to heroin. That's unforgivable. # A CLARIFICATION: # In a column last week, I understated the number of heroin and fentanyl overdoses in Cuyahoga County in 2016. Nearly 600 people died from opioid consumption last year. In addition, the number of lives saved through the use of Narcan (a heroin antidote) was nearly double the number of victims who died from opioid overdoses

Date: 2016 (160704)

Title: We are back now with one of our favorite July Fourth traditions here on TODAY.

Source: SPOK: TODAY SHOW 7:00 AM EST

Expanded context:

take a look at what we can expect this week as far as precipitation is concerned. It's been raining for quite a few days now through the Midwest and into the Ohio and Tennessee River Valleys. This is moving eastward. And by the time we get to the middle of the week, same kind of zone that's seen the showers and some scattered thunderstorms. But it's really by the end of the week in and around the Great Lakes where we do have the chance where some severe storms could develop. So something **to keep an eye out** for later on this week. Now, as we look at temperatures, it's below normal in this area here mainly because of the clouds and the showers that we've been seeing. But watch as the above normal temperatures will start to spread by the middle of the week. Even up across New England, temperatures well above average down through D.C., up into New York City. Temperatures in the mid- nineties. Down south, temperatures will be in the nineties. But your feels like